

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

---

---

## SUMMARIO

A EMANCIPAÇÃO POLITICA DO BRASIL . . . . .	Haddock Lobo. . . . .	3
OSVALDO DE ANDRADE . . . . .	Mario de Andrade . . . . .	26
YEUX VERTS . . . . .	Emmanuel Sondorf . . . . .	34
A LINGUA BASCA E O POR- TUGUEZ . . . . .	Friedrich Sommer. . . . .	36
A PROPOSITO DAS OLYMPIA- DAS . . . . .	Sergio Milliet. . . . .	45
FOGOS . . . . .	Correia Junior . . . . .	48
NO JARDIM DAS LENDAS . . . . .	Silveira Bueno . . . . .	49
CERTAMEN SCIENTIFICO-LI- TERARIO IBERO-AMERICANO . . . . .		53

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS  
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÈ, 34 SÃO PAULO

**REVISTA DO BRASIL - PRAÇA DA SÉ, 34 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO**  
 Teléph. Central 4012  
 ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800  
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: SERGIO MILLIET

# Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

*Estudos de Contabilidade*, obra em quatro volumes, em brochura. . . . . 40\$000

*Tratado Elementar de Contabilidade*. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

*Explicações Praticas de Escripção Mercantil*. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. . . . . 6\$000

*Arithmetica Commercial e Financeira*. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

*Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros*. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$000

*Problemas de Escripção*. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

*Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida*. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

*Curso de Contabilidade*, em Jez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

*Contabilidade Mercantil*, em brochura . . . . . 10\$000

*Contabilidade Bancaria*, em brochura . . . . . 12\$000

*Contabilidade Industrial*, em brochura . . . . . 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

*Contabilidade Agricola*, em brochura . . . . . 10\$000

Pedidos á

**Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato**  
 Praça da Sé, 34 São Paulo

# Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

---

IMPORTADORES E INDUSTRIAES  
RUA LIBERO BADARO', 169  
S. PAULO

---

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

---

Papel,  
materiaes  
para  
construcção,  
aço,  
ferro,  
Cimento  
"2 Bandeiras"  
e "Bandeira  
Sueca".

# *A Revista da Sociedade de Educação*

*deve ser lida por todos quantos se  
interessam pelos assumptos didacticos.*

## **Redactores**

*Dr. A. Almeida Junior*

*Prof. Léo Vaz*

*Prof. Brenno Ferraz do Amaral*

*Dr. Haddock Lobo Filho*

*Prof. Pedro de Alcantara Machado*

**Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO**

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

**Assignatura annual . . . . . 12\$000**

## CIDADES VIVAS

DE BRENNO FERRAZ

Paginas admiraveis de sociologia, em que se tem nitida impressão da vida de trabalho das cidades paulistas que se estendem pelo Paranapanema e pelo Tietê.

PREÇO: 5\$000

**Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO**

**PRAÇA DA SÉ, 34**

**SÃO PAULO**

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

# Lições de Portuguez

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes .... 8\$000

A sahir:

## Anthologia Portugueza

Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — S. Paulo

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col-  
legios e professores

## Presentes de Natal para a creançada!

DODÓCA, historia de uma boneca, de d. Dolores Barreto

A CAÇADA DA ONÇA, de Monteiro Lobato

JÉCA TATUZINHO, de Monteiro Lobato

Illustrados por Wiese

Desde já acceitam-se pedidos.

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO

# "REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor : MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

## ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL . . . . .	30\$000
INTERIOR E ESTADOS . . . . .	32\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	3\$000

Pedidos à

**NOVA ERA, Empresa Editôra**

**PAULINO VIEIRA & CIA.**

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone : Central 1681 — S. PAULO



GALERIA DOS EDITADOS



D. FRANCISCA DE V. BASTO CORDEIRO

autora do "*Jardim Secreto*".

# REVISTA DO BRASIL

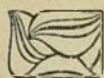
---

VOLUME XXVII

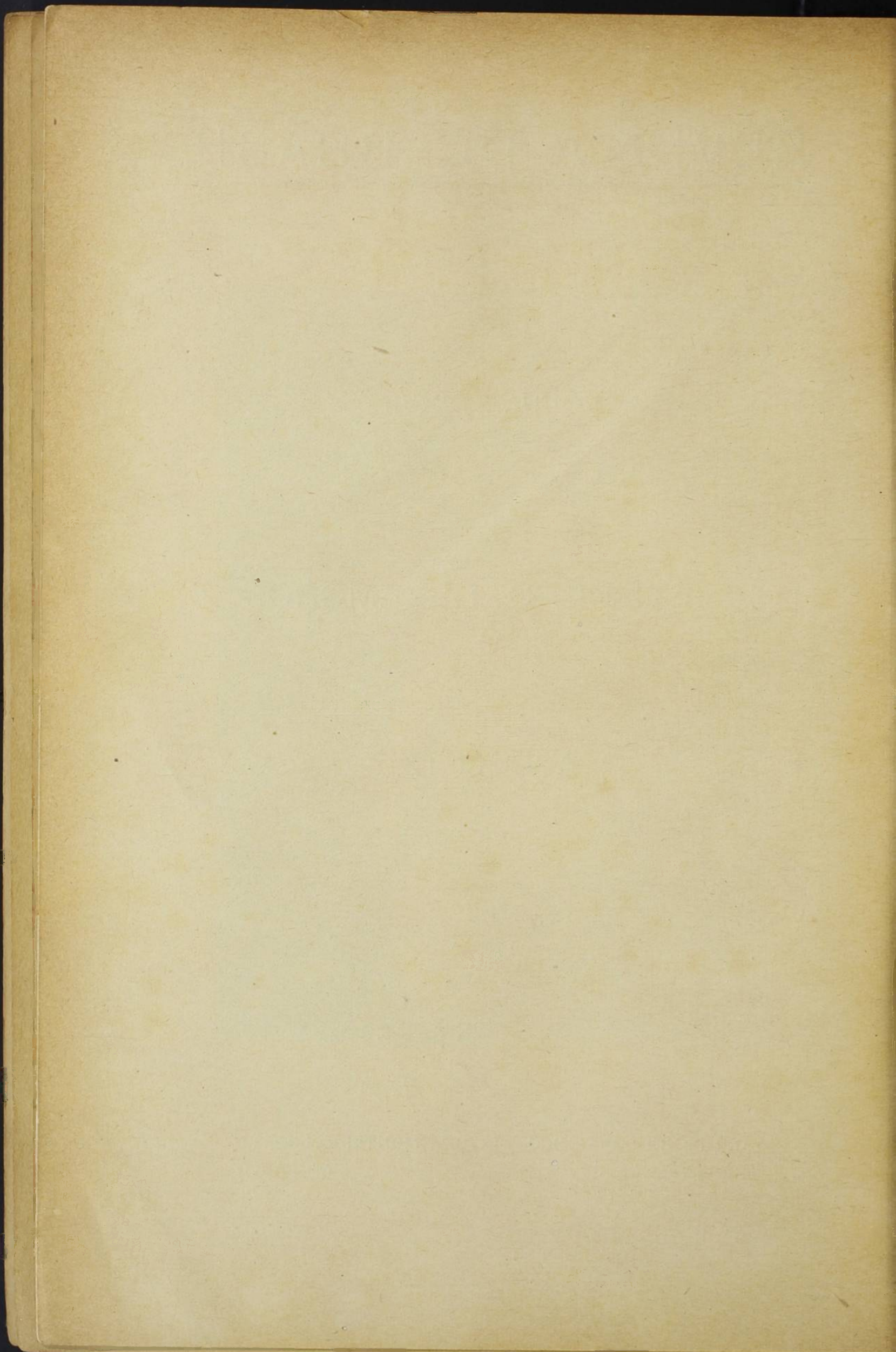
SETEMBRO - DEZEMBRO

DE 1924

ANNO IX



COMPANHIA GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO



---

# REVISTA

DO

# BRASIL

## A EMANCIPAÇÃO POLITICA DO BRASIL

---

**N**A ultima quinzena de janeiro de 1808, a população da cidade de São Salvador assistia attonita, respeitosa e principalmente deslumbrada, a chegada da familia real portugueza. Era a primeira vez que gente de sangue azul, ou melhor, gente do mais azul dos sangues, pisava solo americano. É posto que em nosso paiz houvessem ecoado os rumores terriveis daquellas éras em que a cabeça de um rei rolára na guilhotina, posto que por estas plagas houvesse tambem quem fosse capaz de enforcar "o ultimo dos reis no craneo do ultimo dos frades", o prestigio da realeza de tal forma era certo e positivo, que toda a Bahia vibrou de entusiasmo, de contentamento, de gratidão, quando viu desembarcar em seu solo o Principe Regente D. João, que governava Portugal em nome de D. Maria I, louca desde 1792. Por seu turno, a familia real, ou melhor, o Principe, que lhe era o chefe, se enterneceu ante o carinho daquella recepção, em que a sinceridade se alliava á especie de extase produzido pela magia que despertava os que até ha pouco haviam sem discrepancia governado povos com todo o absolutismo.

Quando, dias depois, aportava ao Rio de Janeiro, a 8 de março do mesmo anno de 1808, D. João teve o que Oliveira Lima chamou, e com razão, "a illusão da chegada". Pareceu-lhe que tinha por fim encontrado a Chanaan desejada, sobretudo porque da vida, até então, só conhecera a parte dura, a parte lancinante, a parte continua de amarguras e de entraves, quer na vida publica, quer na vida privada. O céu sempre azul, o verde da vegetação exuberante que cerca aquella linda Bahia de Guanabara, o calor

amigo dos habitantes, tudo numa palavra, homens e coisas, deralhe uma absoluta certeza de que lhe correriam felizes os dias que teria de passar aqui, maximè quando lhe acudiam á lembrança as horas terriveis de Portugal, o sobresalto continuo em que de ha muito vivia.

E o Brasil que D. João vem encontrar, por mais que delle tivesse noticia — e era da indole do Principe cuidar dos negocios publicos — estava muito mais desenvolvido do que o Regente podia suppor. Longe estavamos nós daquella Ilha, como a cognominou Pedr'Alvares, em 1500, povoada de um gentio apathico e absolutamente fóra da civilisação. Em tres seculos haviamos caminhado de uma maneira assombrosa, tão rapida que na America só outro paiz, os Estados Unidos, nos ultrapassavam nos progressos alcançados. Eramos pouco menos de tres milhões de habitantes, algumas das nossas cidades passavam de 50 mil — a Bahia e o Rio. A nossa exportação, que provava bem a importancia do nosso commercio, atingia a mais de 20 mil contos, e a importação a menos, a 10 mil. Já produziamos, e em numero bem razoavel, materias primas de primeira ordem: o assucar, de que Pernambuco tinha a primazia, com 20.000 caixas annuaes, se computava ao todo em 44 mil caixas; o algodão com mais de 70.000 arrobas de producção; o café, que já attingia de 90 a 100.000 arrobas, quasi todo do Pará, de onde veio para o Rio e dahi mais tarde para Minas e S. Paulo, onde se tornou rei. Duzentos e quarenta mil couros de boi eram annualmente produzidos no Brasil, o cacau, o arroz, o anil, tudo em quantidade notavel, sem falar da gomma, da salsaparrilha e outras hervas medicinaes, que entravam em menor numero no total da nossa producção. Muito de industria foram deixados á parte o ouro e os diamantes. Estes de tal forma innundaram os mercados europeus, que o preço delles baixára sensivelmente. Varnhagen calcula em 6.000 arrobas, ou melhor, em £ 60.000.000 a quantidade de ouro sahido do Brasil até então. Quanto aos diamantes, anda em mais de tres quintaes a porção que seguiu para a Europa.

Si dos elementos financeiro, economico e commercial, que summariamente foram examinados, se passar aos demais que caracterizam o desenvolvimento da civilisação de um paiz, ver-se-á que o Brasil não havia em relação a estes caminhado menos. Nós já tinhamos notaveis representantes em certos ramos das artes. Na pintura haviamos produzido José Theophilo, José Leandro, auctor do painel que representa D. João e a familia real em extase deante de Nossa Senhora do Carmo, verdadeiros talentos sem escola, sem os meios nem occasião para se desenvolverem. Mas, admittindo, por precaução, que nesse particular não houvessemos attingido a

méta razoavel, na esculptura os "Jacarés", do Mestre Valentim, que todo o mundo conhece, ainda lá estão no "Passeio Publico", do Rio de Janeiro, para attestar como em plena Urbis colonial brotou uma individualidade que, si não é possível appellidar de genio, em rigor não deve ficar muito aquem desse qualificativo. Sobretudo na musica, havia por esse tempo brasileiros que ainda hoje os mestres consideram como das mais notaveis, das mais delicadas, das mais primorosas organizações artisticas que o mundo tem produzido. Entre todos, cumpre destacar José Mauricio Nunes Garcia, o pardo padre, o auctor da Missa de 1801. da Missa de *Requiem* por D. Maria I, ambas obras primas, sobretudo a primeira, em que a emoção transborda de cada uma das suas partes componentes, capaz mesmo hoje de fazer vibrar os mais exigentes ouvidos.

Na literatura, é excusado relembrar os nomes que ainda ali estão para attestar o grau de desenvolvimento que nesse ramo da arte nós havíamos conquistado. Para não falar dos que já se haviam ido — dos Gonzaga, dos Claudio, dos Alvarenga Peixoto, dos Santa Rita Durão, dos Basilio da Gama — serão citados apenas Silva Alvarenga, Pereira Caldas, Mariano Pereira da Fonseca, além de outros, sufficientes para demonstrar a altura a que já havíamos chegado no culto das bellas letras. Convem consignar que si alguns desses nomes, ainda agora lidos e com extremo prazer, se haviam formado no convivio europeu, outros eram puros autodidactas, sem jámais ter deixado as plagas coloniaes. Estão nesse numero os tres grandes oradores sacros — Frei Francisco de S. Carlos, Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio e Frei Francisco de Montalverne, o maior de todos.

S. Carlos nos legou o notavel poema "Assumpção". Sampaio, além de orador, jornalista e patriota, foi um dos grandes campeões da Independencia, alma de eleição e espirito de escol, cuja palavra vibrou, e vibrou com extrema eloquencia, prégando a necessidade da nossa emancipação politica. De Montalverne basta dizer que já cego, sua palavra era tão flammejante que o Rio de Janeiro, a Côrte e o Imperador corriam a escutal-a na Capella Imperial. Nas mathematicas brilhava o espirito de Frei Pedro de Santa Marianna, o futuro bispo de Chrysopolis e preceptor e amigo querido de Pedro II.

Nas sciencias, marcam o estagio do nosso adeantamento personalidades como as de Frei José Mariano da Conceição Velloso, Arruda Camara e Manuel Ferreira da Camara Sá e Bittencourt, e sobre todos, pairando como um sol em torno do qual astros da grandeza desses que vimos de citar tinham de empallidecer, a figura imperecivel do sabio José Bonifacio de Andrada e Silva.

Ora, deste rapido esboço se conclúe que ao desembarcar em nosso paiz a familia real portugueza, tinhamos alguma coisa de perfeitamente definido, a capacidade quer economica, quer financeira, quer literaria, quer scientifica, quer moral, para nos tornarmos uma nação.

Faltava-nos, entretanto, o essencial, isto é, o espirito publico. Este existia, é certo, nessa pequena minoria, nesse escol de esplendidas figuras que eram a nata do paiz, mas não se desenvolvera ainda no grosso da população, em mais de dois terços composta de escravos, mestiços e caboclos, todos analphabetos. Não tinhamos, a bem dizer, escolas nem superiores, nem secundarias, nem primarias. A instrucção, rudimentar embora, que em tempos se ministrára nos collegios e nas casas dos Jesuitas, havia soffrido um rude golpe com a expulsão dos mesmos por Pombal, em meados do seculo XVIII.

Certamente nas cidades maiores havia aulas de grego, de latim, de rhetorica, de mathematicas, de philosophia, como havia cirurgiões que ensinavam rudimentos da arte de curar. Entretanto, isso não bastava para que se diffundissem razoavelmente os conhecimentos essenciaes á formação intellectual, que só se deparava aos brasileiros alem do Atlantico e especialmente em Coimbra.

Dahi não é difficil concluir porque nos encontravamos em condições pouco propicias sob o ponto de vista do espirito nacional para assumirmos o governo de nós mesmos; dahi o se comprehender, sem pena, como e porque fracassaram, victimas em regra da apathia sinão da hostilidade dos proprios conterraneos, todas as anteriores tentativas de emancipação politica, ainda que regionalistas.

A época que se vae seguir depois de 1808 ha de aclarar de muito as trévas coloniaes, mas ainda assim a nossa independencia só se fará porque, já se disse, meia duzia de eximios patriotas habilmente se aproveitarão da inepecia dos liberalões portuguezes de 1820.

No emtanto, antes da politica, nós havíamos de ter a emancipação economica, de que foi autor D. João, ainda regente de Portugal. Sim, porque o que antes ficou exarado relativamente ao nosso desenvolvimento, si é permittida a expressão, no sentido material, se deu sob o regimen colonial e apesar d'elle, o que é muito mais significativo para comprehensão da exuberancia da seiva da terra que, sem liberdade de commercio, monopolizado pela Metropole, sem industria, cujas possibilidades eram todas interdectas pelo Governo para impedir a concorrancia á atrazadissima industria portugueza — se expandiu *quand même*.

A 28 de janeiro de 1808, ainda na Bahia, D. João assignou o celebre decreto em que abriu os portos do Brasil ao commercio das

nações amigas. E' de uso entre nós attribuir a José da Silva Lisboa, o futuro visconde de Cayrú, grande autoridade em economia politica e discipulo de Adam Smith, a auctoria desse decreto, ou pelo menos uma decisiva influencia na sua elaboração. E' possivel, é certo mesmo que Silva Lisboa contribuiu muito para que o decreto fosse lavrado. Mas só os que não se habituaram a ler nas entrelinhas da historia, poderão deixar de attribuir aos inglezes a verdadeira suggestão e talvez imposição da medida. Aos inglezes mais que a ninguem convinha a abertura dos portos brasileiros ao commercio das nações amigas, commercio que se reduzia quasi exclusivamente ao delles mesmos, na época senhores absolutos dos oceanos. E ao Principe, é bem de ver, não era licito recusar um pedido daquelles que o haviam salvo das garras napoleonicas e se haviam prestado a garantir-lhe a viagem, comboiando as naus portuguezas com a esquadra de Sydney Smith até ás aguas pacificas do Brasil, longe, muito longe de Junot e dos Jacobinos...

Para nós esse decreto foi um verdadeiro grito de independencia. Não escapou, aliás, á agudeza do futuro D. João VI o surto que a sua resolução de Janeiro de 1808 nos ia proporcionar. E foi prophético o bom do Principe, quando, ao pôr os pés na capital do Brasil, declarou que vinha fundar na America um vasto e novo Imperio.

Esse mesmo Rio de Janeiro, acanhado, apertado entre o Mangue e o Mar, a Saúde e a Gloria, com pouco mais de 50 mil habitantes, em 1808, teria cerca de 150.000 treze annos depois. E além do Campo de Sant'Anna, caminho de S. Christovam, a cidade nova já se iniciava, abrindo novos horizontes á expansão da velha Urbis.

Aliás, não convem restringir a expressão "commercio das nações amigas" ao simples intercambio de fazendas ou generos susceptiveis de venda e de compra; deve-se amplial-a á penetração de toda a sorte de elementos civilisados, gente, livros, idéas, vindos de além mar. Com effeito, quanto nesse sentido penetrou no Brasil, desde o decreto expedido da Bahia, é incalculavel, e si pudessemos concretizar em uma unica expressão todos os beneficios, moraes, sociaes, artisticos e intellectuaes que delle colhemos, recorreríamos á missão Lebreton, soberba pelos nomes de que se compoz e na qual os Debret, os Taunay, os Ferrez, circumdavam a gloriosa personalidade do famoso membro do Instituto de França.

Foram treze annos os da estadia do Principe, depois rei D. João VI, em nosso paiz. Em 1815, já melhoradas sobremaneira as nossas condições, pela abolição do systema colonial, foi o

Brasil erigido em reino. Certamente esse acontecimento tão significativo não se produziu só porque D. João tivesse a idéa de galardoar o nosso paiz, com a designação que o equalava á Metropole, e menos ainda porque quizesse agradecer os beneficios que porventura delle tivesse recebido. Razões politicas a tanto o obrigaram. Aquella figura magnifica de diplomata e homem de sociedade, que foi o Conde de Palmella, em quem Mme. de Staël encarnou o heroe de "Corina", communicou da capital austriaca ao Regente que o Principe de Talleyrand lhe aconselhára, ser o unico meio de fazer Portugal figurar entre as grandes nações signatarias do tratado de Vienna, elevar o Brasil a reino, para desse modo, como soberano de um dos maiores paizes do mundo, conseguir a inclusão de Portugal entre as grandes potencias.

As consequencias politicas da nossa promoção a tão alta categoria se fizeram sentir e de maneira inconcussa alguns annos depois, quando aos portuguezes recolonizadores de 1820 a invocámos altamente em favor da nossa egualdade de direitos com o reino peninsular. Não se pode contestar que para tal resolução entrasse de algum modo o amor verdadeiro que D. João sentia pela hospitaleira terra a que se acolhera espavorido de Portugal. Aqui ao menos havia mais facilidade de fugir á insupportavel convivencia com a detestada e detestavel esposa, e lhe era mais facil ir de S. Christovam ao Cajú ou do Cajú á Ilha do Governador, quando D. Carlota se lembrava, o que aliás não era commum, de deixar os seus refugios de Botafogo, das Laranjeiras ou do Rio Comprido, para voltar á Boa Vista.

Apesar das instancias e até das impertinencias inglezas, apesar dos pedidos do seu povo, apesar da grita, apesar do estado de verdadeiro alarme que inspiravam as coisas de Portugal, o já então D. João VI não pensava em deixar mais o seu reino americano. Viu-se, entretanto, forçado a isso em 1821. Uma revolução estalára no Porto, em 24 de agosto de 1820, dirigida pelo "Synhedrio", sociedade secreta, da qual eram cabeças o desembargador Manoel Fernando Thomaz e principaes figuras Ferreira de Moura, Silva Carvalho e Ferreira Borges.

O "Synhedrio", como outras associações congeneres, representava bem o sentir da nação luzitana no momento. Portugal se via de hora para hora mais enfraquecido, mais deprimido, mais incapaz de resistir ao formidavel surto que o Brasil tomára desde a vinda da familia real para a nossa Terra. Todo o seu commercio com a Colonia Brasileira, por força da concorrencia estrangeira, estava por assim dizer anniquilado, e essa era a unica fonte de recursos para a pequena nação rotineira, morosa,

entardecida no evoluir, sem industria, ou pelo menos com industria impossivel de competir com as dos paizes adeantados. Acontece que, talado e empobrecido por tres invasões successivas, o reino portuguez se via a braços com a penuria e a miseria resultantes ainda do pessimo estado da agricultura, aggravando-se tudo pelo vexame da occupação ingleza, senhoreando o exercito e a administração. Só a volta do monopolio, só o retorno da grande Colonia ás condições anteriores a 1808, poderiam salvar a velha Patria dos Conquistadores do Oceano e de novo dar-lhe sinão o esplendor e a fortuna, ao menos o bom viver de outr'ora.

Em 1817, na conspiração de Gomes Freire, essa angustia nacional já se esboça com nitidez, e não obstante a tentativa, uma especie de Inconfidencia Mineira, se ter mallogrado antes mesmo de ser posta em execução, no animo dos portuguezes, lavradores, commerciantes ou soldados, o pensamento de a todo o transe fazer o rei voltar ao paiz de origem, recolonizar o Brasil, numa palavra, retornar á era anterior a 1808 — se converteu em obsessão. Talvez por isso mesmo não foi gente portugueza extranha nem infensa á revolução pernambucana de 1817, que, victoriosa, traria a independencia de uma ou mais provincias brasileiras, obrigando o rei a se lembrar da sua Terra natal e a lhe pedir os recursos necessarios para tão grave eventualidade, do que com certeza deveria resultar pelo menos a volta da Côrte a Portugal.

O que é certo, positivamente certo, é que a revolução portugueza de 1820 se fez por um desejo unanime da parte portugueza da Monarchia, e que o seu verdadeiro intuito se resumia nestes dois vocabulos — recolonizar o Brasil.

Urgia, entretanto, no inicio mascarar a artilheria, maximè quando esta era manejada por gente habituada á astucia, advogados, magistrados, homens da lei. Por isso mesmo abstiveram-se elles, no começo, de revelar os verdadeiros motivos e os verdadeiros fins da revolução, que afinal de contas eram legitimos, encarados sob o ponto de vista portuguez. Ao contrario, convinha fazer ao reino ultramarino as mais largas promessas de liberdade, captar-lhe as sympathias e a adhesão, de forma a impedir que, apoiado por elle, o rei viesse a jugular o movimento da antiga Metropole, estancando de subito e de prompto a arrancada dos liberalões do Porto e de Lisboa. Dahi as expressões campanudas, á maneira do tempo — “o Constitucionalismo, o Liberalismo, a Regeneração, as franquias, as liberdades”, com que nos acenaram e nas quaes, com a maior ingenuidade nós acreditámos em absoluto. Propagada a revolução do Porto a Lisboa, estribada no exercito que, aproveitando a vinda de Beresford ao Brasil, se sentia mais á vontade para se rebelar contra

o intoleravel jugo inglez, não tardou que ella se extendesse pela nossa Terra, inhibindo desde o primeiro momento toda e qual-quer velleidade de resistencia por parte do Monarcha e dos partidarios do Absolutismo. No dia, porém, em que, certos de não encontrar nenhuma repulsa no Brasil, e antes um sincero *élan* pela idéa de que se diziam arautos, os Fernandes Thomaz, os Borges Carneiro, os Ferreira de Moura, viram chegar á barra do Tejo, para lhes cair nas garras, "o velho rei" — o véo se decerrou e para logo, postas as cartas na mesa, se começou o jogo franco contra a antiga Colonia. De então em diante, prisioneiro de facto em Queluz aquelle que nos déra a emancipação economica, os liberalões amantes da liberdade para elles e da escravidão para nós, iniciaram a série de medidas, felizmente mais no papel do que em actos, chamados com razão "recolonizadoras". D. João deixára as aguas da esplendida bahia que tanto amava, a 26 de abril de 1821. Não fôra sem grande repulsa a principio, nem grande magua depois, que elle se resignára a abandonar o torrão brasileiro. Contam que Sylvestre Pigneiro, seu ministro imposto pelo motim de 26 de janeiro de 1821, fôra o unico que, na reunião definitiva dos conselheiros e dos magnatas que cercavam o rei, havia opinado pela permanencia do mesmo em nossa Terra. Contam mais que, após o conselho, D. João disséra a esse ministro: "Fomos vencidos, Sylvestre!" Que o rei não desejava sair do Brasil, é facto incontestavel. Parece até que a isso se ligam certas prisões feitas em principios de abril de 1821, as dos desembargadores João Severiano Maciel da Costa e Carvalho de Mello e a do vice-almirante Pinto Guedes, todos futuros titulares do Imperio — Marquez de Queluz, Visconde da Cachoeira e Barão do Rio da Prata, respectivamente, dos quaes os exaltados portuguezes constitucionalistas desconfiaram tramassem contra a partida do rei.

O motim de 21 de abril na Praça do Commercio, chamada depois "Açougue de Bragança", por occasião da eleição dos deputados do Rio de Janeiro ás Côrtes de Lisboa, e que acabou tragicamente, ao que se diz pela intervenção directa do Principe D. Pedro, attesta que grande numero de brasileiros, adivinhando talvez as consequencias da ida do monarcha, tentaram á viva força impedil-a.

O que não se pôde apurar com segurança foi a coparticipação do rei na mashorca. Mas, não ficará muito longe da verdade quem a admittir, baseada na manha e na astucia inveteradas do marido de D. Carlota. Esta, sim, de tal forma detestava o Brasil "terra de sevandijas"! que foi possuida da maior alegria que embarcou para Portugal.

Ido o rei, ficou como Regente do Brasil o seu filho primogenito, D. Pedro de Alcantara, moço com 23 annos, casado com uma das mais cultas princezas de todos os tempos, a virtuosa archiduqueza Maria Leopoldina da Austria, grande amiga do nosso paiz e ao qual prestou inegalaveis serviços, até bem pouco sinão desconhecidos, ao menos não rememorados como merecem.

Para ficar, D. Pedro tudo havia feito, servindo-se até de meios que não podem ser louvados, sob a instigação de D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, seu mentor na emergencia, da qual desejava tirar o maior partido. Com effeito, seria elle, o Conde dos Arcos, quem verdadeiramente governaria, uma vez que o joven Principe, sem experiencia e sem conhecimentos proprios, á testa do paiz, não poderia deixar de lhe recorrer aos conselhos e ás iniciativas. Durou-lhe pouco a illusão. Quem havia de governar o Rio, impondo a propria vontade á do Regente, seria a força militar portugueza, e especialmente a Divisão Auxiliadora, aquelles officiaes plenos de empafia, de orgulho — e porque negal-o? — de sincero ardor constitucional, que dominaram sem contraste até fins de 1821.

O motim de 5 de junho desterrou para Portugal, prisioneiro em um navio de guerra, o Conde dos Arcos, e obrigou o Principe a acceitar ministros indicados pelos revolucionarios e a executar outras imposições dos mesmos. Em breve, porém, os militares luzitanos julgaram necessario vir ás boas com o seu futuro soberano, despeitado, desgostoso e até irritado com a prepotencia e as violencias delles, e á custa de affagos, de louva-minhas, de blandicias, procuraram captar-lhe de novo as graças e chamal-o ao amor e á confiança nos mesmos. Dahi o grande baile de 24 de agosto de 1821, no Theatro S. João, e do qual o esplendor se traduz bem pelas descripções coevas e sobretudo pelo que se despendeu, mais de cincoenta contos, somma avultadissima para a época.

Nós entretanto — e é o que importa — não tinhamos por esse tempo uma idéa exacta do que nos convinha.

No Rio governava o Principe e nas demais provincias, nome que passaram a ter as antigas capitánias, logo depois da instituição do governo constitucional, haviam sido eleitas juntas de governo, de accordo com as instrucções mandadas de Lisboa. A auctoridade do Regente só se fez sentir de facto sobre o Rio, S. Paulo e as capitánias do extremo Sul: Santa Catharina e Rio Grande. A propria Minas só lhe entrará em obediencia verdadeira mais tarde, bem mais tarde, em março de 1822. Nas outras, o Constitucionalismo tinha vindo de encontro á tendencia particularista, á feição regionalista que, como já ficou dito em

conferencia anterior, era resultante da amplitude da nossa enorme base physica, da formação mesma das nossas classes superiores e ainda da descentralização administrativa do regimen colonial portuguez. Dest'arte, afora as que se puzeram desde logo ao serviço das idéas da Metropole — a Bahia, o Pará e o Maranhão — exceptuadas Goyaz e Matto Grosso, sem importancia politica e as que acompanharam D. Pedro, as demais, tendo como centro Pernambuco, do qual eram satellites, iniciaram desde logo a politica de *maromba* entre o Regente e as Côrtes de Lisboa, no designio bem visivel de se aproveitarem da contenda para crearem a propria independencia sob a forma republicana. E' o que explica a apparente contradicção dos antigos revolucionarios de 1817, dos companheiros do Padre João Ribeiro e de Domingos José Martins, os Gervasios Pires e os Felipe Nery, não se decidindo, até quasi a hora do 7 de setembro, entre a causa portugueza e a causa brasileira. A futura "Confederação do Equador", em 1824, virá demonstrar a verdade deste asserto.

Vê-se, pois, que em 1821 longe estavamos de um accordo para uma acção unisona contra os planos do Congresso de Lisboa, postos em vigor nesse mesmo anno. Compreendendo que o terreno era propicio, não hesitaram os dirigentes da Metropole em descarregar desde setembro a sua artilheria contra o Brasil, numa chuva de decretos fulminatorios, visando a nossa recolonização. Apenas tiveram elles certeza da nossa franca adhesão ao systema constitucional, para logo negaram o emprestimo solicitado pelo Banco do Brasil e o reconhecimento da divida feita pelo Governo Real como divida nacional. Isso não chegou para que abrissemos os olhos, porque em verdade esse anno de 1821 — já o disse Oliveira Lima — foi para o Brasil um anno francamente portuguez.

Ninguem — e na palavra "ninguem" não deve ser comprehendida a unanimidade no sentido mathematico da expressão — ninguem pensava em separar o Brasil de Portugal. Tocados pela magia dos vocabulos que então andavam de boca em boca — Constitucionalismo, Regeneração, Liberdade, Monarchia temperada, etc. — os proprios homens que eram a fina flor da intellectualidade nacional, a começar pela figura de José Bonifacio, entendiam que o que nos convinha em absoluto era manter as franquias e os direitos a nós concedidos por D. João VI, guardando-se a alliança com o velho reino, como a Suecia e a Noruega, a Austria e a Hungria, em summa como varias monarchias duaes, mas havendo unidade completa sob o ponto de vista da dymnastia e do regimen, isto é, Reino Unido do Brasil e Portugal sob a casa de Bragança.

Existiam, sem duvida, separatistas e republicanos, e é bem de ver que não se trata aqui dos regionalistas, como os pernambucanos a que ha pouco se alludiu. Esses republicanos, entretanto, eram minoria infima e que de forma alguma influiu na época, quer sobre a grande massa indifferente, quer sobre os espiritos de escol, que — convem repetil-o — então desejavam ardentemente a união com Portugal. Só depois que nenhuma illusão mais se pode manter sobre as intenções do Congresso Luzitano, é que um partido brasileiro se organizou com o intuito evidente de propugnar pela independencia, sem todavia ousar declaradamente manifestar esse designio desde logo. Só em dezembro de 1821 é que começou a agitação de que resultou o Fico, isto é, só então o Brasil despertou do somno “amodornado” em que se conservava, segundo a textual expressão de Antonio Carlos. Nesse mez, a 9, chegaram ao Rio, pelo brigue de guerra “Infante D. Sebastião”, os chamados “decretos recolonizadores”, de 29 de setembro de 1821, promulgados em carta de lei de 1.º de outubro, referentes á criação das juntas de governo provisorio, á escolha e nomeação dos commandantes das armas das provincias, independentes do poder local, exclusivamente portuguezes e nomeados em Lisboa, e a ida do Principe para a Europa, afim de, acompanhado por um mentor constitucional, viajar pela França, Inglaterra, Napoles e Hespanha, para aprender o Constitucionalismo.

Crendo agir com firmeza, foi, entretanto, duplamente inepta a acção dos liberaes portuguezes de 1820: primeiro, porque nos forneceu o elemento de que careciamos para sair da modorra, depois, e principalmente, porque pôz ao nosso serviço, e de mão beijada, o instrumento capaz de coordenar as forças esparsas e realizar o typo de unidade precisa para uma reacção conjuncta e efficaz.

Indubitavelmente, um pouco antes, em outubro — e a documentação de Djalma Forjaz o provou de maneira inilludivel — já os paulistas eram conhecedores da intenção do governo de Lisboa em chamar o Principe, tanto assim que naquella data a este officiavam para que em qualquer eventualidade não deixasse o Brasil e aqui ficasse. Sem embargo, porém, da prioridade da idéa, que pertence a S. Paulo, a do movimento isto é, a dos actos que conduziram á resolução de 9 de janeiro de 1822, cabe á brilhante pleidade de patriotas do Rio de Janeiro, designada na nossa hisotria pelo nome de “Club da Resistencia”. São elles os grupos de José Joaquim da Rocha, Azeredo Coutinho, Vasconcellos de Drummond, Athayde de Moncorvo, e tantos outros que, desejando ha muito a liberdade da sua Patria, aguardavam apenas o momento opportuno para o inicio de um movimento

com reaes probabilidades de exito. Comprehendendo as vantagens que traziam á causa do Brasil, os decretos de setembro e os que se promettiam para breve, extinguindo academias, tribunaes, deixando sem emprego numerosos individuos, e ainda melhor, o despeito e a irritação de D. Pedro, quer por deixar o poder, quer pelo modo insolito com que o tratavam á maneira de menino malcriado e vadio — os da Resistencia não perderam nem o tempo nem o ensejo e se puzeram em campo. Sabe-se como foi energica e teve consecução triumphal a iniciativa dos patriotas cariocas, e sabe-se como, obtido o apoio enthusiastico e precioso de José Bonifacio, ella se ultimou na memoravel jornada para sempre lembrada sob o nome de Dia do Fico. Não é esta oportunidade para rememorar a importancia desse acontecimento definitivo para a nossa Historia e do qual largamente já se tratou, em conferencia realizada no “Automovel Club de S. Paulo”, a 14 de janeiro de 1922.

Cheios de gloria para nós foram os dias que se seguiram ao Fico, marco inicial de uma proxima emancipação, da qual ainda não convinha falar francamente, mas que se adivinhava sem grande difficuldade como irresistivelmente vencedora em breve. Pela primeira vez o espirito nacional espoucava francamente dos corações contemporaneos. Não se tratava mais de um sonho brotado nos cerebros de alguns esclarecidos patriotas de Villa Rica, nem do ideal particularista de separação, que durou ephemeramente 76 dias, em 1817. Era a consciencia plena de uma nação que surge.

São os brasileiros em chusma que se concentrando no Campo de Sant’Anna, sob a chefia do velho general Xavier Curado, desafiam os canhões da Divisão Auxiliadora, postados a cavalleiro da cidade, no Morro do Castello. E a nossa attitude é tão firme, se impõe por tal forma aos soldados de Jorge de Avillez, muitos dos quaes tinham pelejado nos campos de batalha napoleonicos, que o chefe portuguez se vê coagido a ceder e, mediante accordo, se retira com os seus para a Praia Grande. Dahi mesmo terá que sair em fevereiro, enxotado, não lhe havendo consentido nem o Principe, nem a opinião publica que por mais tempo permanecesse no territorio que os Fluminenses entendiam e queriam, fosse verdadeiramente nacional e improprio ao dominio ou á ameaça de qualquer força estrangeira.

A’ frente da Causa Santa pela Patria se colloca desde janeiro de 1821 a figura majestosa de José Bonifacio de Andrada e Silva, nomeado ministro do Reino, da Justiça e dos Negocios Extrangeiros pelo Principe Regente, logo após as occorrencias posteriores ao Fico.

A attitude que o sabio santista assumira em S. Paulo contra as Côrtes, o seu officio a D. Pedro, em 24 de dezembro de 1821, a sua vinda á Capital do Brasil, chefiando a commissão que a Junta Paulistana nomeára para solicitar de D. Pedro que não partisse, de tal modo chamaram a attenção geral para o grande mineralogista, que a sua nomeação se impoz de maneira inconcussa.

A' frente dos negocios publicos, esse que será chamado no futuro "Patriarcha da Independencia" vae trabalhar com afinco pela Causa Sagrada, sem no emtanto deixar de imprimir á sua acção o cunho de prudencia, de tino e de reserva, exigidos em assumpto de relevancia e cheio de graves perigos. Por isso mesmo sua politica não foi e não podia ser comprehendida pelos Exaltados do Partido Nacional, os Radicaes, tão patriotas quanto elle, mas muito mais ardorosos e desejosos de a todo o transe, custasse o que custasse, conduzir o mais rapidamente possível ao seu termo o glorioso *desideratum*.

Sem as responsabilidades do poder, fóra da machina governamental, todas as audacias lhes eram licitas, sem que dellas pudessem advir á Causa os mesmos inconvenientes e quiçá os tropeços e entraves que certamente lhe resultariam si iniciativas extremadas partissem dos conductores officiaes da campanha. Logo, entre o ministro e Joaquim Gonçalves Lêdo — o redactor do "Reverbero", official maior da Secretaria do Arsenal de Guerra, chefe com Januário da Cunha Barbosa, Luiz Pereira da Nobrega, José Clemente Pereira, dos Exaltados — se creou aquella animosidade que, minorada por instantes, tinha mais tarde que se transformar em implacavel hostilidade, sinão em inveterado odio.

Eram aliás filhos espirituaes da Revolução Franceza os que com Lêdo á frente queriam precipitar os acontecimentos. Embebedos das leituras de Rousseau, de Voltaire e dos encyclopedistas, e ainda mais, dos românticos discursos dos Girondinos na Legislativa e na Convenção, Lêdo e seus companheiros vasavam quanto escreviam no seu jornal nós moldes das orações de Vergniaud, Brizot, Jean Sonné, Brissot, e os vultos mais eminentes do partido politico que Lamartine historiou e endeusou.

Já esboçada em fevereiro, a divergencia entre os patriotas, cresce em março para em abril ameaçar por assim dizer a victoria do ideal por que todos se batiam, por que todos luctavam, aliás com o mais entranhado amor e a mais solícita dedicação.

José Bonifacio fizera convocar em fevereiro de 1822 o Conselho dos Procuradores de Provincia, especie de assembléa mais consultiva do que deliberativa, verdadeiro conselho de Estado, com o qual desejava agradar a opinião publica, deixando para

mais tarde, por lhe parecer inopportuna no momento, a idéa de uma Assembléa Constituinte.

Os Radicaes entenderam que a medida era anodyna e suggerida para occultar uma especie de despotismo da parte do Ministro paulista, ou pelo menos a velleidade de governar de motu proprio e sem o que se chamaria hoje o *controle* dos adversarios. Não se sabe a que extremos levaria a irritação dos animos, de parte a parte, si a Divina Providencia, a nossa eterna protectora, não tivesse ao filho prodigo que della fomos, somos e seremos, concedido na pessoa da figura central de toda a acção, o meio de duplamente salvar a Causa Sagrada, já o inspirando no melhor sentido, já lhe proporcionando, através de um acontecimento de vulto, o prestigio e a ascendencia precisos para intervir decisivamente em beneficio do ideal commun.

Essa figura central, já se adivinha, era o Principe.

D. Pedro, ainda que impulsivo e suggestionavel, voluvel e pouco affeito ás resoluções ponderadas, agiu na emergencia com discernimento e calma. Inspirado por José Bonifacio e depois das medidas energicas, no despacho para a Europa da Divisão Auxiliadora, e na repulsa da esquadra de Maximiliano de Souza, cuja entrada impediu na Bahia de Guanabara, evitando assim o desembarque das tropas do Coronel Rosado — resolveu o Regente a celebre viagem, em março de 1822, ás Minas Geraes.

Urgia pacificar essa provincia, revolucionada pelas dissensões entre os membros da Junta Governativa, de cujo mando se havia apoderado a facção que pretendia talvez fazer daquella unidade brasileira uma nação á parte. Cumpria a todo o custo não só chamar a magnifica terra do ouro e dos diamantes á obediencia ao centro do Governo, como ainda mais despertar nella o entusiasmo pela Santa Causa Nacional, ao lado de suas irmãs — a do Rio de Janeiro, a de S. Paulo e a do S. Pedro do Sul, agrupadas estrictamente em torno do Regente.

O resultado dessa viagem foi verdadeiramente triumphal. Por toda a parte a mocidade do Principe, a sua figura varonil e marcial, o seu trato ameno e até a sua habilidade politica, lhe valeram as mais fervorosas adhesões e o entusiasmo mais sincero. Sem lucta, sem derramamento de sangue e mesmo sem violencia, entrou elle em Villa Rica, substituiu os dominadores da Junta pela gente que estava nas suas idéas, foi ovacionado por todas as populações mineiras, e quando voltou de tal forma se sentiu identificado com a Causa que chefiava, que se pode dizer, sem receio de erro, haver sido essa excursão o verdadeiro baptismo de D. Pedro como cidadão do Brasil.

De volta ao Rio, em abril, sua chegada motiva uma das mais estrondosas manifestações de apreço, de sympathia, de amor, que jámais governante algum haja por ventura tido.

Vinha a tempo o Principe para evitar a explosão imminente entre Exaltados e Radicaes. Agindo com prudencia, mantem a uns e outros nos postos em que se batiam, sem consentir, entretanto, que disputas vans ponham em perigo o ideal pelo qual todos combatem. Continuando a se orientar pelo seu grande ministro, pelo qual sentia uma admiração que tocava ás raias do fanatismo, não se pejando Sua Alteza de lhe copiar até as feições menos nobres do destempero da linguagem e dos gestos, não descontenta a Lêdo e ao seu grupo, e, ao contrario, os anima na medida do razoavel. Por isso mesmo acceta o titulo oriundo delles, por intermedio da Maçonaria, da qual era porta-voz José Clemente, como presidente do Senado da Camara, de *Defensor Perpetuo do Brasil*, a 13 de maio de 1822, recusando ao mesmo tempo e com excessiva habilidade, o de *Protector*, pela nobre allegação de que o Brasil não precisava de quem o protegesse, pois era bastante para se proteger a si mesmo.

Por esse tempo o Partido Brasileiro tem a sua grande força na Maçonaria e no Clero, e sendo este quasi todo maçon, resulta que era naquella que se concentravam todos os elementos propulsioneiros da Cruzada pela Patria. Não tem sido devidamente esclarecido nem homenageado o quinhão relevantissimo que á Maçonaria cabe na Historia da Independencia Brasileira. Desde antes da vinda da Côrte Portugueza ao Brasil, já em Pernambuco, Bahia e outros logares, existiam lojas maçonicas. No Rio se fundou, em 1815, a que se intitidou "Commercio e Artes", mas esta, como as suas congeneres das Provincias, foi fechada por occasião da Republica Pernambucana, de 1817. Em junho de 1821, a "Commercio e Artes" reabriu as suas portas e se tornou desde logo um fóco de patriotismo e de trabalho pela Causa Nacional. No momento do Fico cresceram de tal modo os associados desse templo maçonico que se crearam mais dois com os suggestivos titulos de "União e Tranquillidade" (allusão ás palavras do Principe, no dia 9 de janeiro de 1822) e "Esperança de Nictheroy".

Em maio ficou resolvida a formação do "Grande Oriente" do Brasil, que se inaugurou em junho, sendo eleito grão-mestre José Bonifacio e primeiro grande vigilante Gonçalves Lêdo. Desse "Grande Oriente" fazia parte tudo quanto constituia a fina flor dos intellectuaes e patriotas brasileiros, e nelle a influencia de Lêdo era tão visivel que José Bonifacio julgou conveniente fundar pouco depois, em julho, o "Apostolado", Associação secreta dos nobres cavalleiros da Santa Cruz, dirigida pelo

archonte-rei e nucleo de partidarios dedicados do ministro de D. Pedro, que foi feito chefe ostensivo da communitade.

O Clero nacional era, como já se disse, quasi todo maçon e liberal, tocando-lhe uma parte consideravel na propagação da idéa emancipadora de que elle foi talvez mais devoto que propriamente da religião. Vinha de longe, aliás, essa tendencia dos nossos sacerdotes, em grande numero compromettidos nos movimentos anteriores, dos Inconfidentes Mineiros e dos Revolucionarios Pernambucanos, de 1817.

Eram membros da Maçonaria, entre muitos outros, o Conego Januario e Frei Sampaio, dois dos mais eminentes e prestigiosos vultos do Partido Nacional.

A' victoria da Maçonaria, em 13 de maio, seguiu-se outra e mais retumbante, em 3 de junho, a tão cobiçada convocação da primeira Assembléa Constituinte do Brasil. A ella se oppoz o quanto poude, com razão, José Bonifacio. Parecia-lhe inconveniente e fóra de tempo a reunião de uma assembléa com esse character, e os factos vieram um anno depois confirmar quanto havia de ponderado no pensamento do Ministro. Não lhe foi possivel, entretanto, resistir ao desejo geral, que D. Pedro abraçou, de forma que na supra citada data elle proprio referendou o decreto que convocava os eleitores para a escolha dos deputados ao futuro Congresso Constituinte Nacional.

Mais do que uma resposta ás medidas recolonizadoras das Côrtes de Lisboa, mais do que uma represalia, o acto de 3 de junho de 1822 representa uma legitima e insophismavel declaração sinão de independencia absoluta, ao menos de franca e decidida autonomia do Brasil sob todos os pontos de vista, inclusive o politico.

Doravante, enquanto for mantida a união com Portugal, esta será apenas a de uma nação a outra, e nunca a submissão ou dependencia do Reino Ultramarino para com o Reino Europeu. Este, no entanto, continuava impavido a decretar umas sobres outras medidas hostis ao Brasil. A noticia do Fico produzira em Lisboa grande emoção e tivera como effeito immediato moderar de certa forma o ardor brasilophobo dos Regeneradores portuguezes, que pensaram, no momento, nos meios possiveis de uma conciliação com a antiga Colonia. Mas, a resistencia de Madeira de Mello, na Bahia, ás ordens do Regente, a certeza do apoio no Pará-Maranhão e à politica dubia de Pernambuco e seus satellites, revigoraram os animos dos que nos queriam recolonizar e para logo se entrou novamente no regimen das providencias e dos decretos anti-brasileiros. De nada valiam as ponderações e os sinceros esforços dos nossos deputados ao Congresso Constituinte Portuguez, no sentido de, cumprindo as

instrucções que daqui haviam levado, evitar quanto pudesse prejudicar a união com a velha Metropole e separar de uma vez os dois reinos. Nada conseguiram, e, pelo contrario, se tornaram alvo das grosserias, das facecias e até dos insultos, quer dos seus collegas luzitanos, quer da canalha das ruas que, nas galerias, os invectivavam com apupos e chalaças. Em vão procuram oppor-se á remessa de tropas para a Bahia, no intuito de reforçar o elemento portuguez do Brigadeiro Madeira, em vão a eloquencia de Antonio Carlos, a ponderação de Vergueiro, o brilho da palavra de Lino Coutinho e de tantos outros proceres da intellectualidade brasileira, reboaram na sala das sessões do Congresso de Lisboa. O "Batalhão 22", como eram chamados os vinte e dois deputados inimigos acerbos da Causa Brasileira e de que eram figuras maximas Fernandes Thomaz, Ferreira de Moura e Borges Carneiro, tudo levou de vencida, de molde a obrigar muitos dos representantes do Brasil não só a se ausentarem das discussões, como mais tarde a se retirarem da Capital Portugueza.

Por mais nobre, entretanto, que fosse a attitude dos nossos deputados, que na sua maioria honraram o mandato que lhes havia sido confiado, por mais corajosa que tivesse sido a sua acção entre os adversarios, não parece que esta houvesse influido, siquer de maneira relativa, nos acontecimentos que se passaram no Brasil, especialmente no Rio e que nos conduziram ao "Independencia ou Morte".

Todos os eventos que precipitaram a nossa emancipação politica precederam os actos mais hostis das Côrtes Portuguezas, e nem o 9 de janeiro, nem o 13 de maio, nem o 3 de junho, nem o 1.º e o 6 de agosto, nem mesmo o 7 de setembro foram consequencias dos mais terriveis decretos da Assembléa de Lisboa, todos chegados aqui respectivamente após aquelles decisivos acontecimentos.

Não ha desejo de diminuir o valor dos nossos deputados com essa affirmacão. Poucas vezes um paiz escolheu tão bem seus delegados como o Brasil, em 1821, e para symbolizal-os bastam as duas excelsas personalidades de Antonio Carlos e de Vergueiro — a Eloquencia e o Bom Senso, o Arrojo e a Prudencia, o Ardor e a Ponderação. Todos, ou quasi todos, cumpriram fielmente os deveres de que se haviam incumbido e de forma alguma lhes era licito trahir o mandato no qual expressamente se lhes estatuiu como principal clausula a união do Brasil com Portugal. Dest'arte, não lhes era possivel pugnar pelo ideal que já avassalava seus patricios no Brasil, isto é, o da independencia absoluta, ainda quando, o que não é crível, seus collegas luzitanos lhes permittissem essa orientacão.

Entrementes, em nossa terra os factos se precipitavam. A convocação da Assembléa Constituinte não se seguiu a declaração immediata de uma independencia total, sinão porque altas conveniencias de ordem politica assim o exigiram. A Inglaterra, para onde havia seguido Felisberto Caldeira Brant, o futuro marquez de Barbacena, politico de eminentes qualidades, militar, diplomata e homem do mundo, cujas requintadas maneiras lhe ganharam excellente reputação e proveitosas amizades, entendia necessaria, para evitar reprezalias da Santa Alliança, guardarem-se umas tantas conveniencias, sobretudo as que condizem com o principio basico das monarchias absolutas e divinas, isto é, a da soberania incontestavel e incontestada do rei sobre os seus subditos. Caldeira Brant, que conseguira fazer-se encarregado de negocios do Brasil, em Londres, communicava tudo isso a José Bonifacio e com instancia lhe pedia que comprehendesse bem as intenções da matreira Albion, cujo ministro, George Canning, desejava no intimo a formação dos novos Estados Americanos, mas estabelecida com prudencia e de modo a não provocar resentimentos nem hostilidades das nações de Alem-Mar, unidas pelo pacto acima designado. Dahi as reservas e as precauções que hão de cercar os actos de julho e de agosto, principalmente os dois manifestos de 1.º e de 6 deste ultimo mez, nos quaes, a par da mais decidida repulsa ás pretenções recolonizadoras de Portugal, se faz questão de proclamar a soberania de D. João VI sobre o Brasil, a união deste com Portugal, a bondade e o paternal amor de S. Magestade em relação aos brasileiros e até mesmo a coacção do velho monarcha, forçado, como prisioneiro que é das Côrtes, a assignar e a promover providencias contrarias ao seu "bom e real animo".

A 1.º de agosto de 1822, D. Pedro assigna um manifesto á Nação, um documento de alta importancia politica e que teve enorme repercussão. Redigido por Lêdo, revela sem rebuços o auctor pela linguagem, pela forma e pela essencia. Começa com uma phrase celebre da Revolução Franceza — "Está acabado o tempo de enganar os homens", e através de uma linguagem vibrante, de emoção e de patriotismo, préga a união dos brasileiros, que os portuguezes tentavam quebrar com o plano do estabelecimento de dois ou tres centros de governo entre nós. E' nelle que se encontra a celebrada phrase: "Formem todas as provincias o feixe mysterioso de varas que nenhuma força humana pode quebrar!" E são ainda desse inesquecivel documento as celebres tiradas — "Não se ouça do Amazonas ao Prata outro grito que não seja o de Independencia!" "Não retumbe outro éco que não seja o da união!"

A 6 outro manifesto se publica e desta vez elle é dirigido aos representantes das nações amigas no Brasil. A redacção, em tudo diversa do anterior, demonstra a auctoria de José Bonifacio. Historiando as razões que o forçam a proclamar a independencia do Brasil, D. Pedro allude a todos os erros e a todas as perseguições portuguezas contra nós, para, depois de isentar D. João VI de toda e qualquer responsabilidade, por estar coacto e prisioneiro, proclamar que o Brasil saberá manter os seus direitos, custe o que custar e seja contra quem fôr.

De ambos resalta a noção de que intencionalmente se velava o proposito, que era, entretanto, o verdadeiro, da proclamação de uma independencia integral, de accordo com as precisas e categoricas informações enviadas pelo nosso agente em Londres. Delles se conclue ainda que por esse tempo Ledo e José Bonifacio, ou por outra, Exaltados e Moderados, se encontravam em paz, ao menos apparente, e trabalhando juntos pelo glorioso ideal que lhes era, a uns e a outros, tão caro. Essa paz vinha desde a remodelação do Gabinete do Regente, em julho, com a entrada de Luiz Pereira da Nobrega, Radical, para a Pasta da Guerra, e de Martim Francisco, Conservador, para a da Fazenda, de que sahiu Caetano Pinto para a da Justiça, separada da do Reino e Extrangeiros, na qual continuava José Bonifacio.

Foi ainda em agosto que D. Pedro se resolveu a partir para S. Paulo, no intuito de sanar uma grave questão local, em que se envolviam as pessoas e o prestigio dos Andradas. A 23 de junho de 1822 um motim, que ficou conhecido sob o nome de "Bernarda de Francisco Ignacio", deportára de S. Paulo Martim Francisco, então membro da Junta de Governo Provisorio, bem como o Brigadeiro Jordão, amigo intimo daquelle, remetendo o primeiro para o Rio e o segundo para Santos.

Hoje, não ha mais quem sinceramente acredite ter sido esse movimento de character retrogrado ou favoravel ás idéas portuguezas, como no momento se allegou. Para os que com imparcialidade analysam os documentos da época, o caso não passou de uma simples questão regional, sem character verdadeiramente politico, e muito menos hostile á Causa Brasileira, rivalidades entre dois grupos que se disputavam um ao outro o mando, desintelligencias suscitadas talvez pelo excessivo orgulho e mandonismo de Martim Francisco, mas nunca reacção contra a idéa de Patria.

Não o entendeu assim José Bonifacio, apaixonado duplamente pelo desprestigio de seu irmão e genro, bem como pelas violencias que lhe haviam feito, e não lhe foi difficil, invocando pretextos naturalmente exaggerados, obter do Principe que em

peessoa viesse á cidade paulistana no intuito de, com a sua presença, realçar a força e o valor da familia amesquinhada e ultrajada.

D. Pedro partiu a 16 de agosto, depois de haver tomado providencias energicas contra Madeira de Mello, na Bahia e de se haver feito maçon, iniciando-se sob o significativo appellido de "Guatemosin".

A viagem foi um triumpho. Veio por terra e penetrou na provincia de S. Paulo por Areias, de onde proseguiu, pousando nas principaes villas marginaes do Parahyba — Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacarehy, e depois Mogy e a Penha de França.

A 25 subia, sob o pallio, a Ladeira do Carmo e recebia as homenagens de toda a capital.

Derrubados os partidarios de Francisco Ignacio e castigados, aliás sem severidade, os inimigos dos Andradas, posta em ordem a situação, o Principe foi a Santos no dia 5 de setembro, no duplo intuito de visitar a terra natal do seu grande amigo e grande ministro e de examinar as fortificações do já notavel porto.

De volta, a 7, já nas vizinhanças de S. Paulo, recebeu elle, cerca das quatro horas da tarde, os emissarios que a toda a brida lhe enviára do Rio José Bonifacio, o sargento-mór Ramos Cordeiro e o correio Paulo Bregaro, a quem o ministro do Reino dissera que não seria mais correio si não estropiasse na viagem varios cavallos.

Deviam ser e eram da maior gravidade as novas que com tanta pressa o Ministro do Regente a este enviava.

O brigue "Tres Corações" as trouxéra, e, apenas chegadas, convocára José Bonifacio uma reunião do Ministerio, presidida pela Princeza Real D. Maria Leopoldina, e na qual se deliberou despachar a toda a pressa, ao encontro de D. Pedro em S. Paulo, o correio Bregaro, para que o Principe fosse logo informado da excepcionalidade do que de Lisboa vinha.

"Si se tem de fazer, que se faça já" — havia dito Martim Francisco, ao pedir licença á Princeza para juntar á correspondencia uma carta delle e do irmão ao Regente.

Efectivamente, urgia *fazer já*, porque de Portugal se annunciava que em breve chegariam os decretos das Côrtes, substituindo o Ministerio do Rio por outro cujos membros já estavam nomeados, prolongando a Regencia de D. Pedro apenas até o acabamento da Constituição prestes a se ultimar, declarando irritos e nullos os actos convocatorios do Conselho de Procuradores, mandando suspender as eleições para o mesmo nas Provincias em que porventura não tivessem sido feitas, e mandando proces-

sar o Ministerio do Principe e a Junta de S. Paulo, em virtude do officio de 24 de dezembro de 1821.

Era de mais e cumpria, passando sobre as conveniencias tão caras a Felisberto Caldeira Brant, não só evitar a vergonha que se infligia ao Principe, como tambem a que ia recahir sobre o seu leal amigo e conselheiro.

Num movimento impulsivo que bem lhe caracterizava o temperamento, após a leitura do que continha a pasta que lhe enviára o grande Andrada, D. Pedro virou-se para Belchior Pinheiro de Oliveira, seu companheiro de excursão, e lhe disse: "Hão de ver para quanto presta o *rapazito!*"

Era a explosão final da magua que lhe produzira a phrase caustica e imprudente de Borges Carneiro, mezes antes, em pleno Congresso Luzitano.

Um instante depois, cavalgando a besta baia gateada que montava, D. Pedro partia a galope ao encontro da sua guarda de honra, postada em descanso no sitio chamado *Piranga*.

Sob o céu azul e luminoso daquella tarde memoravel, retumbou, proferido pelo principe e repetido por dezenas de boccas frementes de enthusiasmo, o INDEPENDENCIA OU MORTE!

Não podia, entretanto, D. Pedro permanecer em S. Paulo, e dahi partiu na madrugada de 9, após as scenas tocantes da noite de 7, no theatro, onde se apresentára com o bracelete de ouro em que o distico famoso se gravára, e onde se cantou o novo hymno, cuja solfa era do talento musical indiscutivel de Sua Alteza.

A 14, fazendo cerca de cem leguas em cinco dias, chegava elle a S. Christovam, para logo depois se apresentar no Theatro S. João, onde em delirio o povo o acclamou, já trazendo todos o pendão verde-amarello e atado ao braço o lemma inesquecivel.

A acclamação, entretanto, só se realizou a 12 de outubro, escolhido de industria por ser o do natalicio de D. Pedro.

Nessa data foi proclamado o Imperio Brasileiro, que D. Pedro jurou defender, accitando o titulo que em nome da população da Capital, e interpretando o sentimento nacional unisono, José Clemente Pereira, como presidente do Senado da Camara, lhe offereceu.

Dias depois, as Provincias do Sul acclamavam por seu turno o Imperador e entravam no regimen imperial — Minas Geraes, Santa Catharina, S. Pedro do Rio Grande do Sul. Um pouco mais tarde, Pernambuco e as que lhe giravam em torno da influencia, por seu turno imitavam as suas irmãs. Restavam, porém, a Bahia e as duas do extremo Norte — o Pará e o Maranhão, nas quaes as coisas não se passaram com tanta facilidade e enthusiasmo, pois que só em julho de 1823 se proclamou o Im-

perio em S. Salvador, em fins desse mesmo mez em S. Luiz do Maranhão, e em 15 de agosto em Belem do Pará.

De ha muito que a lucta se travára na Bahia entre o Partido Nacional e o Portuguez, dominador da capital e de algumas localidades vizinhas, graças ás tropas e á energia de Madeira de Mello.

Desde meados de 1822 que varias villas do interior se haviam revoltado contra o dominio luzitano da capital, e se congregando em torno da Junta da Cachoeira, haviam iniciado a lucta.

O Ministro do Reino do Brasil havia por todos os meios favorecido a insurreição e logo lhe mandára navios e tropas sob o commando de Pedro Labattut, antigo official francez dos exercitos napoleonicos. Por seu turno, Madeira de Mello recebeu reforços de Lisboa. Acima se viu quanto essa resolução dos governantes portuguezes magoára e irritára os deputados brasileiros ao Congresso de Lisboa. Ainda que vencedores no immortredouro combate de Pirajá, em novembro de 1822, os bahianos tiveram que continuar a campanha até o famoso 2 de julho, no qual, aproveitando-se dos navios de guerra surtos no porto, o general luzitano se retirara, carregando consigo todos os seus soldados, muitos patricios civis e as riquezas que poude levar. Foi um acto de audacia, porque teve de romper o bloqueio em que mantinha a antiga capital do Brasil, o almirante brasileiro Lord Cockrane, chamado especialmente do Chile para organizar a marinha nacional, serviço que realizou com pericia e brilho, de que logo a sua organização deu magnificas provas.

Cockrane perseguiu a esquadra fugitiva até certa distancia, aprezou-lhe mesmo alguns pequenos navios e em seguida dirigiu-se para o Maranhão, onde só, na náó "Pedro I", conseguiu de tal forma amedrontar os portuguezes de S. Luiz, que estes immediatamente se resignaram e fizeram proclamar o regimen nacional naquella Provincia. Alguns dias depois, o logar tenente de Cockrane, Greenfell, imitando o procedimento de seu chefe, fazia Belem do Pará acceitar o Imperio e proclamar o novo Imperador.

E' certo que a presença de Cockrane e de Greenfell serviu para ultimar um longo e penoso trabalho de ataque aos elementos portuguezes, executado por tropas nacionaes idas em grande parte do Ceará e que, depois de haverem vencido os soldados do major Fidler, no Piauhy, infligiram aos retrogrados do Maranhão pesadas derrotas, de modo a circumscrever quasi ao territorio da ilha em que se encontrava a capital da provincia, o dominio portuguez.

Durára, no emtanto, quasi um anno a campanha para implantar nas provincias supra-citadas o regimen nacional.

Só a 15 de agosto de 1823, na ultima porção do territorio brasileiro ainda sujeita ao dominio portuguez é que se ouviu o éco triumphal do Ypiranga.

Essa porfia na realização da unidade politica do vastissimo territorio que é o nosso, esse empenho tenaz em que a mesma bandeira tremulasse do Amazonas ao Prata e do Rio Grande ao Pará, esse ardente e insopitavel desejo de um Brasil coheso, forte, unisono no sentir e no pensar, são a obra immorredoura de José Bonifacio e lhe constituem a maior das glorias. Foi a sua acção persistente, calculada, irreductivel, que preparou os elementos para a consecução de um designio tão alto como esse da unidade da Patria, que pela primeira vez encontrava o homem capaz e necessario para realizal-a.

Todos os movimentos anteriores pela libertação do jugo portuguez se caracterizaram, como já foi dito, pela feição regionalista. A elle, José Bonifacio, seria facil — e com isso lhe teriam sido poupadas contrariedades, decepções e desgostos — o limitar ás provincias do Sul, a Bahia inclusivè, a emancipação politica. Não o quiz o seu espirito sagacissimo de estadista, não lh'o consentiu o ardente amor pelo seu paiz.

Quando se pretende, como recentemente alguns o ousaram, contestar-lhe o titulo merecidissimo de "Patriarcha da Independencia", que a tradição e a Historia lhe concederam, teem-se impetos de rebellião e ancias de gritar que essa qualificação é ainda minuscula, posto que enorme, para os immorredouros serviços que elle conscientemente prestou á terra de que era filho.

Patriarcha da Independencia, não! Patriarcha da Patria, porque, si ella existe, forte e poderosa, unida e imperecivel, a elle o devemos.

E nós outros, que gosamos dos fructos da sua incoercivel acção, não a esqueceremos, antes, a cada hora, a cada minuto, a cada segundo, incessantemente, indelevelmente, nos havemos de lembrar que, por obra d'elle, o nosso paiz, este estremecido Brasil, antes segmentado e fraccionado, se condensou no formidavel colosso que hoje é.

HADDOCK LOBO



## OSVALDO DE ANDRADE

---

**O** MAIS curioso talvez dos modernistas brasileiros. “É um blagueur!” dizem. É. Mas quasi sempre blague em perspectiva. Não organiza a brincadeira nem é farcista de intenção. Toma sempre a serio o que empreende. Acredita no que faz. Está certo de que descobriu a polvora e agora a arte vai se remodelar. Faz. E muitas vezes a empreitada vira blague. Tem assim duas das maiores riquezas do artista: fé criadora e dom de divertir. Inalteravel confiança em si mesmo e nos outros. Admiraveis qualidades de clown.

Osvaldo crê nas ideas que prega e nos seus proprios gestos. D'aí viver assim entregando a alma como distribuidor de anúncios. As mais das vezes quebra a louça toda, concordo. Mas eu me lembro duns excentricos... Espatifavam não sei quantas duzias de pratos. De repente a rodela de papel sobre a platea. O susto era fatal. A gente não se cansava inutilmente a pensar nas verdades-preconceitos e saia divertido do espectáculo. Uma das faculdades que mais admiro em Osvaldo é esse poder certo de interessar e divertir. É no clunismo do criador do mito futurista brasileiro ha uma qualidade ainda por destacar: não é clown de profissão. A raridade do bom palhaço vem disso. Não digo que se surpreenda neste quando trabalha, a miseria do lar distante. Muito menos paixões sem eco e outras invencionices da psicologia octocentista. Não. Mas enpana-lhe quasi sempre o brilho do trabalho a monotonia da continuidade. Pois já disse que Osvaldo de Andrade acredita no que faz. Age com alma e vida, isto é: imprevisto. Sai farça. Pois êle diverte-se tambem. Ha muito tempo já que vivo a pensar

secretamente ser Osvaldo o melhor espectador de si mesmo. E'. Disso vem a perfeita alegria dos seus passes. Essa alegria verde, irrompente, natural. De bem disposto, sem doenças. Nem doenças de inteligencia siquer. Saude fazendeira. Como que sente o *belo visceral* de que falava esse coió do Mario Pilo. Afirmo segunda vez: Osvaldo de Andrade é inconscientemente o maior espectador de si mesmo.

Isso conscientemente seria um pouco vil; eu ainda creio que o homem tem de ir além do espectáculo que dá... Mas é facil provar inconsciencia: Osvaldo escreve. Depois a dança vem. Música de pancadaria, já se sabe. E êle fica surpreso, divertido. 'Tão! Meio assustado até. Sei disso porque somos velhos companheiros. E espero que a camaradagem com o meu sempre caro Osvaldo continue pela nossa ainda longa vida, com trinta e poucos cada um.

Com as "Memorias Sentimentais de João Miramar" Osvaldo de Andrade se incorporou praticamente ao grupo dos modernistas brasileiros. Afinal "Os Condenados" eram mais uma contemporização. No fundo obra realista. Na forma o discurso corria lento, arreado de bugigangas sonoras. Assim a prosa não podia correr. Quanta campanha! Só o processo dos capitulos saira eficaz simultaneo, seguindo a benéfica lição do cinematografo. Com as "Memorias" dentro da roupa o corpo é já moderno. Subsiste, é certo, a formação analitico-realista. No fundo o eterno sentimentalismo. Não faz mal. Sentimental é o brasileiro. Realista é Joyce. Psicologo é o Papini do "Uomo Finito". Exemplos modernissimos êstes. O brasileiro tambem? Tambem. Ao menos para o Brasil.

Osvaldo de Andrade permitiu ao prefaciador das "Memorias Sentimentais" expusesse algumas intenções do escritor. Franca-mente construtivas. O livro saiu a mais alegre das destruições. Quasi dá dá. Pretendeu a "volta ao material". Isso indicava respeitar o material e trabalha-lo. Ou pelo menos a apresentação do material literario puro, em toda a sua infante virgindade. Foi o que fez Aragon assinando um poema que continha unicamente as letras do alfabeto. Tambem Maiaskowsky nos versos:

"Ainda ha letras boas

R  
G H  
C H T S C H

Basta de verdades sem valor!"

Palazzeschi na admiravel cançoneta "Lasciatemi Divertire!" tambem se aproveitou das letras do alfabeto combinando-as. Os-

valdo de Andrade utilizou-se de palavras. Ainda bem. Mas quando crea neologismos, ou êstes são insustentáveis pela formação antipsicológica ou são de monotonia gasta e cansativa. Quasi todos se resumem a uma vasta criação de adjectivos por meios do sufixo *al*. Ha porém um largo, ensolarado “beiramaravamos” e mais duas ou tres deliciosas invenções. O resto uns “pianais”, “aleguais”, “alexandrinais” a muque, preguiçosos. Talvez comicos?

Aliás essa preguiça de completar empresas difíceis é feição distintiva de Osvaldo de Andrade. Por isso toda essa destruição jovial incruenta, vai-lhe admiravelmente. Deixa-se levar. O trocadilho enxameia. Muitas vezes a expressão nasce da propria frase: “As Britinhas visinhas fazendinhas traziam-nos satiras á sociedade de satiros dos nossos dias”; “na sala violeta de Monsieur Violet”; “Ao longo do longo viaduto bandos de bondes iam para as bandas da Avenida”; “e sobre a cidade dado montes montariam”; “a Serra dos Orgãos serrava” etc., etc.

A volta ao material implicava por certo dar toda atenção á lingua brasileira que está se formando. Mas ainda aqui a solução aparece bem outra da pretendida pelo autor. Uma lingua se forma segundo fenomenos psicologicos perfeitamente fixados e quasi sempre inalteráveis. Ora Osvaldo finge ignorar essas verdades e na parte que lhe pertence propriamente no livro, isto é, quando não incarna qualquer dos personagens, apresenta dicção eminentemente artistica e personalissima. “Ia na frente bamboeando maleta pelas portas lampeões eu menino.” “E foi o pai placido, gordo e charutal das Britinhas faladeiras quem me deu amigo abraço no passo que levaria a todos ao Corcovado do dinheiro pelo funicular da actividade paulista”.

Nessa maneira de manejar a frase atinge muitas vezes expressões excelentes. Sintetico marcante abandona então todo pormenor, usando apenas o essencial expressivo. De repente Miramar lembra-se da amante: “Fóra, no escuro fofo da minha William Six, esperava no volante feliz o braço branco de Rolah”. Ainda: “Rosas vermelhas buscaram madama Rocambola na gare cautelosa do Braz”.

O que mais caracteriza as “Memorias” é esse apego exclusivo á expressão. Que não só abandona todos os preconceitos mas salta sobre todas as regras e as ignora. Sintoma de romantismo e da nossa epoca. Ha uns construtores por aí, não nego. Cubistas, orfistas, não-sei-que-lá. Mas negar a estridentistas mexicanos, a expressionistas alemães, aos fauves de França, aos futuristas de Italia e Russia, multidão, negar-lhes o direito de representar a epoca actual, interrogativa e caótica, seria sobrepor-se vaidosamente á realidade contemporanea. Um dos fenomenos essenciais

do presente é esse apêgo quasi doentio á expressão. Esse faz de Osvaldo de Andrade um improvisador sem tese. E' então legítimo fauve á maneira de Matisse. "Porteiras batiam pás! longinquos por todo o Brasil" eis um exagêro magistral, de grande artista. Como dizer melhor da confusão pressa nos bastidores do teatro? "Mangas de camisas e bombeiros com pedaços de florestas impressionistas rolavam ordens do céu como de praias verticaes". Vejam estas imagens: "Lá dentro uma maquina de costura saia da gare"; "A tarde suicidava-se como Petronio"; "A costa brasileira, depois dum pulo de farol, sumiu como um peixe". Esta sensação de arraiada: "O vento batia a madrugada como um marido. Mas ella perscrutava o escuro teimoso. Uma longe claridade borrou a esquerda na evidencia lenta duma linha longa".

Para mais energicamente expressar ás vezes mistura imagens, recordações confusas e objectivação directa da realidade. Crea então frases arrojadissimas, a que seria preconceito negar grande poder expressivo. "O Martha ia cortar a Ilha Fiscal porque era um cromo branco, mas piratas atracaram-no para carga e descarga". Morre alguém na familia e Miramar vem a S. Paulo. "Longo soluço empurrou o corredor conhecido contra o peito magro de tia Gabriela no ritmo de luto que vestia a casa". E' porém quando evoca a infancia que estão as mais expressivas frases dêsse genero. João Miramar criança leu a historia de Carlos Magno e "Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da venda da esquina e mamãi botou no fogo a minha Durindana". Ou: "Napoleão que era um grande guerreiro que Maria da Gloria (velha criada negra) conheceu em Pernambuco disse que o dia mais feliz da vida dêle foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão". Toda a infancia de Miramar é admiravel e capitulos como Gatuno de crianças, Perigo das armas, Felicidade, Fraque do ateu, Mudança, Claque, Gare do infinito (essa mania de dizer gare por estação!... Osvaldo quer escrever brasileiro e usa gare que só raro noticiarista ainda emprega) tais capitulos são das melhores paginas do modernismo.

Osvaldo de Andrade não tem carinho no pintar a criança. E' demasiado viver para isso. Mas soube registrar como ninguém a nescia bobagem infantil.

Compreende-se porém: a criação dessa linguagem que tudo abandona pela expressão, mesmo leis universais e basicas, é exemplo fundamentalmente destrutivo que ignora as necessidades do material e lhe desrespeita mesmo a razão de existencia. Um êro se justifica por aceitação inconsciente e unanime. E' então não é mais êro. Ainda, accidentalmente, por necessidade passageira de expressão. Mas uma lingua existe porquê nela tal dicção é

certa e tal errada. E provém de colaboração colectiva. O escriba fixa a filha de todos, trançando-lhe os cabelos, limpando-lhe o nariz porventura; e si o faz com genialidade chama-se Dante ou Camões. Com a lingua de que Osvaldo se serviu não ha como censurar-lhe defeitos de tecnica. Assim o autor resolveu muito bem e com o melhor bom-humor dêste mundo o problema de não errar o, digamos agora: português e não inça-lo de barbarismos internacionais, como nos "Condenados". Justificou todos os erros. Fez dêles meios de expressão. Não se sabe mais o que é voluntario e o que nasceu da inadvertencia.

Além da parte narrativa o livro consta de larga cooperação de personágens por meio de cartas, prefacio, discursos. Satira extraordinariamente feliz de certa formação brasileira em que o pernostico do cafuso se junta a um doirado de cultura quasi indigente. Nitidez de observação espantosa. Abundam cartas e discursos que são obras-primas de factura. Assombra essa capacidade de fotografar a estupidez. O discurso de Minão da Silva, Finanças Matrimoniaes, as cartas de Celia, do administrador, de Nair, de Poncio Pilatos, do Pantico, o prefacio e o discurso de Machado Penunbra: que maravilhas de comicidade e exactidão! Facil fotografar assim? Experimentem! Ainda aqui o autor não copia. Deforma para expressar com maior verdade; e tão habil, com tamanha perfeição que o artificio e o exagêro desaparecem. E' como um verdadeiro que fosse mais exacto que a verdade. Mas sob o ponto de vista de construção ainda aqui o autor destruiu. Porquê não apresentou os elementos com que contamos para uma diferenciação entre o falar brasileiro e o lusitano, nem descobriu os meios por onde essa diversidade poderia se acentuar, tornar-se basica. Organizou um dicionario satirico de imbecilidade e ignorancia, de tudo o que não se deve dizer. E' um Candido de Figueiredo do riso.

Mostrei sobretudo a acentuada formação destrutiva das "Memorias Sentimentais". Apesar do seu esperto fraccionamento episodico o romance está excelentemente bem construido. Movimento e intensa vida.

E é satira que fixou com exactidão o ambiente paulista de nosso tempo, de modo especial o conflito quotidiano entre a... agilidade estrangeira e a estúpida moleza almofadada em saccas de café do paulista sem bandeiras. Estamos quasi a cair naquela pacata expectativa em que já dormira o paulista-mineiro da segunda metade de 1.800. Que acontece? O estrangeiro vem e suga o mel. Faz muito bem, moscone!...

Mas por ser o registro do ambiente paulista na epoca actual seria injusto acoimar o livro de regional. Expressão brasileira, de interesse brasileiro. O ser regional é antes de mais nada restringir-se a dados particulares e peculiares a determinada região, servindo-se de preferencia, quasi que unicamente do que a torna exotica. É a individualiza. A vida de S. Paulo, na maneira com que Osvaldo de Andrade a sintetizou é a mesma das grandes partes progressistas e portanto actuais do Brasil e mesmo da America. É se a predominância que dá á cooperação italiana localiza mais ou menos o recinto do livro, o que ressalta é a competencia entre o elemento estrangeiro, aqui teuto, adiante luso, além espanhol, e o elemento indigena, colidindo-se ambos em mutua, vaidosa e irrisoria incompreensão.

É muito sabido já que um grupo de moços brasileiros pretendeu tirar o Brasil da pasmaceira artistica em que vivia, collocando a consciencia nacional no presente do universo. Grande espanto, indignação mesmo, provocados pela grita d'esses galos turbulentos e nem sempre razoaveis. Mas estes já sabiam que sempre se irrita quem accorda no meio do sono. O erro d'elles foi imaginar que os cocoricos adiantam a aparição da madrugada. Tinham de transportar a consciencia nacional para o presente do universo. Muito bem. Mas onde estava essa consciencia nacional? Havia a fonte dos escritores... Mas essa tradição (!) não dizia nada. As poucas tentativas dum Basilio da Gama, dum Gonçalves Dias, dum Alencar eram falhas, porquê intellectuais em vez de sentidas, porquê dogmaticas em vez de experimentais, idealistas em vez de críticas e práticas, divorciadas do seio popular, descaminhadas da tradição, ignorantes dos factos e da realidade da terra. Apenas alguma coisa da ironia do caboclo, da sua melancolia, do sentimentalismo do brasileiro urbano, da petulancia pernóstica do mulato e sua chalaça lusa se podia aprender na obra dum Gregorio de Matos, dum Casimiro de Abreu, dum Alvares de Azevedo. Outros pouquissimos. O resto eram patrias-latejo-em-ti gritalhões, idealistas, inocuos. Nesse sentido os regionalistas tinham grande valor.

Verdade é que si todos esses homens de grande talento mas pauperrimos de inteligencia crítica (esta observação não é minha) nada conseguiram, isto se deu tambem porquê ainda não existia uma consciencia nacional. Pode-se dizer que houve uma consciencia paulista durante o bandeirismo. Ainda uma consciencia baiana, ou quasi, no segundo seculo. Consciencia verdadeiramente brasileira ainda não se caracterizou nem mesmo nos trabalhos da independencia, nem mesmo na guerra do Paraguai. O facto de em

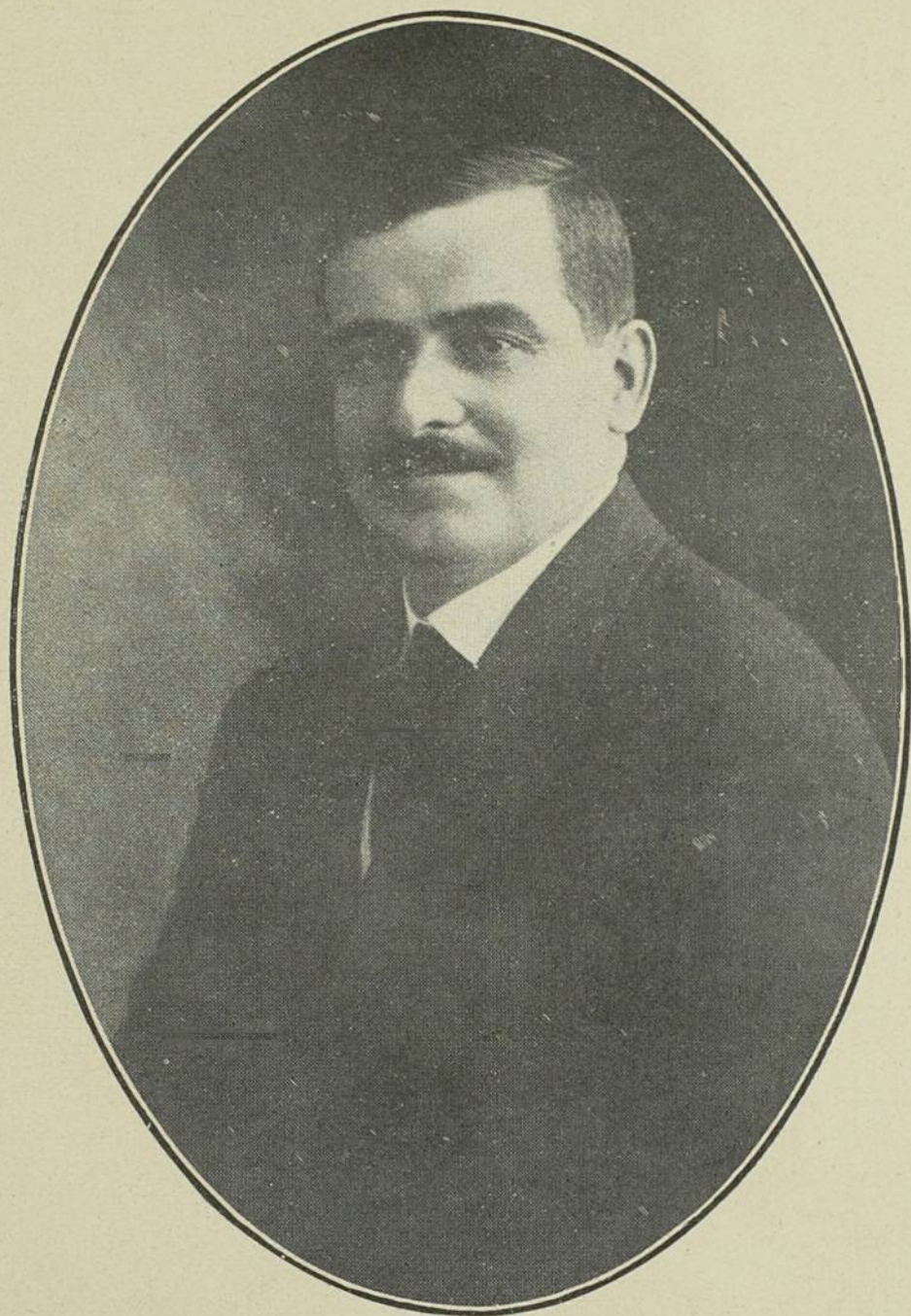
tais periodos existir um grupo de homens orgulhosos da sua nacionalidade e cuidadosos dos destinos do país não implica e infelizmente nem gera uma consciencia nacional que tem de ser íntima, popular e unanime.

E' caso de me perguntarem si êssa consciencia nacional existe agora. Não existe. Eu já disse que imaginavamos com os corricos adiantar o momento da aurora.

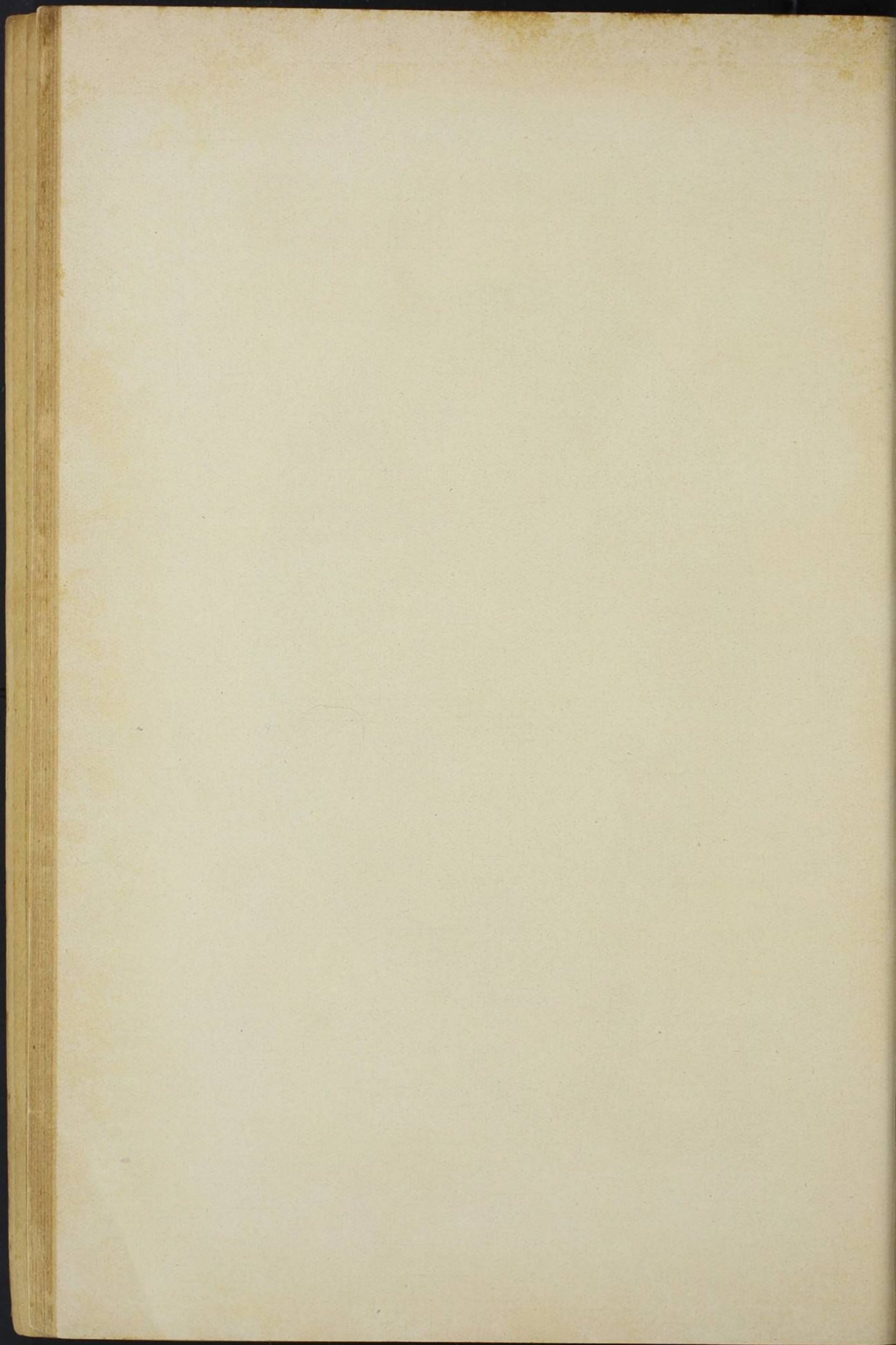
Êra preciso pois auscultar, descobrir, antes: ajudar o aparecimento da consciencia nacional. As pesquisas se multiplicam nêsse sentido entre os modernistas brasileiros. Estão nos "Epi-grammas Ironicos e Sentimentais", embora timidias e esparsas. Da mesma forma no proximo "Meu" de Guilherme de Almeida. Existem já francas e confiantes na tendencia pau-brasil de Oswald de Andrade. Falo só de obras de ficção. E luminosas, violentas na obra post-cubista de Tarsila do Amaral. O Brasil não é para tais artistas um assunto literario escolhido entre mil. E' preocupação imperiosa que abrange mesmo os seus gestos europeus. A realidade brasileira, agora criticada e não apenas sentimental caracteriza já claramente o trabalho dêsse grupo, não escola, grupo que por vário caminho se dirige para o mesmo fim. E' trabalho consciente. E deve ser sobretudo prático, tradicional e experimental. Muito nos ajudará a obra dos historiadores, dos falcloristas, dos regionalistas, dos sociologos. Não nos deve preocupar a opinião que essa gente *séria* possa ter de nós. Somos naturalmente para êles: loucos, pandegos e talvez mesmo cabotinos, ah!... Mordamos-lhes a polpa das obras. Quando boas. Alimentemo-nos com êlas. Êsse consciente, comun trabalho é bela e util coisa.

Qual a contribuição trazida nêsse sentido pelas Memorias Sentimentais de João Miramar? Não creio seja êssa a "lingua brasileira do seculo XXI". Si tal foi a pretensão do autor, como o prefacio indica, a tentativa falhou. Mas continuam as "Memorias Sentimentais" eminentemente brasileiras pelo colorido, ambiente, certa melancolia e inalteravel bom-humor. Inalteravel bom-humor. Sim senhores! Porquê a satira assim não rebaixa o satirico. Não se trata nem de inveja nem de odio. Muito menos de desprêso. Caçoada de companheiro. Sem irritação. E quando a melancolia aparece, é melancolia de rêde sob as mangueiras ao Sol. Feliz. Muito gostosa. Vejam Tarsila do Amaral. Leiam Ronald de Carvalho. Lerão o "Meu". E todas as "Memorias Sentimentais". Pois esta gente está satisfeita com a terra e com tal povo! Que novidade! E' certo que já começamos a abandonar a saudade e a encarar a nossa patria imensa e cheia de bichinhos venenosos como tiguera que ainda pode dar milho. Graças a Deus!

GALERIA DOS EDITADOS



DR. WALDEMAR FERREIRA  
autor do *Manual do Comerciante e dos  
Estudos de Direito Commercial.*



Conhecem aquela historia do caipira que ganhou umas botinas para votar no dr. Tal, deputado de profissão? Pois calçou-as e avançou na estrada. Os pés começaram a doer. O cabra não ponde mais. Tirou as botas e acariciou com olhos paternos os dedos que se mexiam livres, reconhecendo a terra amiga. "Tá contente, canaiada!" Estes modernistas brasileiros parece-me que descalçaram as botas.

MARIO DE ANDRADE





## YEUX VERTS

---

Yeux enchanteurs, yeux couleur de la mer,  
Yeux pensifs qui font rêver!

Que de choses splendides, combien de merveilles  
En vous voyant je rêve, en vous fixant je vois.  
Coins pittoresques d'îles éloignées  
Dressant dans l'air leurs cocotiers en fleurs.  
Solitudes tranquilles faites pour le baiser,  
Nids de verdure faits pour l'amour...

Yeux pensifs qui parlez d'amour!

Peu à peu tombe la nuit, peu à peu monte la lune...  
L'horizon, comme pour les recevoir,  
D'une tunique toute d'or se revêt;

La brise se lève, pleine de douceur osée,  
Frôlant les ondes, provocant en elles  
De brusques frissons de femme sous un baiser...

Yeux tentateurs de la femme aimée!

Une voile blanche, toute blanche, s'éloigne  
Se balançant sur l'onde, palpitant au vent;  
La voilà qui disparaît dans la vaste nuit,  
Dans la vaste nuit faite de clair de lune;  
La voilà qui s'enfonce dans le firmament  
Qui s'étend, au loin, aux confins de la mer...

Yeux rêveurs qui font rêver!

Blanche voile errante, blanche voile errante,  
Comme la nuit est claire, comme le ciel est joli!  
Emporte moi avec toi sur la mer... En avant!  
Emporte moi avec toi jusque plus loin, à ce  
Pan de l'horizon où tu vas t'enfonçant  
Et où finit la mer et où le ciel commence...

Yeux bénis pleins de promesse!

Yeux pensifs qui faites rêver,  
Yeux couleurs de la mer!

EMMANUEL SONDORF

---

N. da R. — O distincto jornalista sr. Emmanuel Sondorf acaba de verter para o francez o *Rosa, rosa d'amor* de Vicente de Carvalho, de que nos envia esta pagina, acompanhada das seguintes linhas:

"La mort farouche vient de nous ravir l'un des poètes les plus puissants et des plus délicats: Vicente de Carvalho. Avocat célèbre, magistrat renommé, son talent de poète lui ouvre les portes de l'immortalité.

Né à Santos, au bord de la plage, on retrouve dans tout son oeuvre l'emprise formidable, l'attraction irrésistible que l'Océan eut toujours sur lui. Poète de la mer, l'oeuvre de Vicente de Carvalho n'est qu'un chant touchant d'adoration aux flots mystérieux: parce qu'il aimait les longues randonnées de pêche, il a su dépeindre et la brutalité sauvage des éléments et aussi la douceur captivante des vagues roulant languissamment.

Tous ses vers d'amour nous ramènent souvent à l'Océan. Vicente de Carvalho est doué d'une grande sensibilité et d'une vision parfaite des couleurs. Le rythme de son vers est d'une belle cadence et sa rime est ciselée, forte, sans chute malencontreuse.

Je n'ai pu rendre en rimes françaises l'éclat scintillant du vers brésilien de Vicente de Carvalho.

Ma traduction (autorisée par les héritiers du grand poète) est donc en vers libres. J'ai tenu à y respecter la joliesse des expressions, le lyrisme des comparaisons, la rêverie du chantre des flots; mais, hélas, je n'ai pu y rendre la beauté cristalline de l'âme du Maître!



## A LINGUA BASCA E O PORTUGUEZ

---

**N**A lida com a lingua basca, cheguei á convicção de que a influencia deste idioma na formação das linguas ibericas de hoje, do portuguez e do hespanhol, não foi, até agora, sufficientemente apreciada pelos linguistas. O que parece evidente é, que os antigos iberos, habitantes prehistoricos da peninsula pyrenaica e de outras partes do continente europeu, devem ter exercido papel preponderante na constituição dos dous povos irmãos e visinhos da peninsula. Com a participação de phenicios, celtas, gregos, romanos, germanos e arabes, transformaram-se no correr dos seculos os antigos iberos nos portuguezes e hespanhões de hoje. Ouso até dizer que estes povos herdaram dos iberos a sua maior e melhor parte. Num artigo que Martin Francisco publicou na revista syrio-portugueza “A Patria Livre” de São Paulo (Anno I, n.º 2, 1923), intitulado: “Latinos? Porque?” chega o illustre autor a igual conclusão “O brasileiro é portuguez, o portuguez é ibero, o ibero foi e é mais phenicio do que celta, latino ou visigodo” — e illumina com luzes que tira da historia e da ethnographia as suas muito acertadas affirmações.

Comparações linguisticas demonstram indubitavelmente relações entre o idioma dos antigos iberos, que hoje vive na lingua euskara ou basca e o dos phenicios, ramo extincto da raça semitica. Si ainda, para parte dos linguistas o idioma basco continua a ser uma lingua isolada, cuja afinidade com outras não pode ser fixada, junta J. M. Pereira de Lima em seu livro “Iberos e Bascos” (Livraria Aillaud, Paris-Lisboa, 1922) a familia euskariana (com os grupos guipuzcoano-bascos hespanhoes — e labour-

dano-bascos francezes) ao ramo turiano da raça turiana, na qual ainda conta os ramos finnez e lybiano. No ramo turiano une o sabio portuguez, á familia euskariana, a familia turiana propriamente (grupos magyar e caucasico) e a familia kureliana (grupo kurilio e japonico). Esta classificação dos iberos como fazendo parte do ramo turiano da familia humana merece toda attenção, mesmo que ella não admitta a approximação immediata dos iberos aos phenicios, originarios da raça semitica. Estamos, pois, longe ainda da solução definitiva de um problema tão difficil como o da subordinação dos iberos aos grandes grupos da familia humana. Seja-me licito, porém, manifestar minha opinião modesta, baseada em prolongada observação do idioma basco e que me conduz a crer que aos iberos pertence uma posição intermediaria entre as raças chamadas turiana e semitica e mesmo entre estas e a raça aryaná. Os iberos, precusores das raças e dos povos que posteriormente habitaram o continente europêo e outras terras adjacentes, têm dado algo á maioria dos povos europêos e dos continentes visinhos, o que facilmente se verifica pela semelhança de muitas palavras do idioma basco e de outras linguas, pontò que será tocado neste artigo só muito ligeiramente por ser dedicado apenas ás relações existentes entre as linguas basca e portugueza.

Voltando á these de J. M. Pereira de Lima sobre a parentela da familia euskariana, devo dizer que a lingua basca me parece approximar-se mais aos idiomas hamito-semiticos do que aos idiomas das familias e grupos aos quaes o douto portuguez a junta, e com os quaes têm talvez os bascos outros signaes communs de raça, que não me compete tomar em consideração nestas cogitações meramente linguisticas. Admittindo que seria possivel dar aos iberos um lugar entre o ramo lybiano da raça turiana e a raça semitica, se estenderia esta posição intermediaria ainda a outros grupos humanos, como opina tambem Pereira Lima, que considera as ilhas Açores, Madeira, Canarias e Cabo Verde como restos de continente (ou ilhas grandes) que foi habitado por iberos. Esta ponte para o continente americano teria alguns milhares de annos mais tarde facilitado o intercambio com o mundo chamado "novo". — Bastem estas breves explicações para demonstrar que os chamados iberos foram habitantes prehistoricos importantissimos da península pyrenaica (em certa epoca talvez ponto da sua maior concentração) e terras circumvisinhas. Assim, é mais que natural a grande influencia que elles devem ter exercido na formação dos povos que lhes succederam e suas linguas, influencia que foi indubitavelmente muito maior do que geralmente se acredita.

Eduardo Carlos Pereira na "Grammatica Historica" (São Paulo, 1916) diz que duas migrações prehistoricas tinham invadi-

do a península — a dos iberos e a dos celtas — “povos que se prendiam ao tronco aryanico, cuja união posterior produziu os celtiberos”. A classificação dos iberos como aryanos não é admissivel e com relação aos iberos não se pode fallar, ao meu ver, de uma invasão na península. Esta lhes pertencia, como outras partes importantes do continente europeu, anteriormente habitadas apenas por hordas humanas sem nome e de nenhuma ou pouca cultura. Enumera Pereira apenas as seguintes palavras do lexico portuguez como vindo do basco, euskaro ou vasconço; aba, bolsa, bezerro, bizarro, charco, charro, garra, esquerdo, mandrião, morro. Menciona ainda que A. Coelho attribue ao basco a existencia no portuguez dos suffixos — *arro* — *arra* (bizarro, bizarra, homenzarrão), — *orro*, — *urro* (cachorro, modorra, pachorra, casmurro). No vocabulario vizcaino-castellano de Don Pablo de Zamarripa y Uraga (Bilbao, 1915) encontro: aba — panal (de mel), mas não encontro a palavra aba com este sentido em dictionarios portuguezes, por ex. Dicc. pratico de Jayme de Séguier. A palavra bolsa usa-se tambem, com pouca differença, em allemão e francez. O basco, porém, não a possui, mas sim a palavra zisku. O mesmo se dá com outros dos vocabulos acima citados, os quaes não podem ser encontrados no lexico euskaro. Assim, parece recommendavel examinar a lista de novo antes de attribuir definitivamente taes vocabulos ao basco. O facto de conterem as palavras charro, garra e morro os suffixos *arro* ou *orro* não pode bastar para que as tomemos como de origem basca. Com o mesmo direito se podia incluir nesta lista: terra, barro, carro, burro e muitos outros vocabulos portuguezes, o que conduziria obviamente ao absurdo. Em todas estas palavras, *arro*, *orro* e *urro* pertencem á raiz e não têm nada que ver com o suffixo formado pelas mesmas letras e attribuido por A. Coelho ao basco.

A grande influencia do antigo ibérico manifesta-se muito claramente nos nomes proprios da península, tanto geographicos como pessoases. Sobre os nomes geographicos, de cabos, montanhas, rios, paizes, cidades e villas, não posso extender-me dentro dos limites restrictos deste artigo; quero, porém, chamar a attenção para alguns nomes pessoases portuguezes, confrontando-os com nomes syrios bastante conhecidos no Brasil hospitaleiro, nova patria de centenas de milhares de syrios, que alli estão sendo assimilados com grande facilidade pelos luso-brasileiros — facto muito digno de reparo para investigações como a presente.

<i>port.</i>	<i>basco.</i>	<i>syri.</i>
<i>Ac-ed-o</i>		<i>Ass-ad</i> — tribu
<i>M-ac-ed-o</i>		<i>M-ass-oud</i> — ibérico: <i>J-acet-an-os</i>
<i>M-ach-ad-o</i>		<i>M-ass-ad</i>
<i>C-as-ad-o</i>	<i>A-n-ch-iet-a</i>	
<i>C-aj-ad-o</i>		<i>H-ass-an</i>
<i>C-as-eir-o</i>		<i>N-ass-im</i>

<i>port.</i>	<i>basc.</i>	<i>syr.</i>
T-eir-eir-a		S-ay-ad, S-ay-eg
F-ach-ad-a		H-adj-e — phen: is=homem
F-aj-a-r-d-o		
S-ay-ão		
L-ac-e-r-d-a		B-ouj-ad-i — phen: Iz-en=nome
S-uc-e-n-a		P-ach-a — basc: g-iz-on=homem
P-ach-ec-o		F-ay-ad
F-o-r-j-az		
B-o-r-g-es		
P-eix-e		
P-eix-inh-o		B-eij-an-i — t-atsch-er=negociante europeo em Maruecos
P-eix-ot-o		
Eg-yp-to		
		N-ag-ib
		Ay-ub
		Issa, Iz-ar tit. turc: pacha
		Ass-if, Ass-ef
Az-ev-ed-o		B-uss-ab
Az-e-r-ed-o		N-ac-if
		B-ass-il-a — N. hebr. J-os-eph
N-as-a-r-eth		
Az-u-r-em		Az-ar, J-az-r-a
M-az-arr-ed-o		Z-az-ur
B-ez-err-a		Z-a-r-z-ur — N. hebr. Es-ra
M-ac-i-eir-a		M-a-n-s-ur
M-ed-eir-os		K-es-am
M-ad-eir-a		G-a-n-d-ur
M-ad-ur-eir-a		B-ach-ur
G-ued-es		B-ech-ar-a — povos ant. T-u-r-d-et- anos
G-ad-elh-o		
B-o-r-d-all-o		
C-o-r-d-eir-o		
M-e-n-d-es	M-e-n-d-iet <sup>a</sup>	T-u-r-d-ul-os
B-a-n-d-eir-a		V-a-r-d-ul-os
P-o-n-t-es		B-ad-ur
F-o-n-t-es		F-ua-d
F-o-n-t-our-a		W-a-r-d
V-e-n-t-ura		F-ad-ul — mag. g-az-d-a=patrão
V-e-n-d-eir-o		Ch-ed-e, Ch-ad-e
F-o-n-t-an-a		S-aad, S-aid — basc. ug-az-aba=amo „ n-ag-usi=chefe
F-o-n-t-ainh-a		
F-u-n-d-ão		tit.
F-ag-u-n-des		Aud-i — abess: N-eg-us
Eg-as		J-u-n-d-i
F-og-aç-a		Uad-in — povo
N-og-veir-a		Ch-aud — ant. S-ic-ul-os „ S-ic-an-os
S-iqu-eir-a	Ag-uirr-e	
S-equ-eir-a		bsac. k-otx-o=pequeno gas-t-e=joveu
S-eg-ur-o	U-r-qu-iet-a	
C-e-r-qu-eir-a	U-r-qu-iz-a	
C-e-r-qu-inh-o	V-e-r-g-ar-a- jaur-egui	turc.: ogh-ul=filho
V-e-r-qu-eir-o		mag. f-iat-al=joven
V-a-r-g-as		
C-a-r-qu-ej-o		
B-a-r-qu-ej-a		
M-e-r-c-ad-o	M-e-r-ch-ed	
Roch-a		Rach-id

<i>port.</i>	<i>basc.</i>	<i>syr.</i>
Rox-o		Rac-y, Raz-uk
Ros-a		Abi-rach-ed — ar. radsh-ol=homem
B-rock-ad-o		Ray-al — turc. redsch-ul= „
		Rah-al
B-raz		tit. abess.: ras
B-raz-ão	A-rost-egui	
P-res-ad-o	Sa-t-rust-egui	
F-raz-ão		
P-rec-ios-o		
Red-o-n-d-o	Reat-eg-ui	
Reg-ueir-a		
T-rig-ueir-os		
Re-n-d-eir-o		
B-ra-n-d-ão		
Ra-n-g-e-l		
La-ra-n-g-eir-a		
La-ra-n-j-a		
La-ray-a		
V-asqu-ez		povo: B-asco-s
V-asc-onc-ell-os		„ Eusk-al-dun
M-usq-ueir-a		turc. ask-er=soldado
M-osqu-eir-a		
M-asc-ar-enh-as		
M-esqu-it-a		
M-osc-os-o		
B-uen-o		Bain-am — suah. bana=senhor
		phen. bin=filho
S-en-ra		Abis-s-am-ra
G-am-a		S-am-ar-a — mag. k-oma=
		cunhado, compadre
G-om-es		T-um-a
T-am-er-ão		Ch-aim — bantu: om-u-a=senhor
R-om-eir-o		N-em-er
		N-am-or-a — N. ar. Om-ar
		B-um-ar-af
R-am-alh-o		J-am-il
C-a-r-n-eir-o		G-an-i
		egyp. e ziganos: v-om=
		homem
		basc. jaun=senhor.
		abess. schum=fiscal
		finn. Jum-al-a=Deus
F-ar-ac-o	Ur-ag-a	F-ar-es
F-ar-inh-a	Ar-ay-a	C-ur-y — mag. ur=senhor
Al-v-ar-es	Jaur-e-gui	C-er-aik
Al-v-ar-e-n-g-a	Echa-z-ar-eta	Sch-ouer-i
V-ar-ella	Ur-iet-a	M-er-eg
Ar-auj-o	Ur-a-n-g-a	
M-ar-uj-o		phen. n-aar=joven
Ar-anh-a		
P-er-eir-a		

<i>port.</i>	<i>bas.</i>	<i>syr.</i>	
N-or-onh-a			tit. turc. Khal-if
M-or-eir-a			celt <i>ul</i> =jovem
M-or-aes			
M-or-at-o		M-or-ad	
M-or-ed-a			
M-ur-alh-a		F-ar-ah	
M-ar-anh-ão			
M-ar-anh-as			
Eir-as			
L-eir-oz			
Q-ùeir-oz			
Q-ùeir-oga			
El-oy			
B-al-ai-o	Echa-v-al-et-a	M-al-uf	
C-al-eir-o	Z-ul-et-a	C-al-ux	
M-al-af-ai-a	S-ol-oet-a	C-al-ex	
		C-al-il	
		K-ul-aif, C-al-eb	
		S-al-im, S-al-am-y	
		S-al-em-i	
		H-ul-u-an-y	
G-uerr-a	L-arr-a	Arr-a	urr-i=homem
S-err-a	B-arr-en-ech-ea	B-uarr-aj	
T-err-a	Eche-v-err-i-a	M-arr-ach	
F-err-ug-em	Reca-b-arr-en		bas. :
F-arr-uj-a			m-orr-osko=
F-err-ão			moço
F-err-az			m-orr-oi=
S-err-ad-or			moço
C-orr-ei-a			
G-arr-az-ed-o	Arr-iet-a		
G-arr-ad-o	I-t-urr-iet-a		
C-arr-apat-os-o			
G-arr-af-a			
T-orr-es			
B-arr-os			
C-arr-asc-o			
C-arr-ic-ondo			
G-arr-id-o		S-all-um	
Chich-orr-o		I,ut-f-all-a	
S-all-es			
T-ell-es			
B-ell-ez-a			
V-all-e, V-all-im			
V-ell-os-o			
V-all-ad-ão			
V-all-ad-ar-es			
V-ill-a-boim			
V-ill-amil			
Qu-ev-ed-o	O-r-b-e-t-a	D-ib	
L-av-ad-o		Ub-aid -- Bantu: <i>ib-ara</i> =nome	
C-a-r-v-alh-o		Aw-ad -- (afr.)	
C-o-r-f-ei-a		J-af-et	
B-a-r-b-ed-o		Ch-af-ich -- ar.: <i>r-abb</i> =senhor	
B-a-r-b-oz-a		S-oubh-ia -- tit. hebr.: <i>r-abb-i</i>	

<i>port.</i>	<i>basc.</i>	<i>syr.</i>
B-a-r-b-ulho		S-ab-a
R-ib-eiro-o	Ib-ar	G-eb-ar-a
R-ib-as		Ch-eb-ath, Ch-eb-ai-a
Ch-ib-arr-o	Ip-arr-a	B- ar-b-ur
R-ub-ião	Ib-arr-a	A-r-p
Ol-iv-eir-a	Ib-az-et-a	O-r-b-i
S-i-l-v-a	Ib-iet-a	B-i-r-b-eir-e — eg.: s-uf-et-a=juíz
S-i-l-v-eir-a	Z-ub-iet-a	C-o-r-b-an
Oro-z-i-m-b-o		S-a-r-b-ouk — tit. ar. she-r-if-e
Ap-arr-ad-o		J-ab-ur — babyl.: ab-o=paç
Am-p-ar-ad-o		S-abb-ag — phen.: ab = „
J-a-m-b-eir-o		D-abb-agh — mag.: ap-a= „
R-ap-os-a		L-ab-ak-i bantu
R-ap-os-eir-o		Ab-u-d — (afr.): omu-shi-m-ba
C-r-av-eir-o		Ab-d-an-a
S-ab-ai-a, Sa-m-p-ai-o		R-ab-ay — significação dos Hereros
Ab-elhe-eir-a		S-ar-uf-o
L-ob-o		Ch-ap-ch-ap
Sar-aiv-a		S-ap-ag
P-r-oph-et-a		
Abr-eú		
C-abr-al		
N-obr-e		ar.: ch-abb=moço
N-obr-eg-a		phen.: s-a-r-b=filhote
F-abr-eg-as		mag.: a-r-v-a=orphão
S-obr-eir-a		„ u-r-f-i=filho
L-ebr-e		„ N. A-r-p-ad
S-eabr-e		
Abr-a-n-ch-es		G-ebr-im bibl.: Abr-ah-ão
Abr-u-n-h-eir-o		G-abr-i-el
L-u-m-b-r-i-a		mag.: e-m-b-e-r=homem

Uma comparação directa entre nomes bascos e phenicios dá margem a parallelos mais evidentes, por exemplo: phen. I-thabal, basc. Mend-i-zabal, Aresti-zabal, Irarra-zabal. Aos nomes phenicios com *bal* se pode facilmente confrontar nomes bascos com *bal*, *val*, *bar*, *buru*:

<i>phen.</i>	<i>basc.</i>
Abi-Baal	Antena-bar
Jathan-bal	Aram-bar
Azrath-bal	Eche-buru
Ihar-bal	Eles-puru
Meer-bal	L-arra-buru
Hasdru-bal	Aram-buru
Hanni-bal	Uri-buru
Matan-bel	Carrica-buru
Bal-ram	Echa-val-eta
Bal-sillek	Bar-azarte — compare com este nome basco os nomes phenicianos:
Bal-aman	Ger-astarth
Bal-ator-us	Abd-astarth=filho ou servo da (deusa) Astarte.
Uru-melek	

O sentido de *al*, *b-al*, etc. nestes nomes dever ser = filho.

Seria facil prolongar a lista de nomes proprios portuguezes confrontados a nomes bascos e syrios e augmentada por alguns vocabulos de varias linguas, que podem ter alguma relação com elles. Tratando-se aqui apenas de uma indicação geral que achei necessaria para não deixar por mais tempo desattendido dos linguistas um campo de acção de maior importancia, não me extendi mais amplamente sobre a solução deste caso, o que mesmo não é o fim deste pequeno trabalho, que não pretende entrar em detalhes. Seja dito, porém, para os leitores interessados na solução do problema dos nomes proprios, (infelizmente quasi sempre traduzidos erroneamente por meios improprios) que os nomes contêm geralmente o conceito pessoal em innumeradas variações, muitas vezes acompanhado de consoantes prefixadas e augmentado por prefixos ou suffixos, cujo sentido é outra vez a idea pessoal. No conceito pessoal, offerece o nome ás vezes outros themes, como o da filiação ou da idade e dignidade. Muitas vezes ha cruzamento entre conceitos differentes, podendo nomes com sentido diverso chegar na sua evolução ao mesmo ou semelhante aspecto. Nos exemplos dados ha cruzamento entre os dous conceitos senhor e filho (*r-ab* = senhor, *ab* = filho, *ur* = senhor, *ul* = filho), pelo que a descoberta da significação exacta de muitos nomes continua a ser difficil. Será, porém, em geral sufficiente fixar a raiz do nome com o conceito pessoal, o que quasi sempre será possivel pela comparação do nome com outros, formados pelos mesmos principios, e pela separação das vozes prefixadas e suffixadas que acompanham a raiz. O nucleo restante acha-se ainda muitas vezes transformado por extensão (*av* → *a — r — v*, *iv* ← *i — l — v*, *ach* → *a — n — ch*, *ad* ← *a — n — d*, *a — r — d*). Mas o entendido conseguirá tambem sua redução á raiz primitiva e encontrará então aquella palavra radical, com que foi chamado, ha milhares de annos, o antepassado da pessoa, cujo nome se analysa. Demos ainda o confronto de alguns vocabulos, que possa servir tanto ao linguista na classificação de verbos portuguezes, quanto ao ethnographo no estudo das relações existentes entre povos, ás vezes pouco observadas.

<i>port.</i>	<i>basc.</i>	
<i>le-n-h-a</i>	<i>eg-ur</i> (madeira)	phen. <i>n-ag-ar</i> (marce-neiro)
agua	<i>ur-a</i>	assy. <i>m-aar-u</i> (rio)
villa, cidade	<i>err-i</i>	„ <i>al-u</i> (cidade)
<i>tugurio</i> (casebre)	<i>teg-i</i> (celt.teg)	abess. <i>tuc-ul</i>
vestido	<i>ez</i>	phen. <i>shenti</i>
<i>n-ad-a</i>	<i>jantzi</i>	
<i>es-c-o-n-der</i>	<i>ez-kutau</i> =não ver	
<i>pa-n-d-eg-a</i>	<i>poz</i> (alegria)	
<i>ped-aç-o</i>	<i>pus-ka</i>	suah. <i>ki-pa-n-d-e</i>

<i>port.</i>	<i>basc.</i>	
funil	onil	
c-r-iad-o	ots-ein	
garoa	garo	
estar no p-rego (peiorado)	pa-laga-du (emprestar)	
soco	saka	
caldo	salda	
choça	trab-ol-a	
c-asa	etxe — phen. beth=casa	afr. ju-m-b-e, cha-m-b-a =choça
pão	og-i	phen. l-ah-m (pão)
comida	j-ak-i	ar. l-ah-m (carne)
carne	a-r-ag-i	suah. ch-ak-ul-a (co- mida)
		finn. r-uak-a (comida)
cachorro	chak-ur	afr. chae-al
matar		(morrer)
t-orqu-eza.		haus: mutu, ar: mat
		phen. m-alq-uh
manda-chuva	jaube (dono, senhor)	suah: ju-m-b-e=chefe
		bantu: omu-yamba=chefe
m-ach-ad-o	ay-otz	„ (afr) m-uy-o (faca)
c-asc-a	osk-ol	
afavel	maz-al	
	(cf. port. ma-n-s-o)	

O que foi demonstrado bastará para convencer que ha relações estreitas entre vocabulos e nomes proprios dos portuguezes de hoje, netos dos antigos iberos, e os nomes dos syrios, que são do mesmo sangue como os antigos phenicios. Parece desnecessario mencionar expressamente que me aproveitei dos nomes syrios para minhas deducções apenas porque elles offercem um material variado e de facil collecção no Brasil. Não quiz provar que iberos e phenicios, e portuguezes e syrios são identicos; quiz demonstrar apenas que entre elles e outros povos ha relações vindas de muito longe, de uma epoca remotissima, quando uma raça anaryana, que a sciencia costuma chamar turiana, habitou terras europeas e visinhas e se misturou com as raças semitica e aryana, posteriormente entradas em scena. O gráo da penetração que a raça turiana exerceu nas suas diversas ramificações (além das precitadas, segundo Pereira de Lima, mais os Pelasgos, Liguros, Etruscos) sobre os povos que depois se formaram, foi de certo diferente; que elle foi notavel no povo portuguez quiz assignalar com estas minhas demonstrações julgadas como meramente preparativas. Fica reservada a estudos mais profundos sobre o lexico e a nomenclatura portuguezes a tarefa de solver definitivamente a questão.

Buedingen (Oberhessen)  
Allemanha

FRIEDRICH SOMMER



## A PROPOSITO DAS OLYMPIADAS

---

O lugar tomado pelo esporte na actual literatura franceza é, certamente, um dos factos mais curiosos do nosso tempo.

O paiz do intellectualismo á “outrance” adoptando uma literatura que parecia ser até hoje o apanagio dos americanos e dos inglezes, cujos escriptores nunca desprezaram os gestos e os esforços athleticos, eis um caso interessante e digno de ser notado!

Não ha duvida que a causa indirecta dessa nova orientação literaria é a influencia cada dia maior dos norte-americanos. Um dos introductores da literatura esportiva em França foi Pierre Mac Orlan. Convivendo com americanos, leitor assiduo dos novelistas newyorkinos, de Jack London e de outros de agradável leitura, o autor de *Malice* e da *Vénus Internationale*, reservou em seus romances um lugar para o esporte. Em *La Vénus Internationale* <sup>(1)</sup>, um dos melhores romances de 1923, dois irmãos de educação esportiva e sadia lutam contra o atrazo camponez e contra a seducção de uma bolchevista russa. O mesmo Mac Orlan, em varios artigos elogia e commenta combates de box, corridas, etc.

Outro jovem escriptor de muito talento, Paul Morand, trata de uma corrida de bicycletas, num dos seus contos excellentes de “*Ouvert la Nuit*” <sup>(2)</sup>.

Entretanto, Mac Orlan e Morand só falam de esporte incidentalmente. A bella loucura do seculo não lhes serve nunca de assumpto principal. Seus livros têm outro enredo, quasi sempre

(1) Nouvelle Revue Française.

(2) Nouvelle Revue Française.

no genero do romance de aventuras que, apesar de tudo o que se disse a respeito, não se exgotou ainda.

Depois de Mac Orlan, um joven poeta, Géo Charles, director da pequena revista *Montparnasse*, publicou uma série de poemas com o titulo de "*Sports*". Mas fraqueza de realização impede de recommendal-os. Lucien Fabre, em *Vanikora* <sup>(3)</sup> escreve uma ode ao foot-ball-rugby cuja força violenta de imagens e cuja inspiração sobria são grandiosas. O jogador que, depois de correr com a bola até a linha de fundo adversa consegue o *ensaio*, cáe e:

crache le goû de la victoire  
avec de la boue et du sang.

Henry de Montherlant, outro jovem de extraordinario talento, abordou as mesmas terras quasi incultas.

O assumpto é tentador. Mas este enveredou de verdade pela floresta virgem e, aproveitando o momento opportuno das olympiadas, publicou dois volumes sobre o foot-ball e o atletismo em geral.

Trata-se de "*Le paradis à l'ombre des épées*" <sup>(4)</sup>, e de *Les onze devant la Porte Dorée*". No primeiro desses livros, num emocionante estudo intitulado "Le tibre e l'Oronte", o autor tece commentarios em volta da educação physica e intellectual dos povos. No segundo volume a parte da imaginação é maior. O livro termina por uma série de poemas modernissimos sobre o esporte. E' digno de citação a seguinte passagem sobre o goalkeeper:

#### LES ÉMOTIONS DU "SOLITAIRE"

— Garde-but, garde-but,  
on te fait avec les doigts: "Plus que six minutes"  
Les mains lourdement couvertes, la nudité haute des cuisses,  
les genoux lustrés comme une feuillè,  
Il va et vient dans sa cage comme un amoureux qui attend.

— Garde-but, garde-but,  
on te fait avec les doigts: "Plus que trois minutes".  
Loin l'attaque: au large, une vague qui naît.  
Il croit voir le gros poisson dans son filet.  
Prend peur. Sort de son goal. O soldats, la fuite en avant!  
La vague arrive sur lui, avec une odeur de corps et de terre.  
Et le premier but, le seul, est marqué dans la lueur du couchant.

Il s'écroule. Il reste immobile.  
Il s'arrache les cheveux comme Achille.

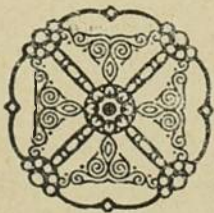
(3) Nouvelle Revue Française.

(4) Bernard Grasset.

A limpidez classica das imagens, o movimento livre do verso, a simplicidade do estylo, denotam o grande escriptor. Depois de seculos e seculos de mysticismo barbaro, de symbolismo obscuro e de impressionismo doentio, Henry de Montherlant renova a tradição de Pindaro. Imagine-se agora o ridiculo de sua obra escripta em alexandrinos parnasianos! Duros, inflexiveis, de gravata e collarinho engommado, cantando a elegancia leve e "souple" do athleta.

E hoje apparece mais um livro orientado para o mesmo lado. Escreveu-o um brasileiro, Dominique Braga, intitulado-o de maneira significativa "*Le 5.000*" (5). Trata-se de uma corrida de resistencia de 5.000 metros. 300 paginas sobre uma simples corrida, eis um malabarismo por si só interessante. Mas no romance de Dominique Braga ha mais do que isso. Ha uma grande emoção e um trabalho admiravel de estylo que fazem do autor um dos jovens mais promettedores do momento.

SERGIO MILLIET



---

(5) Nouvelle Revue Française.



## FÓGOS

---

*(Impressões de uma noite de S. João)*

Tátá... Chiii... Quetá!...  
Prrráá... Bumbum!!! Búbú!...  
Chiii... Taque tá! Prrráá...  
Tique bum! Bambam... Bá...  
Chóóó... Xiii... Viut... ú...  
Brra... Chüin... papàu!  
Tatá! Prrr... Bóóó...  
Ti bum! Crr... Fiáu...  
Crro óóó... Xin... Bóbó!...  
Prr... Brrrá... Chiii... Tibão!  
— O'i o balão! O'i o balão Santos Dumão!...

CORREIA JUNIOR

---

N. da R. — A título de curiosidade, transcrevemos d' "O Itiberé" esta deliciosa pagina impressionista.



## NO JARDIM DAS LENDAS

---

**P**ARA os que ainda sonham, archeologos dos symbolos e dos mysterios, nada mais fertil de commovida poesia, do que o passado, onde as lendas florescem, encantando os asperos caminhos medievaes. A fé rebenta em bellezas de mythos, de legendas, perfumando as velhas abbasdias, os mosteiros encravados nas montanhas, esquecidos nas solidões. Espiritos appareceram, endurecidos pelo contacto da sciencia que é fria, da erudição que é impassivel, e destruíram, em mais de um recanto, essas reliquias do idealismo christão, essas derradeiras vozes das antigas eras mysticas.

De que lhes valeu mais essa fama? Tanto quanto teria valido a um barbaro que desfolhasse as ultimas petalas de um jardim atormentado pelos ventos.

O utilitarismo já vae tão disseminado, que por si mesma se desfariam estas lendas, ultima floração do mysticismo antigo. Antes, porém, que estes echos da Idade-media desapareçam na algazarra das novas orientações literarias, recordemos algumas dessas lendas, verdadeiros poemas de simplicidade. Seja primeiro a historia, muito conhecida no sul da França, dos passaros mancos que ainda hoje, dizem, habitam esses lugares. Outras lendas virão para gosto dos que, sendo moços, trazem dentro de si um coração antigo e, vivendo no seculo XX, teimam por andar em epocas medievaes.

### OS PASSAROS MANCOS

A vida naquelle mosteiro corria como um grande rio de paz, que balançasse em suas aguas inalteraveis os esquifes daquelles corpos emagrecidos na penitencia e na oração.

A's vezes, alguma noviça mais ardente debruçava-se nas bordas do seu batel, tentando descobrir nas aguas placidas que o arrastavam, a estrella que outr'ora lhe aquecera o coração creado para amar. Immediatamente, S. Opportuna, que tambem descortinava as almas, tangia para aquelle batel

em perigo o seu barquinho mais leve do que uma folha do Breviario e recolhia as velas que a noviça largára ás brisas tentadoras.

E os esquifes tornavam á placidez primeira, balouçados pelas inalteráveis aguas daquelle rio de paz, a derivar pelo mosteiro a dentro.

Mas, no mundo, ainda aquelles que morreram dentro de si, não conseguem descansar completamente. E' preciso uma contrariedade qualquer para agitar o sepulcro dos corpos, desempoal-os, resequil-os bem, e só assim, fazel-os voar ao menor sopro de uma aza que se agite.

Chegou para as freirinhas de S. Opportuna, um vendaval descomposto e bravo.

Floriã os campos cheios de perfumes; dobrava-se o trigal aos arripios do vento, mas, nem os botões chegavam a abrir-se, nem o trigo a espigas perfeitas. Do céu, numa algazarra indigna de aves de Deus, desciam voltejando, como nuvens, uns passaros famintos e malfeitores, a debicar as rosas que se entreabriam, a estragar os grãos em ponto de sazonar.

Em vão as Irmans se atropelavam por espantal-os!

Suas toucas alvas, esvoaçando, pareciam grandes borboletas irriquieta, o que muito divertia os passarros que erguiam sua algazarra no céu, como numa assoada ás servas de Deus.

De todos os meios lançaram mãos as religiosas, mas, nem as cruces de cinza pelas estradas, nem as cruces de palha pelos ramos, nem as preces com a face em terra, nem os cilícios, nem os jejuns valiam a pôr os intrusos longe da colheita.

Já aquelle rio se encrespava, de ondas crescidas, ameaçando uma borrasca na serenidade do claustro, quando chorosas se apresentaram á Superiora todas as Irmans. Ouviu-as muito placidamente a santa e achou fundamento nas suas queixas. Tremeu-se toda, quando a Madre de S. S. Sacramento descobriu a tentação que andava nas azas daquelles passarros.

Ergueu-se então a abbadessa e, traçando a sua bençã sobre as bôas ceifeiras, mandou-as com este recado ás aves:

— Em nome da Paz que é Deus, passaros importunos, recolheivos ao carcere da abbadia!

Immediatamente, silenciosos, sem um pio de protesto, lá se foram todos para a prisão subterranea do velho claustro medieval...

No dia seguinte, quando se reuniu a comunidade na sala de recreio, a Superiora, com um gesto que transpirava muita magua pediu silencio para uma consulta.

— Filhas — começou; hontem lia em paz o meu livro de horas e vós no campo, no jardim, vos apoquentaveis com o mal daquelles passarros danninhos. Até mim chegou a vossa inquietude e foi preciso que o Senhor vos viesse em socorro para que tivésseis mais tranquillidade. Hoje, sou eu quem se perturba e é da caridade que vós me ajudeis neste trabalho. Irmans, quando sahistes para o campo, da minha ogiva contemplava a calma de vossa vida. Sobre vossas cabeças, varios passarros se divertiam com revoejos e cantos. Isso acordou-me na alma a lembrança dos nossos prisioneiros do subterraneo. Um cuidado se apoderou de mim e eu descí a ver que fariam os encarcerados? Ah! Irmans, como chorou meu coração com o que viu! Lá estavam todos, mudos, tristes, pousados nos sitios mais frios e de mais sombra. Chamei-os a ver se os alegrava, perguntando-lhes se tinham fome. Sabeis que fizeram? Velaram suas cabecitas com

as azas e ouvi, ouvi, Irmans, ouvi o pranto daquellas avesinhas encarceradas!...

E a santa abbadessa aparava na alvura de um linho, as lagrimas claras que lhe rolavam pela face transparente.

Toda a comunidade se commoveu. Sobre todos os soluços sobresahia o pranto da madre do S. S. Sacramento.

— Determinei reparar o nosso feito — continuou a santa — e Deus me inspirou o meio de conciliar a nossa paz com a liberdade daquellas azas. Peço-vos que me acompanheis com o vosso assentimento e com os vossos passos.

Todo o mosteiro desceu á prisão. Lá estavam na mesma solidão as aves, tristes, cabisbaixas. Commoveram-se novamente as boas almas.

Num verdadeiro silencio de liturgia, ouviram a fala de S. Opportuna, dirigindo-se aos passarinhos. Impoz-lhes preceitos de nunca mais tornar áquellas paragens, tão damnhinhos e buliçosos. Se eram aves e podiam voar, não viessem perturbar a paz das Irmans que se haviam retirado ao ermo. Fossem livres voar, cantar. Quando se achassem em apertos por falta de mantimentos, ou perseguidos pelos homens maus, voltassem então, mas voltassem em paz. Grande era a caridade de Deus e naquella abbadia, onde seiscentas monjas, ha varios seculos, sempre gosaram da fartura, haveria na concha de cada mão um celleiro para ellas, avesinhas. Quando perseguidas, a propria capella do mosteiro se lhes abria para refugio. Mas, agora, fossem, partissem! E abrindo as portas, contemplava sorrindo, com toda a sua religião, o vôo calmo das prisioneiras que saham.

O sol refranzia-se como ouro liquido nas azas brancas dos passaros em rebojo pelo alto, muito calados, tranquillos.

Estiveram assim largo tempo, remoinhando na altura; de repente, bicos entreabertos, romperam numa algazarra que ensurdecia. Vinham revoando tão baixo, que parecia quererem aggreir a santa abbadessa que os olhava assombrada. Que seria? Rogando a Deus lhe desse o entendimento de tamanha revolta, logrou saber porque tanta e tão desassizada grita. E' que faltava ao bando um passaro... E offendidos, mostravam sua colera com aquelles chilros e ameaçavam devastar todo o plantio, se não lhes restituissem o companheiro defuncto.

Affligiu-se muito a Superiora e, interrogada a casa inteira, veio a saber-se que, de facto, se dera a morte á ave desaparecida.

— Mas, como fizeram isto?

E a Irman cosinheira explicava:

— Fôra a Irman Seraphina dos Santos Anjos, que mais parecia uma visão do que sêr vivo, que desejava petiscar uma aza de passarinho. Coitada! tão fraca, tão debil, só mesmo uma aza de ave lhe iria bem ao estomago! E a ave morreu para que a Irman Seraphina vivesse ainda mais um pouco. Teria feito mal?

Perdoou-lhe a santa, mas ordenou-lhe que trouxesse os ossos do pequenino morto, com o que se augmentou a afflicção da cosinheira: onde buscar-os? A tudo, porém, provê o céu. Momentos depois, surgia a Irman com uns ossinhos tão frageis, que mais pareciam gravetos...

Nesse momento, as aves que continuavam em giros e assoadas, baixaram o vôo em redor da Santa. Mostrou-lhes ella os ossos na concha da mão; ergueu-os liturgicamente ao céu e, feita uma prece a Deus, soprou no alto: como um halito quente, a vida animou aquelles gravetos e a visão de um passaro branco se fez realidade na mão alva e prodigiosa da abbadessa.

Todas as azas palpitarão em torno do companheiro resuscitado, emquanto as Irmans dobravam os joelhos de espanto.

Dos passaros, os mais proximos passavam-lhe as azas pelo corpo á maneira de abraço. Os mais distantes acenavam com a cabecinha. Uns se libravam á pequena altura; outros davam giros cadenciados, qual se fôra uma dança. Só a Superiora não se alegrava nem se commovia.

— Porque não se rejubila vossa reverencia?

— Não vê, Madre, que o pobrezinho sahi coxo?

De facto, a perna direita não tocava o solo. E desde esse dia, nos arredores do Mosteiro de S. Opportuna se foi notando o mesmo defeito nos passaros que descendiam do que a Abbadessa resuscitara.

Ainda hoje, elles por ahi manquejam. E faz pena vêl-os assim: se elles attestam ainda a santidade da grande monja, o ermo do lugar tornado terra de descrença compunge o coração com a falta do mosteiro de seiscentas religiosas devotissimas.

SILVEIRA BUENO





## CERTAMEN SCIENTIFICO - LITERARIO IBERO - AMERICANO

---

**A** “Associação Patriótica Espanhola”, com séde em Buenos Aires, tendo entre seus fins — “fomentar a cultura e trabalhar pela fraternidade e pela exaltação do bom nome e progresso dos povos ibéricos” — resolveu celebrar o “dia da raça” do proximo anno de 1925 com um grande certamen scientifico-literario ibero-americano. Para esse fim, designou uma commissão de cidadãos americanos e hespanhóes, da qual fazem parte os snrs. Feliz Ortiz y San Pelayo, dr. Rodolfo Rivarola, Dr. Marco M. Avellaneda, Dr. José Leon Suarez, Dr. Joaquim Llambias, Augusto Aranda, Dr. Frederico Iribarren, Dr. Americo de Galvão Bueno, Antonio F. Castro, Vicente Nicolau Røig, Dr. Avelino Guttierrez, Dr. Toribio Sanchez, Dr. Guillermo Romero e Dr. Juan Areu Franco.

Esta commissão, desejando que o projectado certamen não consista num concurso de modesta significação ou de trabalhos de facil e commoda erudição, como os que a miude se celebram sob differentes denominações, pretende obter das mais altas mentalidades ibero-americanas a apresentação de trabalhos de valor, dentro de sua especialidade, e que importem sempre que seja possível em investigação propria, de maneira que o certamen nos revele a todos o nivel cultural ibero-americano.

Para lograr estes resultados, collocou seus esforços sob o patrocínio dos chefes de Estado das nações ibero-americanas e

dos seus centros culturaes mais importantes, prescindindo de qualquer outro auxilio, afim de que os premios, especialmente por seu valor moral, estejam em relação com o esforço e merito que pretende exigir.

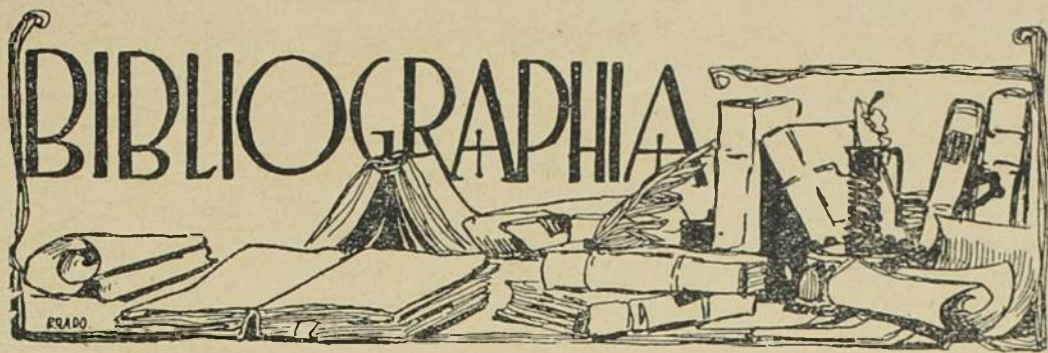
O certamen será realizado de 12 a 20 de Outubro de 1925. Os concorrentes deverão apresentar duas ou mais copias a machina, com entrelinha, provas typographicas ou mesmo folhas já impressas, caso em que será necessario que o consulado argentino do logar atteste ter sido a impressão *ad-hoc*. O maximo será de cem paginas, de trinta linhas cada uma, permittindo-se os idiomas portuguez e hespanhol.

Os trabalhos deverão ser entregues á Secretaria da Comissão (Bernardo de Irigoyen, 668. Buenos Aires) até 31 de Maio de 1925.

A comissão organisadora constituirá diversos jurys, segundo a quantidade e a indole dos trabalhos, elegendo seus membros, tanto quanto possivel, entre os professores universitarios. Os pareceres deverão ser expedidos antes de 31 de Agosto.

Quanto aos themes, a escolha deverá ser feita pelos chefes de Estado convidados, aos quaes a comissão organisadora sugere trinta e tantos.





*DA COMPRA E VENDA NO DIREITO COMMERCIAL  
BRASILEIRO — Dr. Luiz da Cunha Gonçalves — Com-  
panhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.*

A compra e venda é o acto de commercio por excellencia — “contracto typico da economia monetaria, como a troca é o contracto typico da economia natural”. “Ainda hoje — diz Vivante — quando se faz uma troca de mercadorias, o negocio apresenta-se com os caracteres juridicos e mercantis da venda; porque não são ellas avaliadas uma por meio da outra, mas pela medida commum do dinheiro.” Além disto, diversos outros contractos, em que a transmissão de mercadorias se opéra, são modelados sobre a compra e venda e não sobre a troca. Finalmente, a grande maioria dos institutos de direito commercial tem a sua origem directa ou indirecta na compra e venda, taes são as bolsas, os bancos, as sociedades commerciaes, os titulos de credito, os armazens geraes, etc.”

E’ bem de ver, pois, o extraordinario alcance do trabalho que o illustre advogado dr. Luiz da Cunha Gonçalves acaba de publicar sobre a compra e venda no direito commercial brasileiro. Advogados e commerciantes não podem deixar de conhecê-lo. Da primeira á ultima pagina, todo elle é uma serie de lições a que terão de recorrer muita vez.

Antes de entrar no amago da questão, detem-se em preliminares que revelam já o profundo sabedor que mais para diante vae pôr em plena evidencia sua autoridade e os recursos de expressão de que pode lançar mão. Versam a evolução da compra e venda e a theoria economica e juridica do acto de commercio, dizendo-nos, de um pensador arguto, que conhece deveras a historia do instituto a que se reporta.

Palavras iniciaes essas, em que se prepara o espirito do leitor para a facil comprehensão da theoria que vae desenvolver-se, passa a seguir ao estudo da natureza, relações e caracteres da compra e venda commercial, dos elementos da compra e venda dos factos e garantias preliminares, das compras e vendas condicionaes, das compras e vendas a termo, das compras e vendas complexas, das compras e vendas publicas, das obrigações do vendedor e do comprador, da forma e das provas, etc., o que quer dizer que não deixou de lado nenhum dos aspectos em questão.

Volume de mais de quinhentas paginas, exgotta por completo a materia, elevando seu autor á plana em que se acham os nossos mais auctorizados jurisperitos. Aliás, não se trata de um desconhecido, mas de autor que já galgou as mais altas posições, sendo até membro da Academia de Sciencias de Lisboa e socio honorario da Real Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid.

*RINCÃO — Roque Callage — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1924.*

Dos novos do Rio Grande do Sul, o sr. Roque Callage é dos mais promettedores. Seus breves relatos, embora não cheguem a ser contos, fixam em traços largos scenas e aspectos da vida gaúcha, sendo por isso consideraveis no computo dos valores literarios do Sul. E' lamentavel, porém, que malbarate qualidades de observação e expressão como as suas, não muito encontradiças. Está-se a exigir delle o romance de que é capaz.

Este volume é reedição. Prova de que tem publico. Prova de que tem sua valia. De facto. Pena é que não o tenha sanado de baldas que se deparam em algumas paginas, algumas mesmo chocantes. Aliás, não sabemos se foram conservadas acinte, para que não perdessem o character de manchas impressionistas pelo de miniaturas acabadinhas.

Mesmo assim, porém, a leitura agrada. Alguns capitulos são admiraveis.

*O BRASIL E A DOUTRINA DE MONROE — F. de Leonardo Truda — Comp. Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.*

Diz o autor em prefacio: "Hoje, quando se celebra o primeiro centenario da doutrina americana e quando, como consecuencia dos mal-entendidos que a conferencia de Santiago agravou, se levantam contra o Brasil accusações injustas, que lhe imputam tendencias imperialistas e propositos de hegemonia, pareceu-me que não seria de todo inutil recordar como o nosso paiz entendeu sempre aquelles deveres, como praticou o pan-americanismo, na sua mais nobre e lata accepção." Tal escopo attingiu-o brilhantemente nas cento e tantas paginas deste volume, já com logar marcado na estante dos que se interessam pela politica nacional.

O intento não foi desenvolver these juridica, mas fazer obra entendivel de todos. Assim, abre o primeiro capitulo uma pergunta — "Existe a doutrina de Monroe?" — que, por paradoxal que pareça, não deixa de ser plausivel, tantas têm sido as suas interpretações. Respondendo-a, chega o autor a esta affirmação: "Desde 1919, porém, já não se trata de uma declaração vaga, de uma formulã imprecisa. O art. 21 do tratado de Versalhes, na parte I que contem o pacto da Sociedade das Nações, expressamente se refere á *doutrina de Monroe* para declarar que *ella não é considerada incompativel com nenhuma das disposições do referido pacto*. Ipso facto, as potencias signatarias do tratado acceitam a doutrina e a reconhecem; chancellam com a assignatura de seus delegados a sua legitimidade". O que quer dizer que existe.

A seguir, trata o autor da confusão reinante respeito á intelligencia da doutrina, maximé depois que o pacto de Versalhes o qualificou de "accordo regional"; passa após a encarar a politica de isolamento dos Estados Unidos, sustada pela sua intervenção na guerra européa, encerrando a primeira parte da obra com apreciações sagazes sobre a evolução do monroismo: "De Monroe a Roosevelt, quanto caminho andado! De meramente defensiva, já ampliada por Polk, a doutrina vae com Cleveland até a intervenção, torna-se arma offensiva com Mac-Kinley, para chegar a ser, manejada pelas mãos rudemente vigorosas de Roosevelt, um cajado temível, não só contra os que ameacem a segurança da America, mas contra os proprios tutelados, que pela sua irrequietude possam dar logar a

taes ameaças. Ella não deixa de ser uma arma de defesa; mas, nos termos em que a entendia o energico chefe dos "rough-riders", tal defesa seria pelas outras nações americanas comprada a preço talvez demasiado caro."

E pergunta: — "E' essa a doutrina de Monroe de que fala o tratado de paz que subscrevemos? Não; não pode ser." — responde. E historiando os tramites por que passou no Brasil, onde aliás o pan-americanismo tivera origem em 1879, antes mesmo da declaração de Monroe, chega até 1917, quando Nilo Peçanha precisou o "conceito tradicional, inmutavel que o Brasil fórma da solidariedade americana. Nunca — são palavras do autor — em documento official da nossa chancellaria, se exprimiu tão clara, tão sem refulhos e sem ambiguidades diplomaticas, a interpretação que damos á doutrina de Monroe. Dizia o ministro das relações exteriores do Brasil, em seu telegramma circular de 2 de julho de 1917:

"Si até agora a relativa falta de reciprocidade por parte das Republicas Americanas tirava á doutrina de Monroe o seu verdadeiro character, permittindo uma interpretação menos fundada das prerogativas de sua soberania, os acontecimentos actuaes, collocando o Brasil, ainda agora, ao lado dos Estados Unidos, em momento critico da historia do mundo, continuam a dar á nossa politica externa uma feição de solidariedade continental, politica que foi, aliás, tambem a do antigo regimen, toda vez que tem estado em causa qualquer das demais nações irmãs e amigas do continente americano."

Foi, como se vê, pôr a questão nos devidos termos. E, desfeita outra duvida — a incompatibilidade da doutrina e da Liga das Nações — pela palavra de Ruy Barbosa, resta apenas fixar a exacta interpretação e limitar a extensão da doutrina de Monroe. Lembra o autor — e assim cerra seu estudo — promovesse a "chancellaria brasileira uma manifestação continental em que se dissesse, de uma vez para sempre, o que é esse *accordo regional*". Optima idéa, mas de difficil realisação, maximé após o fracasso das conversações de Santiago e a da animadversão que vae contra nós ahí pelo continente...

Escrepto em linguagem facil, o livrinho do sr. Leonardo Truda presta-se, pois, admiravelmente aos fins que teve em mira: focar para o vulgo o maximo problema continental e, a proposito d'elle, a attitudo sempre digna e fraternal do Brasil.

TEIA DE LUAR — Zeferino Brasil — Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre — 1924.

*Teia de luar* — são cerca de trezentas paginas de versos economicamente dispostos: um soneto em cada qual, contra as mais elementares exigencias da arte graphica... Isto, porém, ahí vae apenas como reparo. O que interessa são os versos. Versos soffríveis, por signal. O autor, que conhece os segredos do *metier*, não os põe em pratica. Quasi sempre descuro da forma. E' mais repentista que artista. Além disso, sua obra se resente de harmonia. E' um amalgama de composições varias, que tem apenas a vantagem de nos revelar a impressionabilidade do poeta: sem se fixar em nenhuma escola, deixa-se levar ao sabor da que o gomina no momento. O que releva notar é a mestria com que sabe tirar proveito da contribuição poetica popular. Os versos deste feitio são os melhores do livro.

*ADEUS, AMOR!* — Mathilde Serão — Trad. Jorge Jobim —  
Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre — 1924.

Citando de Shakespeare, *apud* Anatole, a passagem em que um gentilhomem diz servirem-lhe para a bibliotheca quaesquer livros, "contanto que sejam bem encadernados e falem de amor", lembra o traductor que "as damas hoje em dia, são menos rigorosas do que o aristocrata inglez". Tratam ellas "de se encadernarem o melhor possível e dos livros que lêm, por interesse ou desfastio, exigem unicamente que falem de amor"... Theoria que não deixa de ser verdadeira e pela qual se orientou, escolhendo para a traducção o *Adeus, Amor!*...

No genero, para agradar a mulheres devoradoras de romances, nada melhor! Ha nelle paginas de intensa vibração.

*O VIGIA DA CASA GRANDE* — Mario Sette — Lello &  
Irmãos — Porto — 1924.

O sr. Mario Sette é um dos mais operosos escriptores dos nossos dias: sua bagagem já orça por uma dezena de livros — contos, novellas e romances — que lhe deram nome dentro e fóra do paiz. Este volume, por exemplo, vem de Portugal, o que não deixa de ser symptomatico, dado que apenas o sr. Coelho Netto conseguira editar-se lá. Nossos amigos portuguezes vão intelligentemente comprehendendo que não somos simples colonia e que é preciso tratar-nos de igual para igual. Nada de impingir os dissaboridos romanções em que se amestraram, *post* Eça e Fialho, os escriptores do outro lado do Atlantico. Para leitores brasileiros — leitura brasileira.

Esta qualidade têm-na os livros do sr. Mario Sette. Ha nelles ambiencia brasileira e o proposito intencional de focar os habitos de nossa gente, o que é chamar a attenção dos que se deixam levar da invasão cosmopolita que vae pelo nosso interior. São um brado em prol das tradições sociaes, religiosas e heroicas que devemos manter a tdo transe, para que conservemos integro o nosso feitio, sentimental que seja, mas nosso.

*O vigia da casa grande* segue a mesma orientação, embora em outros moldes. O autor teve em mira evidenciar a dualidade de aspectos da vida rural pernambucana. Num fundo torvo — a massa de aggregados mergulhada na mais negra miseria physica, moral e intellectual — a figura do senhor de engenho, saturado de um idealismo utopico, cheio de fé no futuro de sua patria e sua gente... Certa acção, acurada observação e o sentimento profundo das nossas cousas fazem com que ganhe relevo a finalidade que se propoz. Não é de esquecer, porém, a contribuição dialectal, pois os dialogos se vasam no linguajar do nordeste, em que ha uma serie de termos inusitados cá no sul.

A reparar o abuso, em que reincide o autor, da adjectivação pomposa e laivada de lusitanismo, o que faz que a fluencia da sua elocução se touque de excessiva poesia, muito longe da realidade. E' um defeito que cumpre sanar.

*BALLADES BRÉSILIANNES* — Charles Lucifer — Ed. "La  
Pensée Latine" — Paris — 1924.

As vantagens da universalidade do francez parece que tocaram o nosso patricio espirito-santense que tão artemente se assigna Charles Lucifer. Pondo de lado a "doce lingua em que pediu Camões", deu-se inteiro ao

idioma em que se derrama a subtileza de Anatole, compondo uma serie de "Ballades Brésiliennes" em que se não sabe que mais admirar: se a fluencia da expressão, denotadora de largo contacto com a lingua, se a originalidade dos motivos colhidos todos na *selva selvaggia* do nosso lendario.

Na verdade, ambas as qualidades notaveis se isoladas, mais ainda se reunidas. Porque era de esperar que a lida com lingua extranha o levasse a motivos tambem extranhos, francezes pelo menos. Tal não se deu, porém. Deixou-se o autor tocar profundamente pelas nossas cousas, a tal ponto que difficilmente se encontrará em nosso idioma, a não ser em certas composições da ultima feição de Bilac, obra em que prepondere em tão alto grau o sentimento das nossas paizagens e das nossas lendas. Para confirmação do que dizemos, poderíamos transcrever aqui algumas das paginas mais caracteristicas, o que não fazemos pois os leitores já lhe conhecem a admiravel composição *Le sacy* — que a "Revista do Brasil" publicou ha alguns mezes. A nosso ver, constituem esta e *Les ouyaras* as duas mais finas balladas do volume.

Ante tão bella affirmação da existencia de themas a explorar em nosso meio, seria o caso de perguntar-se quando teremos o poeta que cante as nossas cousas em nossa lingua com esse largo sopro de espiritualidade que areja tão singularmente as "Ballades Brésiliennes".

*VICTORIAS* — Victor Silva — Barcellos, Bertaso & Cia.  
Porto Alegre — 1924.

Victor Silva — diz-nos o sr. João Pinto da Silva nas paginas da sua "Historia Literaria do Rio Grande do Sul" — indiscutivelmente, foi um notavel factor de renovação esthetica, entre nós, não só pela sua obra, escassa, mas brilhante, como pela ascendencia que exerceu sobre muitos dos nossos *novos*... Póde-se affirmar, sem favor, que o parnasianismo, por exemplo, teve em Victor Silva o seu maximo divulgador, no Rio Grande do Sul". Emquanto vivo, "resistiu sempre, obstinadamente, a todas as suggestões de intimos e admiradores no sentido de reunir em livro os seus sonetos." Antes de morrer, porém, recopiou-os e corrigiu-os para este volume — *Victorias* — que a piedade dos amigos fez editar.

Não ha senão louvar-se a iniciativa. Os sonetos do poeta morto nada deixam a desejar, como parnasianos que são. Si não chegam a emparelhar-se com os primores de Francisca Julia, ficam-lhe em plano immediato. Faltou-lhe para chegar á perfeição o apuro da fórmula que foi a obsessão da grande artista paulista. O que não quer dizer sejam somenos. Não. Quando se fizer o historico dos ultimos movimentos literarios do paiz, ha de se lhe dar a posição que merece como insufflador do parnasianismo no Rio Grande do Sul.

*A EDUCAÇÃO NACIONAL* — Mario Pinto Serva — Livraria Universal — Pelotas — 1924.

O sr. Mario Pinto Serva, autor já de boa meia dúzia de livros, que lhe criaram numeroso publico, reúne agora neste volume os trabalhos que tinha esparsos em varios orgams da imprensa nacional. Bem andou assim procedendo, pois, sobre concorrer para a solução do nosso maior problema, documenta-nos a pertinacia com que vem malhando a mesma tecla, qualidade não desprezível em se tratando de propagandistas

de idéas. Porque não ha esquecer que o autor é um propagandista *comme il faut*: diz, rediz e trediz, para afinal calar fundo no animo do leitor, convencendo-o e fazendo-o companheiro da mesma empresa.

Só louvores merece a orientação do estimado publicista, maximé em nossos dias, quando um desanimo avassalador vae por tudo quanto se prenda a idéas. Aliás, não o faz aereamente, mas baseado em numeros e em factos, o que empresta singular valor á sua argumentação.

Por tudo isso, é digno de leitura o presente volume, alem do mais apresentado mui decentemente pela livraria editora.

*ALMANACH DES LETTRES FRANÇAISES ET ÉTRANGÈRES — Paris — Rue Edmond Gondinet, 7 — 1924.*

Dirigido pelo sr. Léon Treich, appareceu em Paris o "Almanach des lettres françaises et étrangères", que se publicará quatro vezes por anno. Recebemos esse primeiro volume, que nos deixou a melhor impressão. Trata-se de publicação em moldes novos, interessante a toda casta de leitores. Nas suas quatrocentas e tantas paginas formato "raisin", dá um resumo dos livros, revistas e jornaes de todo mundo, sendo de salientar-se a attenção que dispensa ás letras estrangeiras, tão descuidadas em França.

*COMPENDIO DE ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL — L. Lavenère — Livraria Machado — Macció — 1924.*

Um livrinho util este. Em uma centena de paginas reúne o indispensavel para que todos possam fazer a escripturação de seus negocios. "Qualquer um que saiba ler e escrever — diz o autor — poderá ter a sua escripta commercial perfeita, como exige o Codigo do Commercio, estudando este compendio e pondo em pratica as suas lições" — o que é facto, pois que se vasa em linguagem muito clara, entendivel ao mais bisonho guarda-livros.

*ALMA SIMPLES — Isolino Leal — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1924.*

Plaquette de pouco mais de meia centena de paginas, encabeçada pela seguinte legenda, que o autor foi pedir a Garrett: "Isto pensava, isto escrevo: isto tinha n'alma, isto vai no papel: que de outro modo não sei escrever." O que não é fóra de proposito: em todas as paginas se mostra sinceridade e simpleza de linguagem, qualidades que se completam.

E', porém, uma obra irregular, cheia de altibaixos: impressões de momento, pensamentos, relatos curtos, tocados de poesia. Nem sempre, porém, o pensador é arguto. Algumas vezes lembra o Maricá:

"O dinheiro nas mãos de um avarento é um instrumento de supplicio, nas de um homem de alma forte é uma instituição pia, um factor de energias fecundas. Crêa e dá saude".

"A calumnia é a maior das infamias. Comparado ao calumniador o ladrão tem nobreza, um negro ebrio tem a alma de cysne."

Paginas como estas devia o autor tel-as feito saltar fóra nesta reedição. O elogio dos amigos, cerrou-lhe, porém, os olhos, o que é pena.



## O ESPIRITO DE PAZ

Os reaccionarios mais fervorosos recuam deante d'elle. A Liga das Nações, recebida a principio como uma criação theorica destinada a desaparecer pelo desprestigio a que a relegariam as proprias nações que a estabeleceram, cada vez mais se consolida e alarga a sua eficiencia.

O facto capital de nossa época é a admiravel realidade das nações vencedoras serem obrigadas a promover o reerguimento economico das nações vencidas, não (assignalemos) por piedade ou sympathia humana, mas para poderem subsistir tambem. Essa solidariedade organica que obriga a cellula viva a velar pela cellula doente — é um acontecimento sem precedentes na historia do mundo, e dá aos concertos de paz que agora se effectivam — um caracter physico, uma fatalidade irresistivel que nada pôde evitar ou destruir.

Certo, nem sempre a marcha dos phenomenos politicos se regula pelo mesmo rythmo dos phenomenos economicos. A relação de dependencia que ha entre elles não implica numa relação de simultaneidade. Assim vemos, logo depois da guerra, e até poucos dias antes das ultimas eleições na Inglaterra, na Allemanha e na França á internacionalização evidente da vida economica corresponder uma terrivel intensificação do sentimento nacional. E são esses contrastes absurdos que têm contribuido para a inquietação ainda reinante na Europa. Enquanto a solidariedade, economica, obrigatoria, phy-

sica, material inevitavel da Allemanha e da França estava a resaltar a todos os olhos, os partidos politicos num e noutra paiz desenvolviam vigorosos esforços para accelerar as vibrações e exasperar ao paroxismo as aspirações do sentimento nacional. Esse antagonismo do sentimento nacional com as tendencias economicas é a causa principal do desequilibrio perdurante.

Recorre o nacionalismo a todos os extremos, a todas as formas de defesa, cada nação fazendo tudo para conservar uma independencia economica que o mundo hoje não permite mais.

O recrudescimento do proteccionismo aduaneiro é a modalidade mais palpavel dessa luta e chegou a attingir, como se sabe, a propria Inglaterra. Das duas forças em conflicto, o internacionalismo economico e o nacionalismo politico, a primeira tem por si aquella fatalidade contra a qual pouco valem as chamadas forças moraes.

Irresistivelmente irão gravitar na orbita dos interesses vitaes as nações mais recalcitrantes, e serão inevitaveis as consequencias politicas. O que salvou a Liga das Nações do mallogro esperado foi ter podido ella, por sua organização, tornar-se um como agente propulsor desse internacionalismo economico inelutavel.

E ainda que as questões politicas puderam de xal-a mal uma ou duas vezes como força coactora, a sua autoridade não diminuiu. Pondo em contacto, nas con-

ferencias internacionaes, os homens mais influentes de todos os paizes e os interesses que elles representam, a Liga das Nações vae obtendo no campo economico surprehendentes resultados. Basta lembrar a conferencia de Bruxellas. Ahi dictou a Liga aos governos as medidas financeiras destinadas a salvar o mundo da crise universal consequente á guerra. Facto significativo, que comprova mais uma vez o que dissemos sobre a precedencia do internacionalismo economico em relação ao nacionalismo politico: os Estados Unidos, que não fazem parte da Liga, compareceram por meio de um delegado officioso e a Allemanha, a Austria, a Hungria, a Bulgaria, ainda sangrando da derrota, nella puderam fazer representar-se.

Ahi se dictaram leis formuladas por homens serenos, isentos de paixões, preoccupados com a felicidade do genero humano. Muitas dessas leis, quero dizer, dessas conclusões, vigoram hoje na economia dos povos e por ellas é que se regulam na direcção das suas finanças assim as velhas nações como as recém-sahidas do tratado de Versalhes.

Homens de todos os paizes discutem os proprios e os interesses dos demais numa especie nova de parlamento presidido pelo espirito de internacionalidade. Essa intervenção continua da Liga na actividade economica contribuiu em grande parte para amortecer as suspeitas com que ella foi recebida pelo espirito cioso do nacionalismo superexcitado pela guerra.

Certo, os apóstolos da Liga não se cansavam de mostrar como Léon Bourgeois, que, longe de se oppôr á idéa de patria, a idéa de humanidade, cumpria afirmar com vigor que os homens que melhor servem á causa da paz são na verdade os mais patriotas. A patria é, e não pôde ser senão o elemento organico de toda a sociedade de nações. Assim como a constituição da familia é a base da constituição da nação, só entre as patrias é que se podem estabelecer os laços que terão de constituir a vida da sociedade internacional. Não se podia pensar numa organização justaposta á dos Estados. A idéa de um super-Estado, de uma vontade obrigando os órgãos soberanos de cada uma das nações, acarretaria a revolta do patriotismo. O que se tornava necessario e seria sufficiente era que cada

nação comprehendesse que o consentimento mutuo a certo principio de direito, a certos accordos reconhecidos como uteis igualmente aos diversos contrahentes não constituia de modo nenhum restricção de soberania, da mesma maneira por que no dominio privado o contracto não significa uma renuncia á liberdade, mas o uso reflectido e reconhecido vantajoso ás duas partes dessa mesma liberdade.

A justificação da Liga estava feita por si mesma; ninguem podia contestar a utilidade do direito applicado acima de qualquer consideração individual ou nacional, anterior e superior ás variações de opinião, testemunha, registradora imparcial das pretensões em luta e que pela independencia, pelo character indiscutivel do seu depoimento apaziguaria as paixões, descorajaria as ambições illusorias e criaria uma atmospheria de confiança e de calma onde sómente pudesse nascer e desenvolver-se a planta fragil da paz.

Essas palavras e tantas outras, do ponto de vista humanitario, ficariam pairando no ar sem consequencia se a Liga não tivesse podido desde logo concentrar em suas mãos elementos praticos de acção effectiva. Hoje, é incontestavel que a Liga sobreviveu ao periodo perigoso de formação e adaptação achando-se inteiramente articulada ao funcionamento politico do mundo de onde não pôde mais desaparecer. Os partidos dirigentes das grandes nações é para ella que appellam e na sua força e prestigio é que procuram apoiar-se. Agora parece que a sua destruição acarretaria a da civilização contemporanea.

Subindo ao poder, o Sr. Mac Donald faz-lhe a apologia em termos calrosos. Ascendendo á cadeira da presidencia da Camara dos Deputados depois de uma eleição que marca verdadeira transformação politica da França, o Sr. Painlevé declara que a França amaldiçoa a violencia e tem absoluta confiança na Liga das Nações. Escrevendo sobre a Inglaterra contemporanea, illustre escriptor francez, em trabalho recente, depois de ter ouvido varias personalidades britannicas da mais alta responsabilidade, afirma que a maioria dos inglezes está na persuasão de que só a necessidade de defender o *Covenant* da Liga das Nações poderia levar a Inglaterra a abandonar a

neutralidade. No tocante ás relações da França com a Inglaterra ouviu, como conclusão, que a idéa de uma assistência mutua entre os dois paizes, só será realzada se fôr "préalablement estampillé à Génève". Não são apenas os partidarios da primeira hora, os chamados idealistas políticos que confiam na Liga. E' hoje convicção geral que a unica probabilidade de salvação da Europa nella reside. Nos proprios Estados Unidos a opinião se encaminha para ella e em torno della giram os programmas dos partidos. O seu crgão supremo de justiça, a Côte Per-

manente, Internacional, delibera cercada do maior respeito e acatamento dos Estados. Casos importantes têm sido resolvidos por ella com obediencia geral dos litigantes.

E os homens que se acham agora em Génève discutindo e estabelecendo o pacto de garantia, o arbitramento obrigatorio e o desarmamento progressivo, parecem realmente animados desse espirito de paz que, temos fé, reinará sobre a terra.

*Gilberto Amado*

("A Noticia", do Rio)

### O NEO-HELLENISMO DO SR. GUILHERME DE ALMEIDA

"Et ego in Arcadia!" Assim podia o sr. Guilherme de Almeida abrir o seu ultimo livro de versos. Tambem elle, que tantos crêm um futurista exaltado, ancioso de converter as estatuas e as telas dos museus em pedras para afiar facas e em panno para saccos de café, tambem elle, que muitos julgam disposto a mudar a Academia de Letras em trapiche e a Bibliotheca Nacional em usina electrica, tambem elle é um grego e escreve canções gregas.

Mas qual é ao certo a sua Grecia? Ha tantas Grecias... Pôde mesmo dizer-se que cada um de nós tem uma Grecia para seu consumo pessoal, cada qual a vê com a côr das suas lunetas, cada qual a augmenta ou diminue ao sabor da sua literatura. A humanidade, de cinco em cinco annos, varia de sentimentos em relação á Grecia. Ora os poetas concordam em achar Homero um selvagem, amigo das matanças tremendas e das comezainas bestiaes, ora encontram nelle um mestre de polidez. Herodoto é hoje desthronado em favor de Thucydides, mas é possivel que amanhã volte a reinar. Os architectos vacilam entre a elegancia do estylo jonico e a grandiosidade do estylo dorico. Phidias e Praxiteles alternam na admiração dos estatuarios. Ha a Grecia dos artistas e dos humanistas, mas ha tambem a dos numismatas e dos epigraphistas; ha a dos criticos e a dos fazedores de estatística, como esse grave funcionario que organizou escrupulosamente o quadro synopti-

co dos amores adulterinos de Helena; ha a Grecia dos autores de tragedias e a Grecia comica de Offenbach; ha a dos que lá vão para extasiar-se desinteressadamente e a dos que vão cavar thesouros nos escombros; ha a dos que se põem a rezar deante das estatuas dos deuses e a dos que olham para aquillo indifferentes, como olhariam para um simples pantheon ceroplastico ha a Grecia dos antiquarios que lá vivem e morrem e ha a dos mystificadores que ficam um dia em Athenas e, de volta, compõem dez volumes copiosos. A Grecia dos turistas banaes que escrevem o seu nome a lapis nas columnas dos templos não é a mesma dos noivos românticos que vão florir com os seus amores as ruinas da Acropole mutilada pelas bombas de Morosini. Ha basbaques que desandam a soltar ridiculos "ohs!" e "ahs!" em frente aos leões de Mycenae, como antes, á margem de um livro de Homero, tinham commentado puerilmente: "Bello! Adoravel! Sublime!", e ha esculptores que em cada planta viva vêm, academicamente, um acantho estylizado em marmore. Ha a Grecia dos mythologos enfadonhos, a dos que seguem até lá para fins philologicos ou para traçar cartas topographicas, e ha a dos sonhadores que, visitando-a, é como se visitassem a Terra Santa da Belleza. De qualquer modo, a maioria procura uma Grecia de museu e de archivo, de theatro classico, uma Grecia de universitarios em férias, uma Grecia de estampas e sonetos, uma Grecia

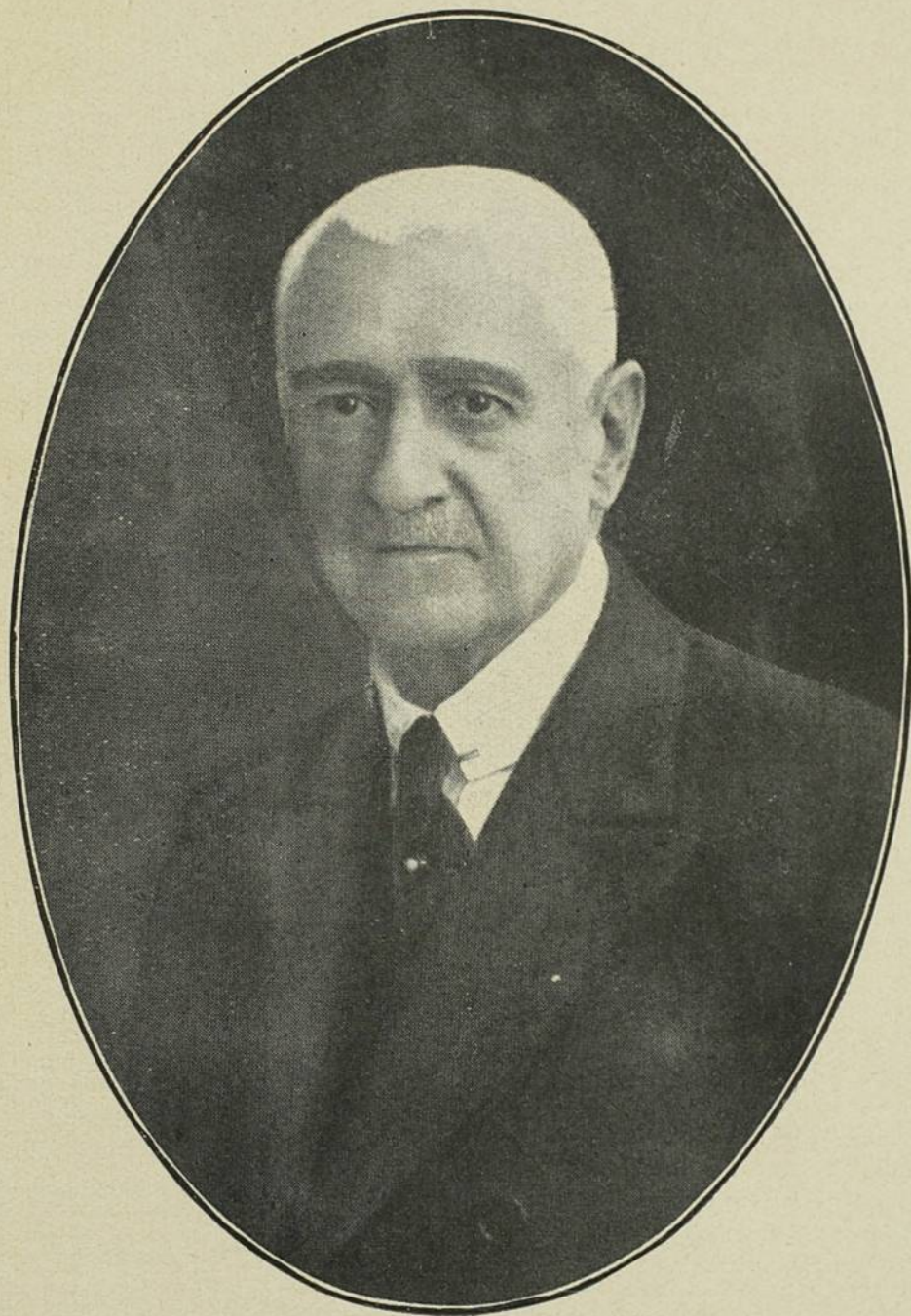
effeminada, pretenciosa, uma Grecia que é em Portugal a dos arcades e no Brasil a dos parnasianos. Os olhos dos sabios tedescos lampejam ao lado do monoculo dos chronistas parisienses. Versos de Pindaro, recitados pelos moços entusiastas, misturam-se ás expressões rebarbativas dos geologos, mineralogistas, engenheiros, zoologos e botanicos que usam falar em "sciencias naturaes" num tal ambiente. A rhetorica e o bom gosto dos pedagogos encontram defensores cêdros, enquanto outros louvam o modernismo de Homero, dando-o como o mais vivo e o mais actual dos poetas e querendo provar que elle, vetustissimo precursor de Marinetti, previu a locomotiva e o aeroplano. Uns põem Sophocles acima de Eschylo e vice-versa: ha discussões, ameaças de duello, o diabo, mas é bem de ver que uns e outros não leram nem Eschylo nem Sophocles.

Alguns estendem os seus louvores á Grecia moderna: "Que povo, que costumes, que civilização!" Já outros se detêm cautelosamente na velha Grecia ou reconhecem mesmo que a Grecia de hoje é apenas um paiz dos Balkans, com mais bulgaros e turcos que gregos á antiga, com habitantes sacrilegamente progressistas que destróem as columnatas dos porticos para obter material destinado a fortalezas e casernas. Os athenienses, que já Platão chamava desdenhosamente de "comedores da favas", modernizaram ridiculamente Athenas, fazendo della uma imitação de Paris, uma simples rival de Belgrado ou Sophia. Por toda a parte bazares e cafés, cheios estes de arengadores que não valem absolutamente Demosthenes ou Isocrates. Os commerciantes são de uma rapacidade unica e os hotéis de lá têm mais pulgas que os de Veneza mosquitos. Nas ruas, cantores ambulantes cantam pelo nariz, com algo de espirro de urso constipado. As esradadas estão cheias de vagabundos em farrapos, que emprestam um caracter ainda mais tragico ás paizagens tragicas. Nos logarejos montanhosos, surgem tavernas e hospedarias suspeitas; cozinha-se ao ar livre e o cheiro dos acepipes em nada lembra o das rosas e violetas dos bosques sagrados de outr'ora. Mesmo quanto ás attracções historicas, ha muito a restringir: o Parthenon, pequeno demais, não im-

pressiona todos os viajantes; em Colona não ha mais rouxinões, no Eurotas não ha mais cysnes e a Castalia converteu-se num fio de agua escasso que um animal sequioso beberia de um trago.

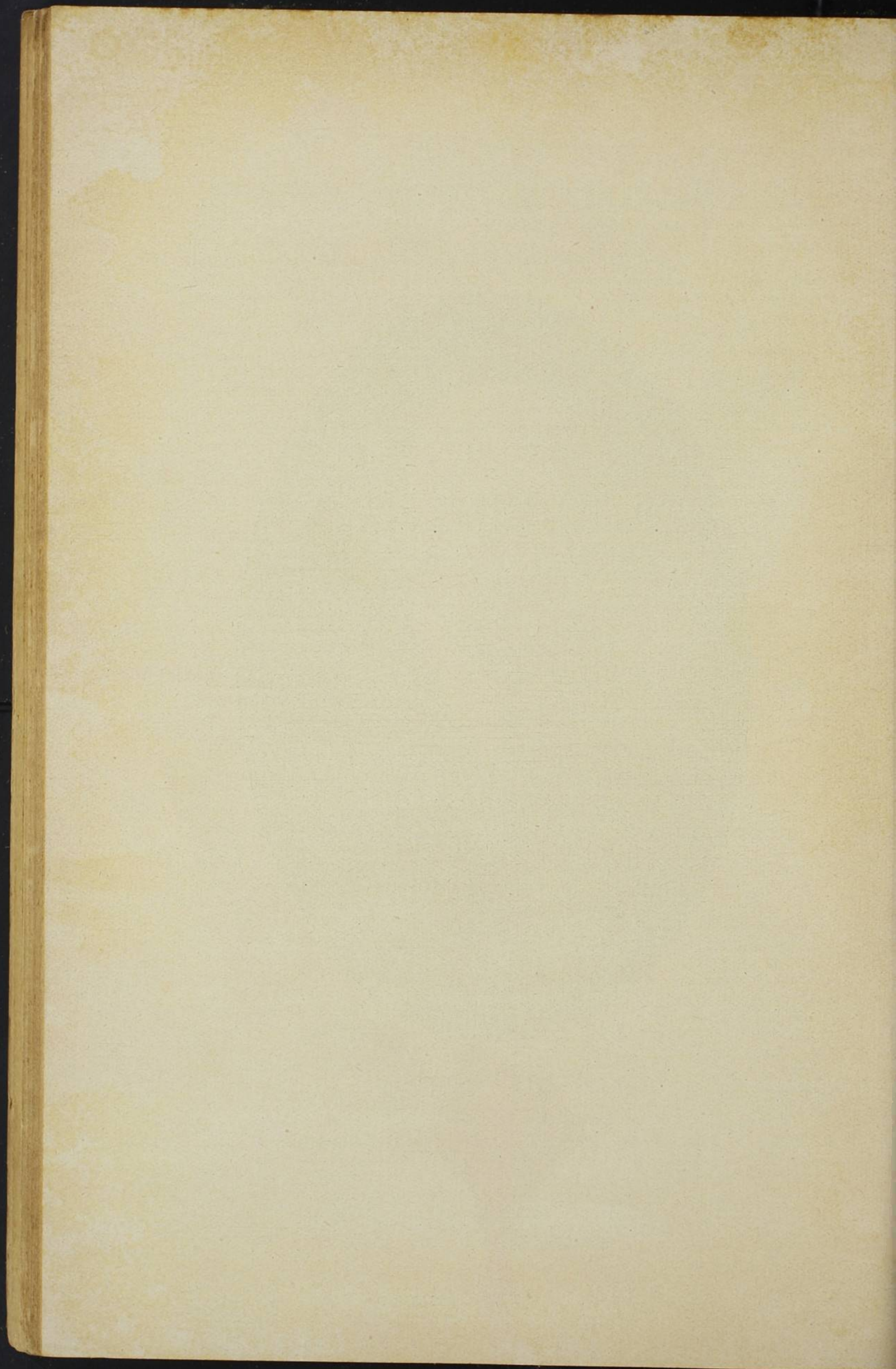
É curioso como assim se prolongua, entre admiradores e detractores recentes, o bate-boca que a Grecia tem sempre inspirado através dos seculos. Ainda vemos aqui Boileau e Perrault a agarrarem-se pelas veneraveis perucas e ainda lhes ouvimos os berros: "Os gregos foram muito superiores a nós, são os modelos eternos e depois delles nada se fez que prestasse!" "Não, senhor! Nós temos mais talento que elles! Elles só tiveram a vantagem de ter nascido antes de nós, aboletando-se no Templo da Fama e não permittindo que os removamos de lá. A Grecia é uma burla de pedantes, o ganha-pão dos professores." Depois de Cicero haver proclamado que andar por uma rua de Athenas é como "pisar em historia"; depois de Fénelon ter-nos mostrado uma Grecia didactica e moral, e pouco antes do joven Anacharsis contar-nos as suas aventuras maçadoras de Calino em viagem, Fontenelle falcu dos gregos com certo descaso e viu em Eschylo um velho maluco, Chateaubriand encontrou na Grecia um pretexto para a sua maravilhosa pintura literaria, para descarregar a sua palheta nos Propyleus ou no Ceramico, e Chénier, filho de uma levantina, confundiu Alexandria e Athenas. Byron, celebre pela sua proeza natoria atravessando o Hellesponto, morreu em Missolenghi de um mal prosaico, sem haver combatido contra os turcos. Béranger, entre dois goles de cidra, declarava sentir na lingua o sabor do mel do Hymetto. Fundaram-se na França de 1830, sociedades para honrar a Grecia com a mesma profusão com que aqui se fundam sociedades beneficentes ou recreativas; fizeram-se lá festas em favor dos revolucionarios gregos como aqui em favor dos Alliados, e houve até quem tivesse a idéa de criar a ordem dos Cavalleiros de Homero, que não chegou, evidentemente, a offuscar a dos Cavalleiros de Malta. Uns trinta annos depois, Leconte proclamava que tudo o que não fosse grego, sem excluir Virgilio ou Goethe, era barbaro. Já Ruskin, visitando a Italia, todo absorvido nos pinteres pri-

GALERIA DOS EDITADOS



MARTIM FRANCISCO

autor de *Rindo e*  
*Contribuindo.*



mitivos e na architectura das cathedraes, não deu nenhuma importancia ás esculturas gregas do Vaticano. Tambem Renan, segundo um seu companheiro de peregrinação em Athenas, não vibrou muito deante do santuario de Pallas e, inspeccionando a Acropole, só teve palavras banaes: a "Oração", com os seus extases, foi elaborada depois, calmamente, no hotel. Antihellenistas, os dois Goncourt chamaram Winckelmann de imbecil por dizer que os deuses pagãos, nutrindo-se de necar e ambrosia, não digeriam como os povos mortaes. Nietzsche é pela Grecia de Hesiodo, mas acha Socrates e Platão gregos da decadencia, sendo conhecida a sua pilheria ao philosopho calvo e de nariz chato, a proposito do gallo sacrificado a Esculapio. Mais recentemente, Moréas, apesar de grego de nascimento, dizia sentir, no Peloponeso, saudades de Paris, confessando que nada no mundo eguala em beleza o jardim do Luxemburgo. Nem esqueçamos os sarcastas furiosos que vêem em todos os mythos gregos uma ponta de canalhice, dando, entre outras, as façanhas de Jasão como simples pirataria. Pindaro teria sido, em seu tempo, como um grande poeta que hoje celebrasse o "football" e Anacreonte não passaria de um epicurista burguez envelhecido no regabofe. Da guerra com os persas só temos a versão grega, que é suspeita, e Xerxes, que pendurava braceletes numa arvore como numa mulher formosa, é menos ridiculo do que pretendem certos historiadores. Na architectura grega — insistem os seus desaffectedos — tudo é medido a compasso. Já os que falam da sobriedade hellenica em materia de côr, equivocam-se. Os gregos pintavam as suas estatuas, vestiam-n'as como manequins e pintavam os seus templos por dentro e por fóra. Tambem aqui ha quem se insurja, e com razão, contra certo philhellenismo epidermico, affectado: Lima Barreto, que sempre teve ojerisa pela Grecia, falou, com acidulidade, nos chlotricos Xenophontes da Barra da Corda e nos pançudos tritões da praia do Flamengo.

Mas, de qualquer modo, sem ir a uma devoção absurda, a uma falsa idolatria, sem imitar os hellenistas exaggerados que

só fazem comprometter a Hellade, é impossivel negar as bellezas gregas. Tanto assim que, quando nos apparece um hellenista intelligente, desejoso de renovar a comprehensão da Grecia rustica ou artistica, tal o sr. Guilherme de Almeida, autor d'"A frauta que eu perdi" (Anuario do Brasil — Rio, 1924,) nós o lemos com prazer.

Não é este poeta, felizmente, dos que pretendem restaurar as estatuas antigas, pôr braços na Venus de Milo, vestir Antigona pelo ultimo figurino de Paris e pingar collyrio nos olhos de Edipo. Não tem o mão gosto de traduzir Homero em versos alexandrinos. E' tambem contra a Grecia de alcova, uma Grecia sentimental e romanesca, de galanteios e poesias eroticas, uma Grecia coada através de Pompéa ou da França da Regencia, a Grecia do Olavo Bilac do "Julgamento de Phrynéa" ou da "Tentação de Xenocrates".

Sua Grecia surge-nos delicadamente ornada com as flores da corôa de Meleagro; é a terra em que os homens pareciam eternos adolescentes, a terra dos rhapsodos que fallavam sem medo em porqueiros e boiadeiros, para horror e confusão dos traductores timidos que têm de recorrer á periphrase e ao euphemismo. E' a Grecia em que as princezas lavavam roupa á beira de um regato e Achilles guisava carneiros no meio do acampamento, a Grecia em que se comia e bebia abundante e alegremente, falando claro e rindo alto. Sua Hellade é mais a das parreiras e das oliveiras que a dos marmores e dos sophismas; é a Hellade das habitações humildes, com seus animaes domesticos e suas plantas verdes, com seus odres de vinho e seus saccos de trigo, com as crianças brincando ao sol, com toda a sua ternura familiar. E' a região, dos costumes placidos, dos esponsaes festivos, das lindas historias ou das lindas cantilenas contadas ou cantadas pelas amas do Archipelago; a região dos caçadores e dos oleiros, dos carreteiros e dos pontilhões, dos ceifeiros e dos cabreiros; a região onde uma figurinha de Tanagra bastava para enfeitar uma habitação e uma joia de pouco preço para enfeitar uma mulher. Em summa, a Grecia do sr. Guilherme de Almeida é realista, pittoresca, e

idyllica sem affectação, é a Grecia em que uma abelha, uma cigarra, um gafanhoto ou uma borboleta inspiravam os epigrammistas, é uma Grecia bem diversa da Grecia pomposa, declamatoria, da Grecia de cartonagem com que os classicos de segunda ordem, os eruditos e os pedantes pretendem desmoralizar a mais fina das raças e o mais favorecido dos paizes.

Agrada-nos immenso a maneira intima, cariciosa, com que o artista paulistano aproveita os themas escolhidos, num primitivismo ingenuo de guardador, de gado da Attica que recorta figurinhas em madeira, isto sem evitar as notas vulgares, que as teve, e muitas, a arte hellenica, menos preocupada com o Bello absoluto do que suppõem os hellenistas de compendio. Notamos-lhe, com prazer, certo verismo campestre que está mais com a pastoral de Theocrito do que com a éloga dos latinos. Talvez o autor patricio queira transportar ao Brasil a simplicidade das canções populares da Moréa, com a menor quantidade de mythologia possivel. Nos seus trabalhos de agora, encontramos muitas impressões directas da paz rural; sem academismo de metaphoras, elle parece sentir as coisas como as sentiria um poeta-menino que não tivesse visto ainda a cidade e mal conhecesse as mulheres, que ainda nada tivesse lido e tudo inventasse por si mesmo, muito ignorante por desconhecer as bibliothecas e muito sabio por viver com a natureza. Bem comprehendemos que não é assim e que essa ingenuidade apparente é antes fruto da cultura que da sensibilidade, mas, como quer que seja, a primeira impressão perdura.

Nas suas confidencias, nenhuma hypocrisia; tudo natural, exactamente como nos livros sinceros dos antigos, que se confessavam em publico, dando-se como capazes de todas as nobrezas e de todas as fraquezas, umas vezes elogiando-se com uma bella immodestia e outras, não vacilando em enumerar os proprios vicios, achando que o homem é tudo isso e não deve ter vergonha de ser tudo isso.

Até as imagens do sr. Guilherme de Almeida procuram ajustar-se á tonalidade grega, á simplicidade alada das classifi-

cações homericas. N' "A Frauta que eu perdi", não ha por certo aquelles versos divinamente simples que alludem a Thetis "de pés de prata", a Aphrodite "coroadada de ouro" ou a Pallas "de olhos claros". Mas ha versos liquidos que escorrem musica como este: "Flor de luar na alma azul de um lago de alvas aguas".

Seus motivos são quasi sempre bucolicos: canniços e juncos á beira de um lago, "peixes de cobre brunido", hervas brilhantes de orvalho, "teias de aranha nas varas dos salgueiros", chocalhos de rebanhos, cantos de gallos, fontes musgosas, amphoras de argila, cachos de uvas, perfumes de resina.

Naturalmente, ha no sr. Guilherme de Almeida um pouco de inquietação, ha accentos de melancolia, senão de franca amargura, que sorprehenderiam os atticos: não foi inutilmente que nos amolentou o coração o leite do christianismo. Mesmo quando elle quer parecer ironico e até brincalhão, sentimol-o um tanto complicado pelos artificios da alma moderna, e os pequenos faunos maliciosos que o acompanham, fazendo esgares ou piruetas, crêm ás vezes que o orvalho é agua benta e que no bojo de uma grande arvore os pastores convertidos a Christo cavaram um altar e fogem assustados. Considerado como deve ser, é bem de um homem de hoje o livro em que, sob o rotulo de canções hellenicis, ha várias canções tristes, ha as dansas de uma Salomé que passou pela Biblia, ha um Narciso pensativo e algo metaphysico, ha cortezãs não menos venaes que as da Grecia e bem mais grosseiras, ha a decepção da posse e o tedio da carne saciada. Tudo isso vae muito além do discreto, do moderado scepticismo grego...

Essa philosophia meio pessimista, que desconcertaria um leitor atheniense, agrava-se nas "inscripções" para a casa de um mercador avaro, de um sabio vaidoso, de um sacerdote que, como Calchas, prefere receber frutos comestiveis a receber flores simplesmente aromaticas, de um mendigo ingrato, de um vate que habita á sombra de uma arvore em que cantam rouxinóes. É a angustia do poeta cego; e a admiração apiedada pela belleza precivel das mulheres cujos "cabellos lavados fazem um rôlo de trigo maduro,

sobre a nuca alva"; e o hymno á tarde; e a dor do artista moribundo ante a sua obra inacabada, ante a columna que destinava a um templo e só servirá para ornar-lhe o proprio tumulo; e o convite final ao silencio com o dedo sobre os labios que não mais soprarão na frauta perdida? Vê-se bem que o sr. Guilherme de Almeida é mais um filho deste complicadissimo começo de seculo que um contemporaneo de Moschos ou de Bion. Proceda a critica em relação a esse poeta como os chimicos em relação aos palimpsestos, e, apagando-se a palavra Grecia, apparecerá em logar della, o nome de outro paiz... E' sempre assim. Ninguém foge ao seu tempo. Acaso não se verificou o mesmo com as "Canções de Bilitis" e analogas imitações aos antigos?

Como quer que seja, o sr. Guilherme de Almeida lucrou, e lucrámos nós, com a sua nova orientação, porque o que elle imita da arte hellenica, não é propriamente a essencia, mas o estylo, seguindo o conselho que ella nos dá a todos no sentido da economia dos vocabulos, de pôr grandes conceitos em curtos rythmos. Não era o epigramma a fôrma preferida dos gregos e epigramma não significa pequena inscripção em verso ou prosa? E não foi isso que sentiu muito bem, talvez o primeiro entre nós, o sr. Ronald de Carvalho, poeta que, no menor numero de palavras possivel, com uma precisão quasi arithmetica, soube dizer tanta coisa nova da vida do espirito e da vida do amor, de modo a bastarem duas gotas só do seu vinho para colorir a agua insipida de muito poeta que veiu depois? Uma idéa, uma imagem e um adjectivo: eis o sufficiente para fazer obra de arte. Nada de rimas ricas, bijús baratos, dices de ethiope ou tabajara! Uma simples assonancia — prova-o o sr. Guilherme de

Almeida — vale ás vezes mais, já que que não podemos passar agora totalmente sem a rima, como os hellenos, que, tendo bôa memoria, não careciam desse recurso mnemonico. Assim o autor d'"A Frauta que eu perdi" nestes versos deliciosos:

Cigarra atheniense,  
Alma metallica dos bosques indecisos,  
A tua cantiga acida enche  
A floresta de risos  
E de guisos.  
Sobes alto — e cantas ao sol um canto  
[louro.

Ninguém te vê, mas todos te ouvem,  
Meu pequenino pensamento de ouro!  
E és adoravel porque és differente do  
[homem:

O teu canto brilhante tomba,  
Sempre o mesmo, do gesto mudo  
Do cypreste que não dá sombra,  
Do loureiro que não dá fruto.

Concluindo: é o sr. Guilherme de Almeida um néo-hellenista? Sim, na execução verbal. Mas na interioridade dos themas é um moderno. De resto, fosse elle de todo um néo-hellenista e não haveria nisso nenhum deslustre. A Grecia parece destinada a durar mais do que pretendem os seus inimigos. Matam-n'a de cincoenta em cincoenta annos e ella tranquillamente renasce duas vezes em cada seculo. Em vão o poeta da gastronomia chamava, pensando nos estudos classicos, quem que o tinham torturado em pequeno: "Quem me libertará de gregos e romanos?" A Grecia sobrevive, talvez não tanto por si mesma, mas porque cada um de nós faz della uma criação nova, faz della a terra ideal em que desejaria viver e faz do grego o homem ideal que desejaria ser.

*Agrippino Grieco*

("O Jornal", Rio)

## VERDADES CLINICAS

A nossa pathologia foi tida, durante muito tempo, como exotica, quer dizer, todas as nossas doenças eram diversas, em seu aspecto, das que se costumavam verificar no continente europeu, as quaes serviam de padrão ou modelo para todo o mundo. A nossa nosologia se compunha, assim, de doenças que eram proprias ao

nosso clima, denominadas tropicaes, e de outras que, sobre serem communs a ambos os continentes, se revestiam, aqui, mercê de factores mesologicos, de physionomia differente, que as tornavam, por vezes, irreconheciveis e inamoldaveis ao estalão classico.

Nós tinhamos, desse modo, a nossa pa-

thologia propria, especial, a que se applicava, além-atlantico, a denominação de exotica, denominação que, admittidos como verdadeiros aquelles pontos de vista, era justa e adequada.

Se, entretanto, para a medicina europea, as nossas doenças eram exóticas, o mesmo já se não poderia dizer em relação a nós, que, jamais, assim as deveríamos taxar. Mas, o termo ficou, creou raizes, e esteve a pique de officialisar-se com a introdução, por mais de uma vez tentada, da cadeira de pathologia exotica nos nossos cursos medicos.

Ora, em tudo isso que ahí está, ha um grande erro de observação, a par do esquecimento de que as doenças, quaesquer que ellas sejam, e onde quer que appareçam, apresentam certas tonalidades ou matizes, accentuações ou esmaecimentos das suas côres symptomaticas. Não ha, não pôde haver, fôrmas immutaveis ou rigidas dentro das quaes se possam encaixar os varios typos morbidos, que são passíveis de transmutações consoante as condições de meio, segundo as circunstancias dependentes do germe e de acôrdo com as qualidades, boas ou más, do terreno em que este ultimo se implanta.

Estes factores, que agem no sentido de modificar a exteriorisação dos processos morbidos, physica e functionalmente falando, o que se costuma chamar de physionomia clinica das doenças, tanto existem aqui como em outro qualquer ponto da terra. Não ha doenças, ha doentes, é um conhecidissimo proverbio, que dimana, claramente, dessas noções.

Ao lado do especime classico, no qual se deparam ao clinico todos os symptomas apontados pelo pathologista, formigam os typos que aberram da craveira commum, já porque de traços apenas delinea-dos e fugidios, já porque se lhes alteraram a tal ponto as linhas mestras symptomaticas, que, á sua physionomia, se afigura ao clinico afivelada outra mascara que não a propria.

E' claro que taes factores são geraes, ubiquos, e não particularisaveis a determinado meio, que, por si só, não tem capacidade para imprimir ás molestias alterações de character especifico, como não lhes pôde crear, a taes molestias, fôrmas ou typos clinicos á parte.

Em qualquer clima ou latitude, uma determinada doença está sujeita ás mesmas contingencias, a que não ha fugir.

A pneumonia, aqui, é a mesmissima pneumonia da Europa: é o mesmo germe, com as suas varias raças, que a determina, são as mesmas as lesões, que soffre o organismo, o qual, por seu lado, se defende do mesmo modo, com as mesmas reacções.

Se lá, na patria da pneumonia, verificam-se abundantes fôrmas clinicas, modos de ser da doença, resultado da interferencia de certos factores, que a modificam, por cá tambem as encontramos, subsistindo, como subsistem, as mesmas causas communs.

Por isso, nada nos autorisa a proclamar a existencia de uma pneumonia nossa, dotada de caracteres peculiares a influencias mesologicas locais e que possa ser individuada e descripta como uma authentica pneumonia exotica ou tropical, diversa da pneumonia verdadeira ou europea.

Não. Longe vão os tempos em que taes idéas valiam por moeda batida, tempos em que, da bocca dos doutos, brotava, como sentença de ouro, a affirmação de que a pneumonia, tal como a observavam os clinicos alienigenas, era desconhecida entre nós.

Hoje, ninguem ha que subscreva e reedite semelhantes conceitos, fructos da má observação e de falsos prejuizos, e que resvalam pelo dislate; a pratica clinica desmente-os a cada passo. A pneumonia é uma só doença e que, como toda a doença, se reveste de aspectos varios, os quaes se encontram aqui ou fóra daqui: nós somos, em materia de pneumonia, tão ricos e ferteis como os paizes que mais o sejam.

De facto, desde as fôrmas mais puras e classicas, em que se está como que a lér, no doente, as admiraveis paginas da pathologia, até as fôrmas deturpadas, disfarçadas e espurias, desfilam, constantemente, sob os olhos do clinico. Neste doente, nada falta á natural dramaticisação do processo pneumonico: a cruciante pontada, e o calefrio impetuoso, e a irrefreavel ascensão thermica, prenunciam de um só golpe, a invasão do mal, cujo desenrolar se estende, mais ou menos acidentalmente, pelos dias certos e con-

tados. Os phenomenos apparecem cada um a seu tempo, precisos, opportunos, mathematicos, bem concatenados, como os que a mão do homem regista e dispõe em uma pellicula. Depois, instantaneamente, como vieram, assim se vão.

Naquelle outro, o assalto já não é inopinado: os symptomas de inicio sobrevêm pouco intensos, apagados, e a doença se installa lenta e demoradamente, e se arrasta, vagarosa e irregular, por mais de uma qu'zena, e os phenomenos denunciadores della surgem e desaparecem, vão e vêm, em marchas e contra-marchas, em attitudes negaceadoras. Aqui são os signaes physicos de uma rigorosa simultaneidade com as phases anatomicas e com os symptomas funcçionaes. Alli, é a disparidade completa entre uns e outros.

No terreno das complicações, não existe uma unica, exarada pelos autores estrangeiros, que se não possa verificar entre nós, desde os grandes pleurizes suppurados até a meningite pneumococcica, sempre grave e fatal.

De resto, que há de extraordinario em tudo isso, quando se sabe que o agente pathogenico é precisamente o mesmo? Nada: estas verdades ahí ficam, na sua singeleza, quasi pleonasticas, para que se derribe, de uma vez por todas, a muralha chinesa que serve de valhacouto aos ultimos defensores dessa avelhentada e insustentavel pathologia exotica.

*Ovidio Pires de Campos*

(“Revista de Medicina”, S. Paulo)

## SENHORES DE ENGENHO

Um velho c'gano, que conheci centenário, falava-me sempre das luctas de um presidente Chichorro, homem forte e teimoso, ahí pela quarta ou quinta década do seculo passado, com senhores de engenho da Escada e do Cabo, para exaltar o valor dos ultimos que nunca foram desautorados pelo presidente e sahiram sempre das refregas incolumes e prestigiados.

Tempos idos! Um senhor de engenho era um homem! De um lado da casa de vivenda, n'uma longa ala de edificio, como n'uma immensa colmeia, cincoenta, sessenta, ás vezes mais, portas rusticas determinavam tantas habitações de homens negros que eram como as muitas sombras do homem branco da “casa grande”. Fortes, resistentes, sobrios, sadios, resignados aquelles cincoenta ou sessenta homens moviam-se a um aceno do “senhor”. O “senhor” pensava e resolvia: as sessenta sombras agiam accionadas por aquella vontade dominadora e unica. Tanto manejavam uma enxada ou uma foice nos eitos como um arcabuz nos recontros. Talvez cincoenta por cento dos combatentes do Paraguay fossem retirados das senzalas dos engenhos e das fazendas.

E a maior força do senhor de engenho d'aquelles tempos remotos residia na

certeza de que de cada lado de sua propriedade, com igual valor e prestigio, outro senhor de engenho, seu visinho e amigo, estaria ao seu lado contra os Chichorros para resistir com dignidade e impavidez á prepotencia dos governos. E como as propriedades se confinavam e succediam com as suas “casas grandes” e senzalas, esse poder consideravel era uma cousa efficiente e temivel. As familias entrelaçavam-se pelo casamento e mais firmavam assim a solidariedade que a communhão dos interesses construíra. Onde havia um engenho havia na “casa grande” um senhor de engenho.

Tanto valor, e respeito proprio, a hospitalidade generosa, a largueza, o cumprimento escrupuloso da palavra empenhada davam a cada um d'aquelles homens uma tamanha força moral que nem juntos todos os ricos usineiros de hoje apezar de muito respeitaveis, possuirão talvez.

Tempos idos e maravilhosos! A matta virgem, toda cheia de mysterios e perfumes, chegava á borda dos vaiados que confinavam as pastagens e em outubro podia offerecer sempre aquelle lindo concerto das flores c'or de lyrio das succupras e dos pau d'arco.

O tremenhem e as flores da japaranduba rescendiam á beira dos caminhos.

No descanso de meio dia ou depois dos "kiguingus" o negro ia rapidamente á mata ou aos remansos dos rios, entre os juncaes do alagadiço, colher a paca ou a capivara que o mundeu e a arataca nunca deixavam de capturar nas trilhas.

As chans e meias bandas dos montes todos eram cobertas de mato denso. Chovia seis mezes no anno.

E como o proprietario morava nas suas terras, amava-as, zelando-as e protegendo-as.

Depois a fartura e a abundancia da terra virgem foi desaparecendo com a cultura e a colheita n'um solo em que, ao contrario do que se proclama, a natureza não foi prodiga em espalhar attributos de perenne fertilidade na sua composição.

Mas o amor á terra subsistio emquanto o agricultor occupou a casa de venda das suas propriedades. A mata era geralmente protegida.

As raras uzinas e fabricas da capital queimavam carvão de pedra nas fornalhas e não se viam como agora locomotivas arrastarem em successivos comboios uma floresta inteira. Então era tão difficil ainda ver montes escalvados e nus como é hoje vel-os cobertos da primitiva vegetação.

Todo este encanto e belleza virgnaes foi se attenuando com a intensidade da vida da lavoura. Mas emquanto o agricultor viveu na sua casa, amou a terra, defendeu melhor seu trabalho, mais verdadeiro e mais legitimo, porque lhe custava realmente o suor do rosto, teve... mais brio e desassombro.

Com a vulgarisação das uzinas alguns desprenderam-se das tradições dos seus maiores, venderam com desamor a casa paterna e o solo que alimentou e criou gerações successivas na sua propria familia; e muitos, a maior parte, passaram a residir na capital, explorando o solo por via de administradores, tirando delle todas as vantagens de occasião, empobrecendo-o, exgotando-o, devastando-o definitivamente com o mais deslavado egoismo. E força é confessar: explorando tambem parasitamente o trabalho alheio em proveito proprio.

Morreu a vida dos campos. O prestigio e a força moral do senhor do en-

genho desapareceram com o exodo para a capital. Nos engenhos, como pedras tumulares d'aquelle brio e valor antigo, ficaram apenas os escombros das velhas senzalas e dos "banguês" archaicos. A propriedade rural, prosaicamente, industrialisou-se. E se ganhou com isto em força economica mais perdeu do prestigio moral que valia.

Metade das terras não é mais de agricultores: pertence aos ricos negociantes da capital. E da que está ainda em poder de descendentes dos antigos senhores de engenho, raro é o trecho que a assistencia permanente do dono zela e resguarda.

No Congresso Agricola do anno passado, d. Pedro Rooser, abbade do mosteiro de S. Bento, propoz um voto de applausos aos agricultores que edificavam casas modernas nas suas terras para n'ellas residirem. Ha muita profundeza de vistas n'essa proposta. E' quasi um acto de piedade christã residir na propriedade, velar pela saude e pela vida dos pobres trabalhadores dos eitos que a commum indifferença e estupidez dos administradores sem misericordia, despede dos sitios e quartéis, quando os infelizes, por doentes, comidos de maleitas e anquilostomos, abandonam os eitos.

Depois é muito conhecido o apologo das cotovias do padre Bernardes...

Dom Pedro Rooser é uma grande alma. Eu não o conheço pessoalmente, porém se já não bastassem as benemerencias que espalha, essa proposta valerá, só ella, como um raro titulo de nobreza de coração e acuidade de espirito.

Eu sei tambem que estou dizendo cousa sabida que qualquer outro dirá melhor do que eu se se recordar um pouco do passado e contemplar o presente. O que não é possivel é extranhar-se a patente "ignominiosa frouxidão" de hoje quando o senhor de engenho passou por culpa sua a não valer mais nada se se desprende da terra e a abandonou ingratamente.

Todo mundo que reflecta vê nisto uma clara verdade. Apenas eu, mais que muitos, posso falar porque cada dia mais amo a pequena propriedade que possuo e herdei e mais encantos encontro na velha casa, quasi "ante-diluviana", em que nasci, fui baptisado e me casei, onde

meus paes morreram e onde nasceriam meus filhos, se Deus m'os tivesse dado.

Penso mesmo que quando todos os senhores de engenho houverem de futuro abandonado as suas casas, eu ficarei sozinho na minha "casa grande", como o derradeiro abencerragem de uma antiga tribu que rapidamente se disseminou e urbanisou.

Falo, pois, com autoridade. Posso falar porque amo a minha profissão e as minhas curtas terras, a minha casa, conheço todas as arvores das minhas matas, todas as curvas e remansos do meu rio.

Se eu disser que me commovô profundamente quando o nordeste me dirriba um galho de cajueiro, o menos que dirão de mim é que sou deslavado caviloso.

Todo o desprestigio da minha classe reside no abandono da terra pelos agricultores. O contacto com a terra enfi-bra e encoraja a resistencia. Dentro d'ella se a ama melhor e mais decididamente se defenderão os fructos do trabalho se elle nos custa realmente o suor do nosso rosto.

Sei bem que estou escrevendo futilidades.

Nem eu sei escrever outra cousa.

Não tenho a estulta pretensão de com esse exemplo de apêgo a terra, de que me acuso, fazer voltar um só dos meus companheiros de classe ás casas de venda das suas propriedades e ao amanho directo das suas lavouras. Como le-

pidopteros, criados á fraca luz natural dos astros nocturnos nos campos, os globos electricos da cidade os attrahem e seduzem e n'elles muitas vezes queimam as azas e se arruinam e perdem pela propria imprevidencia e culpa. Seduzem-nos esse terrivel borbórinho da cidade, com os bonds electricos, os automoveis, o silvo das fabricas e locomotivas, os zeno-phoies insupportaveis, os horrendos pre-gões dos "camelots".

Sei bem que não voltam mais ao campo.

Mas é por isto que não valem mais nada.

Por sobre o nosso brio morto, a prepotencia do governo, escarninha, tripudia. "De latego em punho ante a nossa ignominiosa frouxidão o governo federal está vigilante". Não nos permite nem um fraco protesto. Somos apenas uma sombra miseravel dos nossos antepassados, diante dos quaes, os Chichorros, acobardados, recuavam.

Dom Abbade, meu santo, nem o seu piedoso voto nem a minha mal alinhavada prosa vale nada diante de um já tão inveterado proposito.

Como as esperanças do soneto de Raimundo, não voltará um só ao campo: continuará tudo na vadiação e no cinema.

*Julio Bello*

("Diario de Pernambuco", Recife)

Neste mesmo jornal, domingo ultimo, abeirou o sr. Julio Bello problema interessantissimo: o do absentismo.

Entenda-se por absentismo a ausencia dos senhores de engenho de suas terras. Ausencia que importa na renuncia aos direitos e aos deveres de mandar.

E' que os senhores de engenho pernambucano já não sabem ser donos do que possuem. "Ter terra e não dominar nella, deve ser a primeira condição e até, em boa logica, a primeira razão de a perder", observa agudo sociologo português.

Isso de ter terra e ser dono della; isso de ter propriedade e conhecê-la; isso de

saber mandar — foi bom para os nossos avós.

E' que nesses avós havia o apego á terra e o sentimento de familia. Nada menos parecido a wagons de cigano que as casas boas e solidas dos nossos avós. Mesmo as que hoje esverdinham no abandono conservam o velho ar senhoril com que outr'ora dominavam o verde sem fim dos cannaviaes.

E havia o sentimento de familia. Havia a alliança de parentelas em que acabou entrelaçado todo o Pernambuco de sangue limpo: os Albuquerque, os Cavalcanti, os Wanderley, os Mello, os Paes Barretto, os Lins. Alliança de parentelas que

foi o nervo da reacção contra o holandês. Alliança de parentelas que antes de se affirmar em 1845 contra o governador Chichorro ou, antes contra a "Praia", já se affirmára contra Jeronymo de Mendonça Furtado, governador colonial. Foram os senhores de engenho que de Pernambuco expulsaram o fidalgo, prendendo-o uma tarde do anno de 1666, em Olinda, quando passava pela rua de São Bento "acompanhado dos seus ajudantes de ordens e de alguns creados". Jeronymo de Mendonça Furtado quizera governar Pernambuco contra os mais puros interesses pernambucanos que eram naturalmente os dos grandes proprietarios: estes porém não se deixaram atemorizar pelos bigodes em tufos do commissario português, (Mendonça Furtado, segundo Alfredo de Carvalho, ganhou em Pernambuco a alcunha de "Uxembargas" por causa dos seus insolentes bigodes á la Shomberg).

Isto em 1666. A lucta contra o governador Chichorro a que se refere o sr. Julio Bello foi outra affirmação, desta vez não de todo victoriosa, da consciencia que possuia nossa fidalguia rustica dos seus direitos e dos seus deveres de donos da terra.

E tão vivo era nos nossos senhores de engenho e ricos-homens o sentimento de familia, que em 1845 escrevia em nome delles João Mauricio Cavalcanti da Rocha Wanderley, em carta ao "Diario Novo", publicada no "Diario de Pernambuco", que a influencia dos grandes proprietarios cujas familias reuniam vantagens de fortuna, talento e hõa origem era das mais legitimas, pois vivendo elles, os grandes proprietarios, pregados ás terras "como a ostra aos rochedos", eram naturalmente os mais interessados no bem do paiz.

E o que veio reduzir Pernambuco á triste caricatura do seu passado que hoje incontestavelmente é, foi exactamente o haver-se desgarrado o melhor da fidal-

guia rustica, da terra a que vivera pregada "como as ostras aos rochedos".

O absentismo trouxe para a nossa familia rural todos os inconvenientes do particularismo privando-a das vantagens do typo de familia patriarchal. Em alguns a renuncia á gleba foi absoluta: venderam-na. Donde a inversão de valores sociaes que se tem operado em Pernambuco, havendo hoje netos de senhores de engenho reduzidos a pifios funcionarios publicos e engenhos que "profiteurs" venturosos administram de longe, por traz de firmas commerciaes.

A uzina trouxe para a nossa paisagem rural os charutos horriveis de suas chaminés que parecem charutos de novos ricos; e viajando pelo interior, já não nos encanta o olhar a doce brancura de caldas antigas "casas grandes" nem o ar das terras é aquelle, tão ingenuo e tão bom, das pinturas de Post.

Ao culto da gleba, de que o sr. Julio Bello é um dos raros a conservar a commoção, succedeu entre nós o da cidade. O absentismo vem d'isto: da attracção da grande cidade.

E as grande cidades são hoje o grande mal do Brasil. Um meu amigo diz do Rio de Janeiro que acabará esterilizando toda a nossa reserva de energias.

Aliás, já Sylvio Romero observára quanto a gente das capitaes entre nós se delicia em hostilizar a do interior: os "magnatas", os "senhores feudaes", os "caipiras". "Magnatas" e "caipiras" que foram, entretanto, no expressivo dizer do sr. Agrippino Grieco, os "architectos do Brasil".

Do tempo de Sylvio para cá o mal se tem aguçado. Cresce o desapego á gleba e o sentimento de familia apenas sobrevive nas suas desvantagens: no nepotismo.

Nestas condições, onde pousar um olhar de esperanza?

*Gilberto Freyre*

(*"Diario de Pernambuco"*, Recife)

## LEMBRANÇAS DE BILAC

Deixando a Livraria Alves, onde adquirira a recente edição refundida dos *Discursos e Conferencias* de Olavo Bilac, entrei na leiteria Palmyra para ouvir a harpa do Paschoal, melhor direi para avivar reminiscencias do grande poeta do *Tarde*, a quem eu vira pela primeira vez ha vinte e quatro annos num cassino em Poços de Caldas, em cujo salão principal o pobre artista, contratado não sei por quem, tanguia todas as noites o seu querido instrumento.

— Não é precisamente uma harpa eolia a do Paschoal, mas gosto de escutar essas velharias que elle tange com tanta emoção! disse-me, mais ou menos, no correr de ligeira palestra, após os cumprimentos usuaes.

Retornados ao Rio, nunca mais Bilac deixou de receber-me com sympathia. Devo ao seu estímulo a publicação do poemeto *Mãe*, uma série de peccados que elle prefaciou com palavras de generoso affecto. Encontrando-me certa vez na rua do Ouvidor, para vencer melhor o meu acanhamento de provinciano, me tomou familiarmente pelo braço e, lembrando-se de nossa convivencia em Poços, convidou-me a ouvir as valsas serodias do Paschoal. Com fundo espanto nosso, este executava modorrento o famoso canto de Boabil e, no meio de algumas dezenas de senhoras e cavalheiros apressados, recitava baixinho, só para si, essa coisa horrivel:

*Sobre as aguas serenas do Tejo  
Voga o ledo, sereno batel;  
Corre tepida a brisa fagueira,  
Traz aroma de fresco vergel...*

— Versos aqui, ó Paschoal? alguém perguntou-lhe zombando.

— Que quer o Sr. Dr.? Saudades da Italia...

Bilac ouviu a resposta e disse bem humorado:

— E' curioso. O Paschoal, com estas narinas de general allemão traduz maravilhosamente em portuguez saudades da Italia!

Passaram-se longos annos. A existencia trouxera ao poeta os frutos acre-doces de um outomno pensativo. O espectáculo do mundo enchera-lhe de suave tristeza a

alma, cingida não obstante, da juventude ao ocaso, pela claridade de uma inspiração só comparavel ao esplendor de arco-iris cortando o firmamento brasileiro de horisonte a horisonte. Para o fim, interessavam-lhe mais do que se pensava os problemas moraes da nacionalidade. Lembra-me ter visto em 1910, em Lisboa, mostrada por um seu intimo, Henrique de Hollanda, do nosso consulado, uma carta pungente sobre a situação do Brasil, que elle, de volta de uma das vinte e cinco viagens feitas ao Velho Mundo, encontrara convulsionado. Era no fundo o mesmo grito sentido de 9 de Outubro de 1915 na oração aos académicos de S. Paulo: "Não ha em nossas almas a scintilla creadora, que é a consciencia da força e da bondade; de alma para alma não ha uma corrente de solidariedade, de crença commum e de enthusiasmo que congregue todo o povo numa mesma inspiração." Desse estado psychico nasceu a idéa da campanha em que se atirou com todas as forças da saude já vacillante, resolução salvadora, cujo alento benefico, além da coragem infundida em outras almas, teve a virtude de prolongar-lhe a vida.

No anno seguinte, tornado propagandista efficaz do escotismo, dirigia-me a seguinte missiva: "Rio de Janeiro, 21 de julho de 1916. 35, rua Barão de Itamby, Botafogo.

Presado amigo.

Venho lembrar e pedir á sua bella alma de brasileiro um grande serviço: a criação, no Rio Grande do Norte, de batalhões de escoteiros. Em S. Paulo já temos 8.000 escoteiros; no Rio Grande do Sul, dois mil; na Bahia, em Minas, no Paraná, em Santa Catharina, a organização está encetada. Agite, levante, sustente no Rio Grande do Norte a idéa; fale ao illustre Dr. Ponciano Barbosa, a todos os seus amigos; inflamme e enthusiasme a imprensa, os poetas, todos os homens de fé; promova conferencias e artigos de jornaes; e seja o fundador e o director da instituição! Peço-lhe, entretanto, que na propaganda cale a minha suggestão e o meu nome, porque é preciso que a idéa parta, ao mesmo tempo, de varias almas e de varias energias. E' indispensavel que no Rio, em 7 de setembro de 1922,

centenario da Independencia, haja uma parada de 100.000 escoteiros brasileiros, de todos os Estados.

Abraços fraternaes do seu velho admirador e amigo — *Olavo Bilac*.

Ponciano Barbosa, poeta magnifico, fallecido depois em plena mocidade, fôra portador de uma original indicação por mim redigida e por elle apresentada ao Congresso do Estado applaudindo o poeta pela campanha encetada. Presidente do Congresso naquelle anno, eu me prevalecera do cargo para me constituir propagandista dessa solidariedade almejada pelo autor da *Via Lactea*, o chefe pacifico da legião de idealistas que se encarregaram no momento de auxiliar a Liga da Defesa Nacional em diversas circumscripções da Republica.

Desde 1911, o meu maior empenho fôra a reforma radical da educação feminina, por pensar como Joaquim Nabuco que é preciso transformar por completo a nacionalidade, começando pela reforma do individuo, tarefa que a meu ver, sómente se poderá conseguir, dando ás mães brasileiras a compreensão que lhes falta de seu papel social na formação do Brasil novo.

Acudi, porém, ao appello do Poeta Nacional. Dentro em pouco estava fundada a Associação de Escoteiros do Rio Grande do Norte, de onde partiu agora o exemplo de tantos "raids" tentados com exito depois do successo dos doze pescadores e dos cinco escoteiros rio-grandenses, os pescadores vindos por mar em botes frágeis até essa capital e os escoteiros chegados a São Paulo após memoravel travessia realizada a pé durante dois mezes..

Oh, a alegria de Bilac quando, em companhia do commandante Monteiro Chaves — que me fôra auxiliar inexcedível e sem cujo preparo tecnico a associação não lograria exito apreciavel, — apresentei-lhe fardado, na séde da Liga, um dos nossos *boy-scots*, filho desse honrado official da marinha brasileira!

Mas eu não pude gosar a mesma satisfação. Ha muito tempo não o via. Por isso mesmo, senti o subconsciente alarmado ao contemplar-lhe a mascara dolorida, através da qual a alma do grande poeta espiava a morte como um condenado alonga o olhar, das grades de som-

brio carcere, para verificar se vem proximo o algoz.

Descemos juntos as escadas da Liga. Fomos ao café de S. Paulo onde sorveni com delicia o conteudo de uma taça; e como estivessemos numa dessas tardes maravilhosas do Rio quando faz bom tempo, elle convidou-me para irmos a pé ao Passeio Publico e olharmos um pouco o mar, do cáes, agora infelizmente distante desse logradouro. Bilac continuava alegre. Falava-me com immensa esperança dos destinos do Brasil. Admirou-se ao verificar que eu ignorava o numero exacto dos sorteados de minha terra. — Que patriota! gracejou reprehensivo, mostrando-me num pequeno mappa os Algarismos de que eu não me recordava. No Passeio, conversamos muito sobre mestre Valentim, Ferreira de Araujo, Gonçalves Dias e Castro Alves, desviando o poeta a palestra quando principiei commentar com acrimonia o busto do cantor dos *Escravos*.

Num dos bancos do jardim, ao pé da fonte dos Jacarés que o nosso desamor ás tradições de lá arrancou e não sei onde andam, deparou-se-nos um casal de adolescentes, estudantes sem duvida, estudantes e namorados, porque havia junto cadernos e livros fechados, emquanto, de olhos e labios abertos, sorriam em extase um para o outro.

Atravessamos o largo portão antigo que dava para o Syllogeu. Ficámos durante largos minutos parados deante do mar. Avisinhava-se o crepusculo.

Na larga bahia, as vagas luctavam penosamente umas contra as outras e desse embate resultavam grossos flocos de espuma, lembrando lenços enormes que mãos invisiveis agitassem de longe em desespero. Do outro lado, as serras serenas, a escala chromatica de um azul cujas nuances variavam de instante a instante. Detraz das serras e mais alto que ellas, montanhas sinistras de nuvens afogueadas, labaredas de um Etna irreal referendo em cachões. E sobretudo, a melancolia infinita do ocaso, a tristeza do dia se afogando nas aguas.

De repente, senti a mão crispada do excelso companheiro agarrar-me convulsamente o braço e ainda ouço-lhe a voz morrendo num estertor:

— E eu vou deixar isso tudo, meu poeta!

A melancolia da tarde revelara-lhe o fim proximo, ou talvez essa revelação lhe fosse feita por mim mesmo, nessa affinidade mysteriosa dos seres humanos nas crises supremas do coração cheio de augurios. Foi um desfallecimento rapido. Bilac era muito polido e muito senhor de si para perder diante de estranhos um minuto que fosse a linha aristocratica de seu temperamento inconfundivel.

E antes que eu sentisse em desafogo a garganta, de onde não conseguira arrancar uma palavra consoladora, justamente porque adivinhara num lampejo emotivo o dilaceramento desse coração forte ao despregar-se da paisagem em que a natureza emoldurara o seu espirito de creador vencido, elle voltou ao assumpto de ha pouco e recomeçou a falar-me sereno do futuro da Nação.

Dentro em pouco, ao despedir-se de mim num abraço commedido, ainda teve forças para dizer sorridente:

— De pé, amigo! Lembremo-nos todos de que foi um poeta, o Patriarcha, que fez a Independencia do Brasil!

Não tive animo de responder-lhe. Era a ultima vez que o via... Em derredor, moças passavam conversando alto. Talvez no jardim os dois adolescentes, aproveitando o descuido dos raros transeuntes, se beijassem com sofreguidão. E, no desencanto daquelle momento, quando eu presentia o fim proximo do maior poeta do Brasil moderno, não sei que genio mão me fez ver o Paschoal murmurando com ironia ao som do seu instrumento:

“Sobre as aguas serenas do Tejo...”

H. Castriciano.

(“A Noticia”, Rio)

### NOTAS DUM JORNALISTA

A Amazonia é um lugar lendario; a simples evocação desse nome traz á mente a sensação do inconcebivel. Os naturalistas, ao atravessal-a, revivem os dias perdidos da formação do planeta. Euclides da Cunha comparou-a á ultima pagina, em elaboração da genese. Os naturalistas que a têm percorrido voltam de lá maravilhados: Humboldt, Wallace, Martius, Agassiz e aquelle Frederico Hartt, que ao relatar tudo quando vira advertia o leitor com esta phrase: *não sou no entanto, poeta...* Buckle, escrevendo de oitava acerca do Brasil, photographou as paragens amazonicas. “Tão fecundo é o crescimento e tão vigoroso, neste paiz, que a natureza parece entregar-se a uma orgia desregrada de pujança.” A Amazonia é realmente o que pareceu a Euclides da Cunha: uma porção do planeta ainda entregue ao trabalho gigantesco dos cyclopes.

Em um ponto, porém, não tem razão Buckle ao deduzir a sua logica sobre o Brasil, visto através da Amazonia. Foi quando accrescentou que no meio da, quella pompa, daquelle esplendor, não havia lugar para o homem. Ao contrario

disso, lá também têm vivido desses primatas, com symptomas bem caracteristicos das mais apuradas civilizações. Ainda agora, um jornalista de Manáos, sr. Raymundo Moraes, acaba de provar que o clima amazonico nada possui de incompativel com a intelligencia humana, que possui o mais nobre predicado dentre todos os *Homo sapiens* de Linneu. Portanto, naquellas paragens também existe lugar para o homem... Apenas esse homem é como a terra, no conceito sempre de Buckle, fecundo e vigoroso, e denota, através das suas creações, aquella mesma pujança, senão a orgia desregrada que o escriptor inglez incluiu entre as caracteristicas da natureza brasileira.

Lendo o livro do sr. Raymundo Moraes, tive a impressão de que estava penetrando nas selvas amazonicas. As *Notas dum jornalista* contém um manancial respeitavel de conhecimentos, e felizes seriamos se os jornalistas do Rio fossem tão illustrados quanto o seu collega de Manáos. Se algum defeito elle possui, é certamente essa sobrecarga de factos, esse accumulo de evocações literarias, que apparecem em todos os seus capitulos. Mas é um defeito, que denota

amor ao trabalho, gosto pela leitura, e capacidade de assimilação. Esses dons, expostos com um pouco mais de harmonia, sem as exhibições multifarias que lembram a riqueza dos *nouveaux riches*, fariam do sr. Raymundo Moraes um bellissimo escriptor. Isso, porém, não annulla a boa impressão que me deram as suas letras, e que eu não poderia exprimir melhor do que fazendo votos, como fiz, para que os jornalistas cariocas tivessem pelos torneios da intelligencia o mesmo enthusiasmo do seu emulo amazonico.

O jornalista é naturalmente obrigado a procurar uma visão panoramica do mundo. A necessidade de interessar, de attrair, de commover, de divertir o publico, obriga-o a perambulações agitadas e instaveis por todos os dominios da arte, da sciencia, da philosophia, da economia, da politica. Raros, porém, são aquelles capazes de acompanhar essa carreira vertiginosa, que hoje já não tem por limites a superficie da terra, porque transpõe as distancias interplanetarias e vae até Marte. O sr. Raymundo Moraes dá-me a impressão de possuir as qualidades necessarias a esse genero de desporto; é como os aviadores, que só o são quando a visão, a audição, o equilibrio nervoso o permittem. O sr. Raymundo Moraes, do ponto de vista da cultura, possui os predicados de que carece quem pretende atravessar a vida tempestuosa e polychromica do jornal. No seu livro ha de tudo. Ora é o pretexto para mostrar sua familiaridade com a geographia physica, particularmente a potamologia, a respeito da significação geologica do Amazonas, considerado, outrora, uma especie de mar interior, de Mediterraneo que se esgotou e transformou em rio após o rompimento das suas comportas, cujos vestigios se encontram ainda nas ilhas do estuario do grande curso dagua, maxime a de Marajó; ora é a batalha naval do Riachuelo, que lhe suggere, com proficiencia, uma rectificação acerca da lendaria figura de Barroso; ora é a traducção portugueza de um Oscar Wilde que lhe dá azo a pôr em evidencia seus conhecimentos acerca da obra daquelle incomparavel artista; e assim, indefinidamente, o jornalista commenta as mais diversas manifestações da intelligencia. Grande é a multidão de

mortos sagrados e vivos illustres, nacionaes e estrangeiros, que se encontram nas paginas dos seus livros, e se me permite a franqueza é para lhe dizer que estimaria fossem menos frequentes. A's vezes, ellas cansam e outras ainda, as evocações e as referencias nominaes. coisa mais grave, chocam.

O sr. Raymundo Moraes é, por exemplo, um entusiasta do sr. Oliveira Lima. A proposito da sua *Historia da Civilização*, cita Augusto Comte, Aristoteles, Theophilo Braga, Voltaire, Tito Livio, Tacito, Polybio, Dionysio de Halicarnasso, Macaulay, Michelet, Bossuet, Carlyle, Thiers, Mommsen, Taine, Faguet, Prescott, Irving, John Fiske, Herodoto, Cesar Cantu, o Genesis, o Velho Testamento, Seignobos, o Ramayana, Rabinaltrah Tagore, Campollion, Maspero; refere quasi todas as obras de Oliveira Lima, *No Japão*, *Nos Estados Unidos*, *Na Argentina*, *D. João VI no Brasil*, e termina affirmando que o sr. Oliveira Lima "já era a primeira figura literaria viva no Brasil, e é agora, tambem, seu maior historiador".

Ora, esse capitulo dá, ao mesmo tempo, uma idéa do trabalho mental, da elaboração literaria do jornalista amazonico, e de seu espirito critico. O sr. Oliveira Lima escreveu um livro intitulado *Historia da Civilização?* O sr. Raymundo Moraes, ao commental-o, parte de uma chave dichotomica: de um lado estuda a personalidade literaria do escriptor, não por intermedio do livro criticado, mas através da sua obra, com a qual está familiarizado, tanto que a refere abundantemente; do outro lado colloca a poeira doirada da erudição, com que pretende maravilhar a vista do leitor. E sendo assim só lhe devemos reconhecer e agradecer a parcimonia, citando vinte e cinco nomes, ao envés de vinte e cinco mil, que o assumpto, historia universal, permittiria, facilmente, desencavar. Depois, a classificação do sr. Oliveira Lima como o maior historiador do Brasil é um tanto arriscada. Possuimos um homem, que o sr. Raymundo Moraes conhece, pois lhe dedica um dos capitulos da sua obra. Esse humanista, homem de letras de verdade, entre os innumerados trabalhos com que tem enriquecido a literatura nacional, escreveu uma Historia do Brasil, do ponto

de vista amplo e elevado, estudando a architectura dos nossos acontecimentos politicos, economicos e sociaes; fazendo, como nunca ninguem fez, a synthese da evolução historica do Brasil. Se alguém merece o titulo de maior historiador nacional, é elle, é o sr. João Ribeiro. Por que lhe negam? Porque publicou um volume de poucas paginas, que anda nas mãos dos estudantes, o seu grande livro. O sr. Oliveira Lima é seguramente o autor de muitas obras meritorias, de grande valor mesmo, a respeito da nossa historia. Mas recusaria, certamente, a classificação que lhe querem dar, mórmente suggerida pela sua *Historia da Civilização*. O maior historiador do Brasil, presume-se, foi aquelle que escreveu a mais notavel historia do seu paiz... A civilização geral da humanidade está além desse critério limitado. Depois, essa designação numerica dos talentos nacionaes, feita ainda com restricções — a primeira figura literaria viva do Brasil — como para não incommodar os defuntos, é um tanto arriscada...

Exuberancia de citações, pujança de conceitos, tudo se explica no livro do sr. Raymundo Moraes, porque elle é o reflexo daquella orgia nativa que os contempladores da região septentrional do Brasil não se cansam de enaltecer. No Amazonas tudo é demais. O que nos outros logares se chama uma barreira, pequena encosta de morro que resvala na estrada ou desmorona á margem sinuosa de um rio, é naquellas sumptuosas paragens, a terra caída, verdadeiro cataclysmo em que somem as habitações, os campos, as vidas dos filhos daquelle rio tenebroso. *O Inferno Verde* não é uma figura de rhetorica posta na penna do sr. Alberto Rangel. Pelo contrario, tudo, nas regiões lavadas pelo grande amor de outrora, é hyperbolico. A seiva que brota do estylo do jornalista amazonico está sujeita ás leis geraes que lá presidem a genese de todos os phenomenos naturaes.

Antonio Leão Velloso

("Correio da Manhã", Rio)

## EVOCANDO EUCLIDES DA CUNHA

Passa hoje o 13.º anniversario do desaparecimento de Euclides da Cunha.

Pôde-se dizer que sua morte foi prematura, visto como surprehendeu quando seu talento entrava em plena maturidade e promettia desatar-se gloriosamente, esplendor, sublimar-se em obras dignas, por seu valor scientifico e belleza literaria, de se emparelharem com *Os sertões*, o primeiro, tanto no sentido chronologico quanto no sentido estimativo, de todos os seus livros, o mais integro, o mais acabado, o mais perfeito.

Talento, acabamos de escrever. Repugna-nos, entretanto, usar palavra como essa, degradada por uma applicação de todas as horas, convertida em vehiculo trivial de todas as amabilidades em que os *benisseurs* estribam sua popularidade no dominio das letras, tratando-se daquelle a quem parece caber o mais alto logar entre os prosadores brasileiros.

É Ruy Barbosa? — perguntar-se-ha.

Mui intencionalmente dizemos que a Euclides da Cunha pertenceu, pertence o

principado da prosa no Brasil. A primazia de Ruy é outra, é maior. Elle foi, na conformidade da proclamação feita por um critico insuspeito, porquanto sempre inclinado, quando o julgava, a especiosas restricções e até injusto, por vezes — Candido de Figueiredo — elle, Ruy, foi o maior prosador portuguez de todos os tempos.

Do mais ligeiro cotejo entre o autor das *Cartas da Inglaterra* e o autor de *Os sertões*, resulta esta verificação: emquanto que o primeiro conseguiu realizar a perfeição entresenhada sem o sacrificio das tradições, o segundo não teve o escrupulo de se insurgir resolutamente contra ellas para attingir ao seu ideal de belleza. E d'ahi, justamente, as varias differenças a registrarem-se nas respectivas obras. Uma é grandiosa por ser equilibrada; a outra tira de seu desequilibrio precisamente o melhor de sua seducção. Em uma expande-se o proprio genio da lingua, dominado pela ancia de se perpetuar e, para conseguilo, de a si mesmo

permanecer fiel; na outra é o genio de nossa raça que se esforça por adaptar ás peculiaridades de seu temperamento o aparelho de exteriorisação recebido dos colonizadores. Naquella predomina o elemento conservador, estatico, aquillo, talvez, a que Remy de Gourmont chamava a lei da constancia intellectual; nesta, o elemento dynamico, gerador das transformações, com que o idioma consciente e voluntariamente se corrompe, de maneira a adquirir a capacidade infinita de representação exigida antes pelo cultivo da sensação do que pelo cultivo do pensamento. Ruy é marmoreo; Euclides é flexivel. Ruy nos empolga; e, porque toda repetição, mesmo a da perfeição absoluta, acaba por se tornar monotonica, ao fim de algum tempo nos entendia; Euclides nos fascina e, talvez pela graça imprevisita das suas imperfeições, dos seus defeitos, do que, em summa, poderia denominar-se o barbarismo de sua fórmula, nunca chegará a fatigar. Ruy tem o defeito de suas virtudes; Euclides, a virtude de seus defeitos.

Mas não é unicamente o prosador que nos solicita a attenção e pede um julgamento, no autor dos *Contrastes e Confrontos*. Houve nelle um psychologo, um sociologo, um historiador, cuja influencia extraordinaria desde logo começou a fazer-se sentir, renovadora e fecunda, graças ao ineditismo completo, em nosso meio, de methodos e processos adoptados em primeira mão, e que ainda mais seductores se nos apresentavam devido á finura com que elle sempre os empregou, e ao fulgor da fórmula em que o resultado da applicação acabava por se crystallizar.

Alberto Rangel e Oliveira Vianna avultam entre os mais fulgidos escriptores que, por sua vontade ou contra ella, voluntaria ou involuntariamente, não sabemos, receberam a influencia de Euclides, tanto na maneira de visionar os problemas da sociologia brasileira, no modo mesmo de os seleccionar, no criterio habitual de preferencia, como no estylo, expressamente forjado, intensamente pittoresco, mas de um pittoresco *sui generis*, estylo simultaneamente de homem de sciencia e de homem de letras, para fixação das sensações e das idéas colhidas no decurso de taes investigações e pesquisas.

Pensador e artista, que foi e como foi, Euclides da Cunha estava immortal. Mas o genio que nelle morou estendeu mais ainda seu anseio de desdobrar-se. Foi tambem critico de agudissima percepção e estheta de uma visão tão alta que reveste feitio esoterico de poder divinatório.

Sua sensibilidade delicadissima e sua cultura habilitavam-no, aliás, a exercer o mistér de critico muito mais proveitosamente do que quantos pensam sufficiente para esse fim impregnar-se, intoxicar-se, quasi, de meia duzia de fórmulas irriantemente escolasticas e exigir, com a irreductibilidade dos monomaniacos, que todas as obras de arte se lhes ajustem ou subordinem.

A conferencia sobre Castro Alves é uma das mais lucidas paginas inspiradas pelo genio do moço bahiano, tão exuberante, tão plethorico, tão estranho, se examinado por quem não perca de vista o ambiente onde elle evoluiu.

Mais interessante, porém, se nos afigura o formidavel prefacio que Euclides escreveu, em 1908, para o volume de poemas de Vicente de Carvalho. Não se encontra lá sómente uma analyse exaltada, e nem por isso menos justa, menos clara, das altas virtudes artisticas a cujo conjuncto devia o glorioso poeta mutilado de São Paulo a maestria de sua poetica, cheia sempre e por igual de fremitos e intenções, tão sentida quanto meditada, reflexo natural de uma alma que, para melhor pensar, fez questão de não cortar jámais, inteiramente, sábio verdadeiro que elle era, seus laços com a animalidade — os sentidos.

Nesse prefacio, digno de se comparar ao de Gautier, na grande edição de *Les fleurs du mal*, Euclides da Cunha, advogado em causa propria, provou que em todos os officios e profissões a espiritualidade encontra por onde se insinuar, fazendo que o ideal por toda a parte floresça.

A humanidade, registra-o elle a proposito, vive perennemente a correr "do realismo para o sonho, e deste para aquelle, na oscillação perpetua das duvidas, sem que se possa differenciar, na obscura zona neutral, alojada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade do naturalista que tateia o mysterio".

Enganar-se-hia quem, ao saber-o engenheiro, lhe deplorasse a condição, por saber-o igualmente poeta — poeta, sim, que não é preciso fazer versos para o ser, nem o são, de facto, todos que versejam. Elle desfaria o equívoco de quem assim lhe exprimisse uma sympathia compadecida, lembrando-lhe que “as asperezas das fórmulas analyticas” e “os traços vigorosos dos tira-linhas” também “se sobredoiram de um recalcitrante idealismo”.

Por que? Disse o P. van Thiezen, em *Le sentiment de la nature*:

“O homem não é, isoladamente, artista, poeta, sabio, philosopho. Deve ser de algum modo tudo isso a um tempo, porque a natureza é integra”.

Ser-lhe-ia agradável, se seu *eu* disperso na natureza guarda a primitiva

consciencia, ter essas palavras inscriptas em sua stela funeraria. E' que nellas se affirma o direito que elle tinha de se conservar sonhador incorrigivel entre numeros e escalas.

Em 1908, já Euclydes falava no “mysticismo barbaro de Baudelaire”. Dez annos depois, sómente, quando a França, commemorando o cincoentenario do primeiro poeta maldito, lhe suspendeu a excommunhão, foi que Ernest Raynaud lhe descobriu a castidade.

A clarividencia que essa antecipação revela classifica o engenheiro Euclydes da Cunha, com prejuizo de quantos bachareis se inculquem literatos profissionaes em nosso paiz, entre os nossos maximos esthetas.

(“O Paiz”, Rio)

B. A.

## OS SCIENTISTAS ALLEMÃES NO BRASIL

Não são poucos os homens de sciencia allemães que se dedicam ao conhecimento do Brasil, affoitando-se a emprezas arriscadas principalmente no interior dos Estados, como por exemplo no do Amazonas e Mato Grosso, ainda mal desbravados. Isso é feito de ha mais de um seculo. A geographia, a ethnographia, a botanica, a mineralogia e mais sciencias physicas e naturaes têm merecido grandes e abalisados estudos por parte dos scientistas allemães, que vão publicando livros preciosos, em numero sufficiente para illustrar nosso povo se fossem cuidadosamente traduzidos.

Feitas por homens de sciencia allemães através de terras bravas e inhospitas, como a do reconhecimento do valle do Xingú, pelos irmãos von Stein, as expedições constituem empreendimentos temerarios, de verdadeiro heroismo pela sciencia.

Um jornal de Munich, capital da Baviera, offerece-nos notas curiosas sobre alguns desses vultos, pioneiros de nossas selvas, tratando, particularmente, das altas personalidades de Martius e de Lutzelburg, um dos mais activos collaboradores nas obras contra as seccas do Norte do Brasil.

Em o novo jardim botanico de Munich,

capital da Baviera, ergue-se, á sombra das arvores, em singelo monumento, o busto em marmore de Karl Friedrich Philipp von Martius, individualidade que foi um dos grandes campeões das sciencias naturaes.

O Brasil, paiz dezeseis vezes maior do que a Allemanha, vinha attrahindo de ha muitos annos, as vistas dos naturalistas, em virtude de sua riqueza em thesouros naturaes, quer mineraes, quer animaes, quer vegetaes, quando, no anno de 1817, o jovem botanico e medico allemão von Martius foi enviado — juntamente com o academico Johann Baptist von Spix, pela Real Academia de Sciencia, de Munich, e por ordem do rei Maximiliano I — para investigar e estudar a flóra do Brasil.

Com verdadeiro zelo, Martius e seu companheiro executaram seus trabalhos, desempenhando, com ardor, a missão que lhes fôra confiada pelo soberano. Durante mais de quatro annos, em que permaneceram no Brasil, fizeram viagens de milhares de kilometros pelos Estados do sul e do norte, bem como pelo territorio do Amazonas, percorrendo o grande rio desde sua fóz até á fronteira com o Equador, de onde foram obrigados a retroceder, pois todos os membros da ex-

pedição adoeceram de impaludismo. No regresso Martius foi o único remador de seu barco: abandonado pelos indígenas, transportando ainda gravemente enfermo seu companheiro Phillipp Spix.

Eil-os, finalmente, de volta á sua grande Patria, sendo portadores de ricas collecções em plantas e animaes, bem como de valiosissimos apontamentos scientificos, com os quaes escreveram, organizaram e publicaram a magistral obra "Flora Brasiliensis". Essa obra gigantesca appareceu, em primeira edição, no anno de 1840, sendo reeditada em 1906, com a collaboração de 65 scientists, dos quaes 38 eram allemães. Contem ella 21.070 folhas em semi-folio, com 4.000 taboas explicativas, abrangendo a descripção de 23.000 especies vegetaes brasileiras. A "Flora Brasiliensis" tornou immortal o nome de Martius, grande scientista allemão.

Além desses dois sabios allemães, a que nos referimos, muitos homens de sciencia da Allemanha têm visitado e percorrido o Brasil, em missão de estudos, não devendo ser esquecida a acção da princeza Thereza, da Baviera, a qual, no anno de 1888, visitou o Brasil, especialmente a região do Amazonas, as importantes cidades das costas do nordeste e as terras habitadas pelos indigenas no interior do Estado do Espirito Santo. Organizou varias collecções e descobriu muitas especies animaes e vegetaes, relatando-nos, depois, num livro que publicou em Munich, todos os trabalhos por ella realisados no Brasil.

Um anno antes da formidavel guerra de 1914-18, viajou pelo Brasil meridional, levando para Munich uma valiosa collecção em material botanico, principalmente material vivo, o director do Instituto de Physiologia Vegetal e fundador do novo e magnifico Jardim Botanico de Munich, professor Karl von Goebel, que, annos antes, já havia visitado, com interesse, outras regiões da America do Sul.

Por instigação sua, viera ao Brasil, anteriormente, no anno de 1909, subvencionado pela Academia de Sciencias e com o fim de realisar estudos, o botanico dr. Phillipp, barão von Lutzberg. Lutzberg, que posteriormente passou a prestar serviços ao governo brasileiro, esteve primeiro no Rio de Janeiro. D'ahi ini-

ciou sua intensa actividade no Brasil, a qual foi prodiga em fadigas e perigos, se bem que fartamente recompensada por um brilhante rendimento em trabalhos scientificos.

Para se comprehender, devidamente, a extensão do trabalho do investigador Von Lutzberg, é necessario ter-se em conta as especiaes condições climatericas dos Estados do Nordeste. O "Sertão", como se denomina o interior desses Estados, é coberto, approximadamente, em cerca de 700.000 kilometros quadrados, pela chamada "caatinga", espinhosa vegetação constituida por arbustos rachiticos e cactus. Terriveis seccas torturam essas extensas paragens. Em 1919, que foi um dos annos em que o periodo das seccas mais se prolongou, não choveu durante 17 mezes, perecendo sómente no Estado do Ceará, 1.100.000 cabeças de gado vaccum. O governo viu-se na contingencia de preparar vapores para trasladar a outras regiões uma parte da população attingida pelo flagello.

Numa de suas viagens, Lutzberg passou por localidades cujas varzeas estavam cobertas por grandes quantidades de ossadas de gado, constatando que, em circumstancias normaes, o viajante atravessa certas zonas onde só encontrará agua a distancia de centenas de kilometros. Nestas zonas, para mitigar a sede, ha, quando muito, charcos de agua impura, estagnada durante muitos mezes.

Desde 1912, Lutzberg viajou pelo Brasil, percorrendo as aridas regiões de todos os Estados do norte, a serviço daquella Inspectoria, desempenhando as funcções de geographo botanico da mesma empreza, com o fim de observar-lhes, simultaneamente, as condições geologicas, mineralogicas e economicas.

Além dessas viagens, aquelle scientista allemão emprehendeu outras pelos Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro, pelas florestas vïrgens do rio Mutum e do rio Doce, no Estado do Espirito Santo, onde habitavam tribus indigenas em plena Edade da Pedra. Em companhia do dr. Arrojado Lisboa, fez elle outras viagens de estudos e, entre ellas, as das regiões carboniferas do Estado do Paraná.

Em oito grandes expedições, de uma duração total de 17 mezes, foram percorridos, ao todo, 32.000 kilometros, dos quaes 25.550 a cavallo e mais de 1.000 em canôas. Os muares que levavam a equipagem em bahús e que eram especialmente fortes, tiveram de transportar cargas de 100 kilos cada um, fazendo uma marcha diaria de 50 a 60 kilometros em media. A maior parte das noites foi passada ao ar livre, em rédes suspensas em quaesquer arvores, recolhendo-se ás barracas sómente em caso de chuvas.

Em toda a expedição, seus unicos companheiros foram dois homens de côr, que cumpriram, resolutamente, seus deveres.

Assim foram vencidos os milhares de kilometros, atravez dos "caatingaes", onde o viajante, para proteger a epiderme contra as cortantes folhas do cactus, é obrigado a usar roupas de couro crú, como o fazem os pastores sertanejos.

Para vencer os obstaculos das montanhas, foi preciso descarregar os baús do dorso dos animaes, sendo as collecções, os viveres e as provisões levadas a váu, nos hombros dos proprios expedicionarios. Mas, em virtude das planicies do Estado de Goyaz serem despidas de arvores, foi necessario levar até a lenha, atravessando, assim, muitos rios e grandes pantanos. Registrou-se a deploravel perda de algum material precioso, devido á morte de muares, produzida por mordedura de serpentes. Grande parte das collecções obtidas com tanto sacrificio, foi devorada por uma especie de peixes por demais vorazes e que vivem em cardumes n'alguns rios, ou perdidas por outros accidentes da viagem. Enormes foram os perigos a que os membros da expedição se expuzeram, em vista da escassez de agua, das enfermidades, como febres e dysenterias e tambem dos naufragios de canôas ou dos campos em fogo. Seja dito que, ao se iniciar a travessia das "caatingas", um espinho furou o odre de agua, forçando os expedicionarios a não se desalterarem durante 33 horas, sem uma só gotta do precioso liquido. Nessa occasião morreu um dos membros da expedição. O proprio chefe, bem como os demais companheiros soffreram a tortura da sêde, chegando até a perder a voz. Se salvaram a vida foi graças aos musgos humidos

que encontraram após longo percurso. Desnecessario será dizer que, para levar avante uma empreza tão ardua, de duração tão longa, no decorrer da qual se tem de renunciar a todas as commodidades da vida civilisada, se requer a maxima circumspecção, abnegação e tenacidade incriveis.

Sempre que seus multiplos affazeres o permittiram, Lutzburg dedicou-se, no Estado do Rio, ao estudo da Serra dos Orgãos, a qual se caracteriza pela extravagante fórma de seus picos e de seus valles profundos, todos elles ricos na vegetação que lhes é peculiar.

Depois de varias tentativas infructiferas, Lutzburg conseguiu abrir caminho atravez da matta virgem, attingindo os picos mais importantes e de difficil ascensão. Realizou 42 excursões a estes pincaros escarpados, onde a marcha e a orientação eram extremamente difficultadas.

Quiz o acaso que, cem annos depois do regresso de Martius, voltasse a Munich um novo scientista allemão, trazendo collecções do Brasil: — o dr. Lutzburg, que, actualmente tornou a fixar residencia na capital da Baviera, onde está escrevendo sua obra, na qual nos dará a conhecer o resultado de seus trabalhos scientificos, nos terrenos da botanica, geologia e geographia, e especialmente no da geographia botanica.

Já tem elle realizado conferencias sobre suas viagens, em diversas sociedades scientificas de Munich. Seus mappaes botanico geographicos, compreendendo a flóra de oito Estados do norte do Brasil, já figuraram, em 1922, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

As collecções de Lutzburg foram recolhidas á Academia de Sciencia de Munich. Sómente as duplicatas é que deverão ser devolvidas ao governo brasileiro. Algumas cifras dão melhor ideia da riqueza de suas collecções. O material compreende 15.000 numeros, distribuidos, originariamente, em 47 grandes caixas; 12.000 numeros correspondem ao material botanico, que está cuidadosamente colleccionado. Ainda ha 43 pequenas caixas, com vegetaes não classificados: 250 frascos com preparados a alcool, madeiras petrificadas e quasi

duas toneladas de material geologico, mineralogico e ethnographico. Numa palavra, são valiosos objectos naturaes de todas as classes. Na classificação dessas

collecções, trabalham, presentemente, mais de trinta especialistas.

("Correio do Povo", Porto Alegre)

### AS IDÉAS POLITICAS DE BALZAC

Balzac escreveu um dia esta cousa espantosa: "J'ai horreur du train philosophico - republico - communico - Pierre Lerouxco - germanico - déisto - sandique". Quem conhece, porém, um pouco da historia social do seu tempo, comprehenderá que alta, nobre, nobilissima affirmação de espirito se esconde sob esta formidavel "boutade"...

Não é de hoje que a minha paixão pelo maior dos creadores modernos me leva a estudar melhor, a descobrir as bases philosophicas da sua immensa actividade intellectual, porque é no equilibrado objectivismo de um ficcionista á altura de Balzac, que é ás vezes possivel conhecer mais vantajosamente o espirito de uma dada época.

O que, no emtanto, me encanta a esta hora, ao fechar o admiravel livro de André Bellesort, sobre o gigantesco animador é ter encontrado, pela primeira vez, um juizo mais seguro, não resta duvida, mais bem assentado que o meu, em escolhida e ordenada documentação, porém perfeitamente igual nas suas linhas geraes, sobre a philosophia politico-religiosa do jámais superado, conhecedor do coração humano.

O que tento agora é resumir, mesmo, e do modo mais breve possivel, a parte do formoso livro de Bellesort, em que o grande romancista nos apparece mais como director de almas do que como simples analysta. Aliás, o critico francez principia por demonstrar que a ficção balzacqueana é mais difficil de identificação do que geralmente se pensava, justamente porque "não era a realidade que lhe fornecia os seus personagens, mas as causas que elle aprofundara daquella realidade".

Isto quer dizer que Balzac, sendo como fio um dos maiores creadores de arte que o mundo tem conhecido, o foi sobretudo porque juntava ao simples senso configurador do artista, uma profunda in-

tuição philosophica do valor da vida, da sua finalidade, e, principalmente, dos seus processos. E é isto o que sobremodo valorisa as suas opiniões doutrinarias aos olhos dos que, amando-lhe a obra litteraria, procuram a razão de ser das suas tendencias espirituas, tão em opposição a tudo quanto no seu tempo constituiu o falso mas dominante brilho da intellectualidade franceza... Realmente, porque um homem que tão profundamente conheceu o coração dos homens e, justo á hora em que todos corriam a sorrir ou a chorar, mas sempre cegos de uma nova fé, empós ideaes de tão apparente belleza, realmente por que esse homem tão franca e rudemente contra elles oppuzera a sua capacidade de analysar, de sentir, de pensar? Deante de um "facto" como este, o pensador contemporaneo não pode ficar indifferente, maximé se comprehende que o periodo aureo da Revolução, que a "hora clara" (se é que se lhe pôde dar este qualificativo) da politica revolucionaria ou democratica foi essa em que Balzac mergulhou os olhos maravilhosos de penetração, de argucia, olhos de que elle proprio faria o elogio mais de uma vez, com a ingenua falta de modestia que lhe caracterisava a consciencia de seu genio.

Pois era em face daquella apparente definitiva victoria do antichristianismo, que elle affirmava: "Escrevo á luz de duas verdades eternas: a religião, a monarchia, duas necessidades que os acontecimentos contemporaneos proclamam e para as quaes todo escriptor de bom senso deve procurar levar de novo o nosso paiz".

Uma affirmação desta ordem, feita por um homem daquella especie, só não merecerá a attenção da mediocridade apressada ou do talento leviano e futil. Um homem de consciencia não pôde fugir á indagação do porque e do como chegou Balzac á verificação da existencia de taes

verdades, em contraposição a todos as illusões da sua época.

Fôra elle um mysterio? Absolutamente não. Ninguém viveu mais a vida da acção no sentido vulgar e ao mesmo tempo heroico desta palavra. Era de sua propria natureza uma viva negação da contemplatividade que a mystica requer.

Ha, como se sabe, quem muito rasoa-velmente lhe negue até as principaes características do crente, pelo menos daquelle que em rigor pode ser considerado um filho da Igreja. O que não lhe faltou foi o bom senso, a rectidão natural, e d'elle pode-se dizer que foi, moderadamente, o mais alto testemunho daquella soberana verdade proclamada por Tertuliano centenas de annos antes, de que "a alma humana é naturalmente christã".

E é por isso que não me interessa o debate sobre a pureza da sua fé, a sua perfeita orthodoxia. Do ponto de vista apologetico, Balzac, tal como se nos apresenta, "revolucionario contra a revolução", tem de si mesmo um valor singular como "facto", repito, "facto" absolutamente comprobatorio da invencivel força de verdade que a Igreja Catholica representa no mundo, e ainda mais lhe devemos ser gratos, porque, por sua vez, não tentou outra especie de apologetica além da que os proprios "factos" lhe forneciam.

São "espectaculos da vida" os seus melhores argumentos, e não ha homem para quem elles não tenham pelo menos algum real interesse. O que elle sabia da historia social da Europa, mas principalmente o que de desordem, de ambição, de miseria lhe patenteava a Europa de seu tempo, era o que elle sabia reconstituir de modo empolgante, para demonstrar que tudo aquillo fôra e era a prova de que o *Christianismo, sob a fórma catholica, é um systema completo de opposição ás tendências depravadas do homem e o maior elemento de ordem social que se conhece.*

Para elle, demonstra-o Bellessort, "entre outras vantagens, tem a religião a de moderar o pensamento, que, entregue a si mesmo, é causa de ruina, tanto para os individuos como para as sociedades". E' o seu doutor Benassis quem diz: "La nature a basé la vie humaine sur le sentiment de la conservation individuelle, la vie sociale s'est fondée sur l'interêt per-

sommel. *En écrasant ces deux sentiments égoïstes, sous la pensée d'une vie future, la religion modifie la dureté des contrats sociaux*". Quando Bellessort duvida se este *écrasant* será une "maladresse de estyle", esquece apenas que todo o naturalismo de Balzac não o impedia de ver tão nitidamente quanto Pascal o valor moral, o valor social da "força" como instrumento do bem. E a prova disto é que o proprio Balzac demonstrava não ignorar quanto de ternura humana, de bondade, de misericordia ha nessa mesma Igreja, capaz de rudeza, de dureza mesmo para com o que ha de máo em nossa natureza. "Considerando-nos a todos como decahidos e em estado de degradação, a Igreja, notava elle, franqueou-nos um inesgotavel thesouro de indulgencia. Ella sabe que ninguem é infallive!". E, na sua propria linguagem: "Elle s'attend aux fautes et même aux crimes". Mais "tout est rachetable: le catholicisme est dans cette parole: de là ses adorables sacrements, qui aident au triomphe de la grâce et soutiennent le pécheur".

Só mesmo o renascimento catholico dos nossos dias arrancaria de atheus como Maurras palavras tão seguras sobre o que vale a Igreja, como repressora de todas as más paixões e consoladora de todas as fraquezas. E era logico que quem tinha assim penetrado a mais mysteriosa força conservadora, depuradora e exaltadora do homem, tambem penetrasse o que ha de mais difficil comprehensão nesse equilibrio de egoismos os mais dispaes, que é uma organização propriamente politica.

Balzac, diz Bellessort, "comprehendeu que uma religião que assim abraça os interesses da sociedade, não pode ficar indifferente ás formas de governo, e que ella não faz todo o bem de que é capaz, senão num estado fortemente organizado". Reponta ahi, não resta duvida, o seu invencivel naturalismo, mas deve-se confessar que não é menor, nem menos lucido o bom senso com que repelle a onda de sophismas e inhumanidade das chamadas democracias, cujos principios pareciam então completamente victoriosos.

Sigo fielmente a exposição que faz Bellessort, do systema de idéas politicas a que Balzac se filiou, lastimando sómente que o critico não tenha estudado as ori-

gens philosophicas daquella orientação, que, se do ponto de vista religioso, não ha a menor duvida que foi muito influenciado pelas idéas de Saint-Martin, do ponto de vista propriamente politico, deve ter tido muitas suggestões de Joseph de Maistre e de Bonald.

Elle vira a França, em cincoenta annos, lançar mão de seis regimens politicos: a Constituinte, a Convenção, o Directorio, o Imperio, a Restauração, e experimentar um setimo, que a tanto equivalia o da chamada monarchia de julho, que "santificára a soberania do povo pela eleição". Ora, o de que Balzac conseguiu certificar-se foi que "a eleição é um dos principios mais funestos á existencia dos governos modernos". Fundada sobre uma egualdade dos cidadãos, que constitue um contra-senso, desmentido á toda a hora pela natureza, ella despedaça, recompõe e incessantemente desfaz uma indispensavel hierarchia, porque "*a hierarchia jámais será pensamento que possa sah'r das massas; é uma consequencia do accordo do poder monarchico e da religião*".

Balzac é, pois claramente, pela monarchia, não pela monarchia constitucional, que entregou o paiz a uma burguezia cujo liberalismo é feito de medo, de egoismo, de indefinidas idéas de liberdade, mas pela monarchia absoluta. "Elle pensa que fazer depender a felicidade de um povo e sua segurança, da intelligencia e da capacidade de todos é bem menos prudente que tornal-as dependentes das instituições e da capacidade de um só".

Completando o Catholicismo, a monarchia absoluta se lhe representa *um systema, tambem completo, de repressão dos interesses divergentes da sociedade*.

Diz Bellessort que o termo absolutismo exprime melhor que o de monarchia a opinião de Balzac, mas neste ponto o que me parece é que o critico francez esquece a lição que Balzac teria bebido no autor das "Considerações sobre a França" a respeito do que elle chama a monarchia europeá ou o systema monarchico europeu.

Seja como fôr, observa Bellessort, que este absolutismo não suprime as garantias dadas ao subdito contra o soberano e sem as quaes nenhuma sociedade pode existir. Delle resultam para o subdito liberdades sujeitas a restricções. "A Li-

herdade, não; liberdades, sim; liberdades definidas e caracterisadas: eis o que é conforme á natureza das cousas". Esta é a linguagem mesma de Balzac e não é possivel fugir á idéa de que o seu mestre, além da experiencia propria, era aquelle admiravel Joseph de Maistre, para quem a Revolução fôra não só uma dolorosa experiencia como a força reveladora ou provocadora do seu genio.

Ainda para Balzac "nenhum governo pôde recusar-nos a liberdade de pensar, mas um governo digno deste nome deve denegar-nos a de publicar pensamentos anti-sociaes. Cabe-lhe regular esta força do pensamento que é, a uma vez, principio de bem e de mal, e que pode ser um terrivel elemento destruidor. As palavras consciencia e liberdade, mal comprehendidas, mal definidas, foram lançadas sobre o mundo como symbolos de revolta e ordens de destruição. "On ne donne aux peuples de longevité qu'en modérant leur action vitale". E que não se fale de tyrannia. O absolutismo é menos "tyrannico que o poder dividido e disperso entre os membros de um Parlamento; é o mais economico dos regimens: "nous ne remplaçons les dynasties des rois que par de changeantes et couteuses dynasties de premiers ministres"; é o mais activo, o mais progressista: "toute politique est impossible avec la discussion en permanence"; é, enfim, o regimen que assegura mais justiça: "Les lois sont des toiles d'araignée à travers lesquelles passent les grosses mouches et où restent les petites", diz o seu Blondet, após ter narrado as piratarías de Nucingen. E o jornalista Finot, que lhe responde: — "Où veux-tu donc venir? — Au gouvernement absolu — replica Blondet — le seul où les entreprises de l'esprit contre la loi puissent être réprimées. Oui, l'arbitraire sauve les peuples en venant au secours de la justice, car le droit de grace n'a pas d'envers. Le roi (constitutionnel), qui peut gracier le banqueroutier frauduleux ne rend rien à la victime dépouillée".

O instincto catholico de Balzac é tão forte que elle não chega a illudir-se com as promessas da democracia revolucionaria, victoriosa mas a tremer sempre sobre as suas bases. "A democracia — dizia

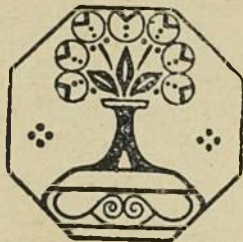
elle — não quer na sociedade poder uno e fixo assim como o atheismo não quer Deus no mundo. Ella põe o poder nos cidadãos como o outro a Deus nos effeitos da natureza e na propria materia". A vingança, porém, da natureza, desrespeitada em todas as suas leis, é, ao que lhe parece, o que se está preparando por todo o mundo occidental. Teme que os operarios se façam a vanguarda dos barbaros... "Un proletariat deshabitué de sentiments, sans autre dieu que l'envie, sans autre fanatisme que le desespoir et

la faim, sans foi ni croyance, s'avancera et mettra le pied sur le coeur du pays".

Elle poderia ter dito do mundo. Aliás, a França mesmo já experimentou a dureza desses odios. A Russia ahi está, envolta no seu manto de sangue e de miseria. Mas o sentimento claro e preciso de quanto vale Deus no governo dos homens, ainda não entrou completamente no coração dos que governam o mundo.

*Jackson de Figueiredo*

("Gazeta de Noticias", Rio)





## DEBATES E PESQUIZAS

---

### BRASILEIRISMOS

Nas linhas que aqui vamos deixando, não pretendemos acompanhar de perto, bem se vê, o longo e admirável estudo de Apollinário Porto Alegre sobre as origens guarano-tupicas do portuguez falado no Brasil.

Para isso teríamos que citar innumerous vocabulos e proverbios locais e não seriam necessarias, apenas, varias columnas e, sim, paginas e paginas do "Correio do Povo", em composição cerrada.

Entretanto, no estudo alludido, ha tantas coisas inéditas para o Rio Grande do Sul e o paiz inteiro, e tão curiosas para os interessados em taes assumptos, que não podemos deixar em esquecimento algumas das que julgamos mais merecedoras de apreço.

Assim é que trataremos, hoje, da parte referente á transformação que soffreu o vocabulo indigena, na sua passagem para o portuguez. A transição deu-se, por certo, lentamente, á medida que, aos poucos, o termo se ia enraizando na linguagem popular, como, aliás, posto que ligeiramente, já tivemos occasião de ver com o verbo "abombar".

Vejamos, agora, a palavra "butiá".

O "Dicionario Contemporaneo", de Caldas Aulete, não a registra, nem o "Novo Vocabulario Nacional", do reve-

rendo padre Carls Teshauer, S. J. A "Encyclopedia Portugueza", de Maximiano de Lemos — parece incrível! — diz, sómente, isto: "Especie de palmeira". O defficiente "Vocabulario Rio Grandense", de Romagueira Corrêa, informa: "Butiá", especie de coqueiro pequeno e a sua fructa". Dá depois, rapidamente, a significação de "butiazal" e de "butiazeiro", não despertando, de maneira alguma, a attenção do leitor.

Representando o vocabulario uma ampla collectanea fiel dos termos de uma lingua, com explicação succinta, verifica-se, por ahi, que os autores acima apontados deixam muito a desejar.

Em Portugal, não ha muito tempo, dizia-se que os brasileiros tinham deturpado, ou antes, desfigurado o portuguez.

Puro engano. A lingua de Camões permanece intacta. O que se fez, aqui, foi enriquecel-a com uma variedade enorme de vocabulos, creados pelas exigencias de uma nova vida. As palavras trazidas do mar para a terra, pelo açoriano, são tão poucas, que, claramente, não podiam produzir essa tão falada desfiguração. Talvez seja esse o motivo por que os lexicographos d'além mar fogem de recolher os nossos vocabulos.

O que se dá, no Brasil, dá-se, tambem,

em todos os paizes latinos da America. Nem por isso, a lingua de Cervantes foi desfigurada. O mesmo acontece, ainda, nas colonias e nos dominios das nações europeas, nos diversos continentes. Demais, si houve tal alteração no idioma, foi ella feita pelos proprios portuguezes, logo depois da conquista.

\* \* \*

E' muito conhecida, entre nós, a fructa do "butiazeiro", de côr amarello-vermelha. Ha o "butiá" doce, que chega a enjoar, muito apreciado pelos selvicolas e pelas nossas creanças, e o "butiá" azedo, amargoso e intragavel, mas que muitas donas de casa aproveitam para, com elle, fazer um saboroso licor.

Fala Apollinario Porto Alegre:

"Butiá", fructa do "butiazeiro".

Etym. De "ybatauí", que consta de dois elementos: "ybá", fructa, e "tauí" por "taguá", no antigo tupi, significando vermelho, e, no actual tupi amazonico, amarello, pois, nas diversas variedades de fructas desta palmeira, as ha, desde o tom amarello desmaiado até ao rubro fechado".

Em seguida, o autor manda ver a etymologia de "batauí", a qual é a seguinte:

"Batauí", ou "patauí", denominação com que é conhecida, em Matto Grosso e no valle do Amazonas, uma palmeira, ficando a primeira na nomenclatura scientifica.

E' o "oenocarpus batauí de Martius". Assemelha-se á "bocaba" no porte e produz fructas avermelhadas, quando maduras, das quaes os indios fazem vinho.

Suppomos proceder de "ybá" e de "taguá", ou "tauí", que, no dialecto tupi do Amazonas, equivale a amarello e designa, ainda, uma argila ochrosa da mesma côr.

"Taguá", por sua vez, consta de "tá", fogo, e "guá", pintura, isto é — colorido côr de fogo.

"Taguá", no antigo tupi, tinha a significação de barro vermelho (Vide Figueira Gr. Tupi) e, portanto, como adjectivo, designava a mesma côr. Actualmente, a accepção descaiu, por haver "curi" para a argila de coloração rubra".

Apollinario Porto Alegre não entra em particularidades sobre as differentes fór-

mas que tomou a palavra "ybatauí", "batauí", ou "patauí", antes de se fixar, definitivamente, em "butiá", no portuguez

Continuando nos seus estudos sobre a letra B, chega elle á palavra "butiatuba", synonymo de "butiazal", bosque de "butiazeiros". Procede de "ybatauí" + "tyba", suffixo correspondente ao portuguez em "al". E diz que a "difficil pronuncia do y, que produz, gutturalmente, um som intermedio entre i e u, fez com que taes vocabulos, de procedencia indigena, ora passassem para a linguagem vulgar em "tuba", ora em "tiba".

"Butiazada", grande porção de "butiás". "Butiazal", entre as pessoas cultas, "Butiazeiro", palmeira do genero côco, de que ha algumas variedades, notandose, entre ellas, o C capitata e o C eriospatha".

\* \* \*

O sr. Affonso de E. Taunay diz que, nas suas viagens pelo interior de S. Paulo e de Minas, entre pessoas de pouca illustração, recolheu vocabulos, de que não tivera, até então, conhecimento.

Tambem, no lugar onde residia (Casa Branca) o director do antigo Instituto Brasileiro, a população dos arredores era, nessa epoca, quasi toda analphabeta, e descendiam, na maior parte, de açorianos com guaranys e raros africanos.

Era entre essa gente simples e boa que Apollinario Porto Alegre fazia farta colheita de palavras, para elle, ainda desconhecidas.

A par de vocabulos classicos que os seus visinhos usavam, como cercear, por cortar; um eito, por uma limpa, deparou-se elle com trez termos synonymos, representando os trez factores da nossa nacionalidade, e que lhe causaram viva impressão. São esses termos: "penso", "cambaio" e "guenzo". Exemplo: Este branco está "penso", "cambaio", "guenzo".

A respeito, diz o saudoso professor:

"Penso", que ainda os lexicographos não colligiram, apezar do povo, conservador em seus habitos, salvá-lo pelo uso, vem do verbo latino "pendere"; é o participio "pensum". "Cambaio" é do guarany. "Guenzo" é do "bantú".

De modo que, assim, se foram formando muitos vocabulos, para usos particulares e do povo.

Durante muitos annos, as pessoas rústicas diziam "butiatuba", do guarany em toda a sua pureza, referindo-se a um bosque de "butiazeiros", vocabulo que, ao correr do tempo, pela desinencia em "al",

tomou a fôrma portugueza, dizendo-se hoje "butiázal".

A. Daisson

("Correio do Povo", Porto Alegre)

## OS CONGOS

A cidade amanhecera festiva. Um reboliço confuso agitava o povo que alegre, enchia as ruas e beccos. A igreja ornamentada e florida abria as suas largas portas a uma grande massa humana, que affluia de toda parte.

No côro, a philharmonica "Lyra de Prata" tocava symphonias e marchas religiosas.

Era a festa de Nossa Senhora do Rosario, a "padroeira", se essa palavra pode ser feminizada dos negros.

Nas ruas, os congos cantavam grotescamente, ao som dos pandeiros enfeitados. Levaram ensaiando durante muitos dias e agora eil-os saltando, correndo, pulando, dansando, ao rythmo cadenciado das suas cantigas e das suas resas.

O congado é genuinamente africano. Os negros vestem "anaguas" muito alvas e bordadas e trazem na cabeça enormes chapéos de palha, enfeitados de penachos multicolors e pequenos espelhos. Cada qual leva um pandeiro envolto em fitas e rendas e se envolve em uma capa rendada, da gangas e galões dourados. Na frente, num arremedo grotesco e ridiculo de monarchas, dois pretos velhos com corôas de latão e mantos carnavalescos, caminham empunhando sceptros de metal ordinario.

O "rei" veste um velho fardão da esquadra nacional e traz arrastado, por entre as pernas tropegas, uma velha espada enferrujada. Atraz os congos, suarentos, cheirando a cachaça e a "gingibirra", cantam e pinoteiam.

Hoje é o nosso dia grande

Oê...

Dia de Nossa Senhora

Oê...

O nosso rei vem aqui...

Oê...

Segurando a sua espada

Oê...

Salve, salve, minha gente,

Oê...

Que é hoje o nosso dia...

Oê...

Dia de Nossa Senhora...

Oê...

E da nossa adoração...

Oê...

Os pandeiros tilintam. Os dedos ageis correm na pellicula e arrancam sons roucos e soturnos. Os moleques, com interesse e admiração acompanham curiosos. Os negros reverentes seguem o bando, com uma profunda convicção religiosa. Os "reis" erectos, firmes, orgulhosos, compenetrados da sua força e grandeza, dão de vez em quando alguma ordem aos seus generaes, que seguem ao seu lado. Em duas alas, os congos se formam para que os seus "soberanos" transponham o adro da igreja. A missa começara.

No throno florido e enfeitado de espelhos e latão, os dois monarchas acompanham attentos, aos mais rijos principios protocollares, a cerimonia religiosa.

Os congos, fóra, na rua, continuam a cantar e a sacudir os seus pandeiros. A mais estricte e rigorosa disciplina os une e os fraterniza. Ha generaes, capitães e soldados. Os generaes são feitos por promoção e os capitães pela escolha do general, commandante em chefe.

— Alto!

— Direita vorvê! grita com emphase e orgulho, o garrido commandante, cheio de pennas de pagagaio e com um velho chapéu de dois bicos que tinha pertencido a um antigo capitão-mór da Independencia.

Os soldados disciplinados, obedecem quasi que automaticamente, á vez do chefe.

— Esse nosso generá...

Oê...

E' homem de estimação...

Oê...

Bota nois p'ra guerrear,  
Oê...  
E depois para vencê...  
Oê...

O general agradece, com sobrançeria, as felicitações encomiasticas. Depois de muitas reviravoltas, o congado vae esperar na porta da igreja, a sahida dos "soberanos". Terminada a missa cantada, paga pelos festeiros, estes se dirigem ao "palacio real", onde está preparado um lauto banquete, de muitos talheres, para os "reis" e os seus vassallos.

As mais variadas iguarias, os pratos mais appetitosos, os fructos mais saborosos, ali estão enchendo d'agua a bocca dos convivas reaes. As bandeirolas e as

sanefas tremulam nos portaes e nos "cacheros" da casa. Uma orchestra aspera de instrumentos metallicos desfere "valsas" e "schottes" sonorosos. Foguetes estrellegam, de vez e o vinho espumeja nas taças de crystal. Na cabeceira da mesa os dois monarchas, orgulhosos, presidem ao banquete. Ao seu lado, o general, commandante o seu ajudante de ordens servem-n'os humilde e prestimosamente. Sobre a toalha alva, os talheres areados, brilham, faiscando.

.....  
E assim, acabou esse anno, a festa tradicional dos congos, em Joaseiro, no sertão da Bahia.

Bahia.

*Prado Ribeiro*





## NOTAS DO EXTERIOR

---

### MAIS UMA PERSPECTIVA FAVORAVEL Á BORRACHA

*O emprego da gomma elastica no calçamento das ruas. — Em pról do resurgimento economico da Amazonia.*

Pelo bem conhecido periodico *India Rubber World* nos chegou uma importante noticia: Boston foi a primeira cidade americana a experimentar pavimentos de borracha nas ruas. Na primeira quinzena de maio foi assente, numa ponte, na parte commercial da cidade, um pavimento de borracha. Embora na Inglaterra estes pavimentos já tenham sido experimentados ha alguns annos, a primeira experiencia naquelle paiz foi feita com blocos de pavimentação, de invenção e fabricação americanas.

O sitio escolhido para a experiencia foi o lanço da ponte da Northern Avenue, que tem um transito enorme de vehiculos pesados, puxados por cavallos, assim como de automoveis, em direcção ás docas, aos depositos de carga dos caminhos de ferro, armazens de deposito e fabricas. Mil vehiculos, por hora, aproximadamente, cruzam essa ponte em ambas as direcções. O entaboamento da ponte tem que ser frequentemente renovado, e com certeza, o pavimento de borracha ali será submettido á mais decisiva das provas.

Foram collocadas duas secções, de 18 pés quadrados, cada uma, no dia 7 de maio, na parte da estrada destinada a vehiculos puxados por cavallos, e a outra, a 14 de maio, na parte destinada a automoveis e auto-caminhões, no centro da ponte, num total de perto de 650 pés quadrados. Os blocos de pavimentação medem seis por doze pollegadas, e têm uma pollegada de espessura. São compostos de cerca de um terço de borracha nova e dois terços de borracha velha, e, ao serem vulcanizados, os blocos são submettidos á temperatura de 333 grãos e á pressão de 2.500 libras.

O grande embaraço que surge, obstando o resultado completamente satisfatorio do pavimento com blocos de borracha, tem sido a impossibilidade de evitar que os blocos se encurvem. A cimentação á base da estrada não deu resultado. Os blocos de pavimentação Wright são construidos com duas abas semi-circulares, de um lado, e uma aba no outro lado, na base do bloco, a qual encaixa na abertura correspondente, na base do bloco adjacente. Isto é um desenvolvimento da

disposição de travamento dos ladrilhos de borracha Wright para pavimento de casas. São introduzidas espigas especiais através das abas dos blocos, no taboado novo e liso da ponte, ou o dispositivo especial usado nas fundações de estradas de cimento. Os blocos são collocados, alternadamente, um liso e outro curugado, em cimento de borracha quente, que liga os blocos uns aos outros e á base, produzindo um pavimento impermeavel sobre a fundação da ponte ou da rua.

A ligeireza e certeza com que este pavimento pôde ser collocado foram demonstradas por um grupo de quatro operarios da ponte, um para lançar o cimento, outro para o estender, um terceiro para collocar os blocos e o quarto para metter as espigas. As primeiras centenas de blocos foram collocadas á razão de 60 pés quadrados por hora.

O pavimento de borracha, uma vez assentado, apresenta uma apparencia excellente, segundo nos affirmam, e as pessoas peritas na especialidade estão entusiasmadas. Depois da primeira parte ter estado em uso constante, por perto de uma semana, relata o autor desse artigo que, com surpresa de todos os observadores, as ferraduras mais agudas e as pesadas borrachas de auto-caminhão com correntes de aço não deixaram arranhadura, rasgão ou qualquer marca no pavimento. Transcrevemos mais o que se segue:

Quando os cavallos e vehiculos passam sobre a parte pavimentada de borracha, nota-se logo a falta de barulho, o que ainda mais accentua a conveniencia deste typo de pavimento para pontes e zonas de socego nas ruas adjacentes a hospitaes e outras instituições, residencias e grandes edificios de escriptorios.

Embora o pavimento de borracha custe cerca de tres vezes mais do que o de blocos de madeira, affirmam os que têm estudado as suas qualidades que durará muito mais tempo, provavelmente mais de vinte annos, sendo, pois, considerado como economia para os contribuintes da cidade. O pavimento de borracha, collocado no pateo da estação de Saint Pancrass, em Londres, Inglaterra, em 1870, está ainda bem conservado, tendo sido gastas somente 3/16 pollegadas da sua superficie em 50 annos. Além de serem silenciosos,

verifica-se que os pavimentos de borracha não serão escorregadios para os automoveis, nem para os vehiculos puxados por cavallos. A propriedade que possuem de absorver os choques e diminuir a vibração não só reduzirá o estrago de todos os vehiculos que passem sobre elles, mas, quando assentes em pontes, prolongarão muitissimo a duração das dispendiosas estruturas de aço.

Se a experiencia feita na ponte da Northern Avenue der bom resultado, outras pontes e ruas, em varios pontos da cidade, serão pavimentadas por este systema, conforme os projectos delineados. O orçamento actual destinou a somma de \$100,000 para pavimentos de borracha. E' provavel que a proxima experiencia seja na ponte de Warren Avenue, onde são assentes tres novos pavimentos de madeira por anno; e, quando o actual litigio sobre a ponte de Harvard for decidido, poder-se-ha conseguir que um pavimento de borracha imponha silencio effectivo ao discordante ruido da chamada "ponte xilophonica".

Com as experiencias que estão sendo feitas, mais uma saída terá a nossa rica "hevea". Isto quer dizer que devemos plantar e plantar borracha em todo o valle do Amazonas, para satisfazer á enorme procura que havemos de ter d'aqui em diante.

Parecerá uma chimera o que vamos adiantar, mas não o é; em menos de dez annos ter-se-ha de crear, no valle da Amazonia, um centro de irradiação commercial, nunca visto em todo o Brasil. Pará e Manáos, e outras cidades que se fundarem constituirão o emporio, não só do grande valle, como dos territorios do Perú, Bolivia e de uma boa parte da propria Venezuela. E, quanto ás Indias Orientaes, a sua queda será infallivel, mais dia menos dia, pela simples lei da offerta e da procura, que nunca falhou, queiram ou não queiram os incorrigiveis proteccionistas que deram com o mundo num pantanal, do qual ainda não pôde sair.

Mas a transformação que se terá de dar no valle da Amazonia está dependendo, entendamo-nos, de varias medidas economicas, que ficaram ajustadas entre os governos de Washington e do Rio de Janeiro, sendo uma dellas, a mais im-

portante, a substituição dos impostos de exportação pelo de capital, empregado efectivamente na mesma industria, que para o capitalista americano é *paramount*.

Satisfeita tão importante clausula, o proprio periodico, do qual extraimos esta

noticia, terá de mudar de nome: chamar-se-ha *Brasil Rubber World*.

Nova York, 1.º de Agosto de 1924.

J. C. Alves de Lima

(“O Paiz”, Rio)

### EM TORNO DE CHRISTOVAM COLOMBO

A nacionalidade do descobridor da America é hoje tão debatida, que a questão do seu verdadeiro nome constitue ainda agora objecto de estudo para os que consideram necessario esclarecer pontos não definidos do acontecimento que deu ao mundo o continente do presente e do futuro.

Muita gente de valor tem contribuido com os seus esclarecimentos para a interessante questão e se por ventura ainda se não chegou a uma decisão, é porque, além dos estudiosos, apparecem os interessados, baralhando tudo em proveito desta ou daquella nação e com desvantagem para a verdade historica eternamente obscurecida.

Um estudo digno de interesse é o que acaba de apresentar o escriptor hespanhol Ricardo Beltran y Rozpide, membro da Real Academia de Historia e secretario geral da Real Sociedade de Geographia do seu paiz.

O sr. Beltran y Rozpide, que é um notavel e conhecido americanista, tem a seu favor a sinceridade com que expõe seus estudos sobre os diferentes pontos da historia do Novo Mundo e por isto sua palavra é digna de attenção numa controversia tão prolongada. O autorizado escriptor, por isto mesmo que é sincero, não affirma, de modo preciso e concreto, qual seja a patria de Christovão Colombo; entretanto, demonstra, em seu artigo, que, segundo todos os escriptos conhecidos do descobridor, não pôde ser elle o Christóforo Colombo com que o vem identificando. Mas ainda que o não seja, poderia o navegador pertencer á uma familia genoveza tendo nascido na cidade de Genova e della haver saído, como se lê nos apontamentos historicos e como diz elle proprio na instituição do morgadio e mandatos que fez a seu filho d. Diogo ou

á pessoa que herdasse o morgadio. Tudo isto podia ser ou succeder. Mas “foi”? — pergunta o sr. Beltran y Rozpide. Sob pena de affirmar que Christovão Colombo mentiu ou que é apocrypho o documento citado, a positiva declaração que o proprio descobridor fez parece que obriga a reconhecer que elle era genovez: mas genovez nascido em Genova. E deste modo, não cabe falar de Saona, Cogoleto, Albisola ou outro qualquer logar dependente ou não de Genova. E então affirma o escriptor hespanhol que se alguém ouviu dizer que Colombo era de Saona ou de qualquer ponto, ou ouviu mal ou ouviu bem de quem faltou com a verdade. E o documento de que se soccorre o sr. Beltran e que é do punho do navegador, diz: “e de familia cujo appellido era e havia sido sempre Colón”, devendo ser o herdeiro de morgadio “homem de minha verdadeira linhagem, que se tenha chamado, se chame e chame a seus antecessores Colón”. E dahi conclue tambem o escriptor que deante da affirmação categorica do navegador que descobriu a America é preciso reconhecer-se que, nascido na cidade de Genova, nesta mesma cidade se chamou e chamou aos seus antecessores Colón, e não Colombo ou Colombo.

“Se se admitte — diz o sr. Beltran — que Colombo ou Colombo das actas notariaes de Genova, e Saona não pôde ser o descobridor da America, têm que ser descobertos outros Colombos que possam ser considerados antecessores do primeiro almirante das Indias. E certamente havia onde descobrir parentes e linhagens; só no seculo XV cita Harrise 124 individuos com esse appellido e no Genovezado, alguns nautas e ainda um pirata, Vicenzo Colombo, a quem enforcaram em Genova a 18 de dezembro de 1492, (Harrise, tomo II, Appendice F.:

na lista dos Colombos apparecem 12 Bartolomeus e seis Giacomas ou Diegos). Mas é bem sabido que ninguem pôde ainda provar o parentesco do nosso Colón com qualquer dos numerosos Colombos que viviam na Italia no seculo XVI".

E falando na confusão da identidade de nomes, argumento dos que pensam contrariamente a elle diz o sr. Beltran que se não se pôde admittir essa identidade entre Colón e Colombo, necessario se torna procurar a verdadeira linhagem ou familia dos Colóns e dos Colombos, para vêr a qual deverá ter pertencido o navegador que na Hespanha se chamava Cristobal Colón. E como não appareceram parentes de um ou de outro ramo, dahi nasceu a confusão que tem conduzido á controversia ainda agora bem accesa. Outros escriptores têm contribuido para alimentar as duvidas e os argumentos poderosos esbarram no ponto onde se começa a pensar naquelles de quem o navegante descende.

Ao tomar a peito a grande empresa que dirigiu com os Pinzones, Colombo, que se apresentou na Hespanha como estrangeiro, considerava-se hespanhol a tal ponto que, á parte o latim, que empregou em algumas occasiões, foi o castelhano a lingua em que sempre falou e escreveu. E esse facto tambem contribue para as duvidas sobre a nacionalidade do arrojado marinheiro.

Os que sustentam sem outros argumentos solidos como os do sr. Beltran que Colombo era positiva e indiscutivelmente italiano, dizem que elle escrevia mal o castelhano; mas o escriptor hespanhol não considera isto um argumento, porque diz que, todavia, o almirante escrevia a lingua de Castella com mais acerto do que muitos castelhanos seus contemporaneos ou posteriores. E a incorrecção não era tão notavel como o desconhecimento que o navegador tinha do italiano, o que o sr. Beltran explica com o facto de ter elle vivido a maior parte da sua vida em Portugal e na Hespanha, o que lhe permittia conhecer mais o castelhano e o portuguez do que o italiano.

E affirma o sr. Beltran: "Se Colón nasceu em Genova e conviveu com italianos em seus primeiros annos, deve ter falado o dialecto italiano. Todavia,

a julgar por algumas notas marginaes escriptas em manuscriptos que possuia e que chegaram até nós, notas em que se lêem palavras e phrases na referida lingua, o certo é que a devia falar muito pouco e muito mal".

Isto demonstra, mais uma vez, portanto, que se Colombo saiu de Genova, fel-o quando, como disse, ainda se achava em muito tenra idade, pois até as suas annotações em latim se resentem da influencia do castelhano e do portuguez, linguas que conhecia perfeitamente.

Concluindo as suas observações, o escriptor Beltran y Rózpide, depois de assegurar que o grande navegante sempre se quiz chamar Colón á hespanhola e não Colombo, diz:

"As considerações que precedem poderão suggerir a idéa de que Cristobal Colón foi hespanhol ou oriundo de terras hespanholas. Para crel-o, ha, de facto, muitos indicios; mas não bastam indicios. Faltam provas fidedignas para negar a qualidade de estrangeiro a quem como tal se considerava mesmo até aos seus ultimos dias, naquella "Carta rarissima" de 1505... "quem acreditaria que um pobre estrangeiro se houvesse de erguer a tal altura contra V. A..."

"Mas repito que sempre procedeu como hespanhol, e como se fosse natural de Hespanha os reis o consideravam, tanto que em abril de 1497, ao dar-lhe faculdade para fundar um ou mais morgadios, justificavam a mercê, entre outros motivos, lembrando que era coisa propria dos reis e principes "honrar e sublimar seus subditos e naturaes."

Das affirmações do sr. Ricardo Beltran y Rózpide se conclue, até que appareçam documenos mais positivos em contrario, que Colón — como o navegador se chamava na Hespanha — deve ter sido genovez de nascimento, mas castelhano de coração e por adopção. E se não se concluir isto, é porque essa questão controvertida é mais difficil de esclarecer do que difficil foi ao descobridor encontrar terras americanas, depois da relutancia dos seus incredulos commandados.

\* \* \*

Quem foi que descobriu a America? E' outra paternidade que desafia toda investigação.

Quanto mas o novo mundo avança em annos, mais se complica a questão de saber a quem se deve esse presente optimo á civilização.

Durante muito tempo Colombo desfrutou sózinho as glórias do seu alto feito; mas depois os concorrentes vieram surgindo, cada qual mais fortemente amparado "pelos documentos que acabam de ser encontrados", em tal ou qual archivo, e tantos se apresentaram que a lista dos descobridores da America é hoje alentada e brilhante.

Mas as duvidas permanecem, pelo menos para quem não é genovez ou mais extensivamente, italiano como Colombo.

Ainda agora, velhas cartas geographicas ha pouco desencavadas nos archivos do Vaticano fazem reviver a questão.

Baseados sobre ellas, o padre Devine, erudito canadense, e monsenhor Evers,

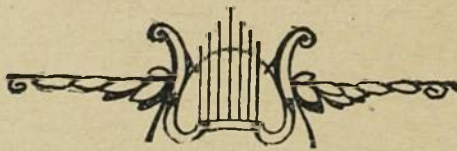
de Nova York, reivindicam a recompensa da historia, o primeiro para o irlandez Cabot que, aliás se inscreveu ha muito na lista numerosa — e o segundo para um navegante, tambem irlandez, Bredan, graças ao qual toda a America do Norte era conhecida desde o anno 1.000 da graça de Nossó Senhor Jesus Christo.

Cabot, segundo refere o padre Devine, fazendo-se de vela do porto de Bristol, aportára ás longinquoas terras da America alguns seculos antes das caravellas Santa Maria, Niña e Pinta, do navegador genovez.

Os scandinavos possuem tambem documentos que affirmam serem as costas americanas frequentadas por navegadores seus, taes como Biörn Herinlfson e Leif Eriksom, em época anterior a 1492.

Apezar de tudo, Colombo resiste.

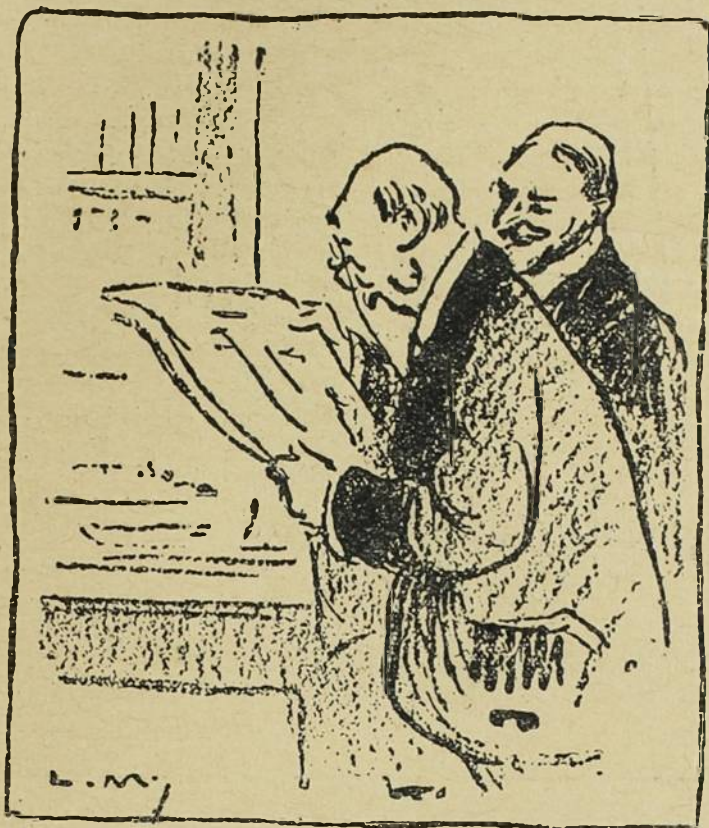
( 'Correio da Manhã', Rio)



# AS CARICATURAS DO MEZ

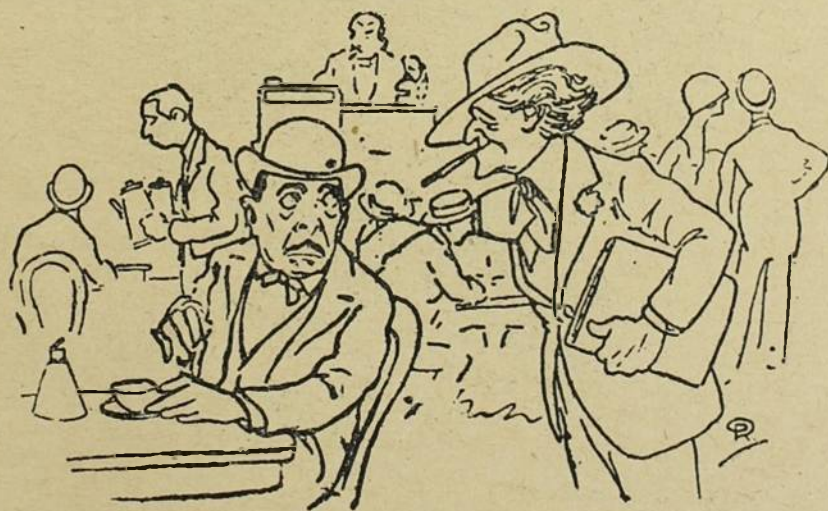
## ELEIÇÕES ACADEMICAS

Os expoentes.



- Como foi este eleito? Não vejo ahi senão zeros.  
— Isto não é somma dos votos obtidos, é a lista das suas obras.  
(“Rire”, Paris).

## OS AMBULANTES



- Quiere usted retratar-se?  
— Perdão. Eu sou um homem sem opiniões.  
(D. Quixote — Rio).

NA "EXPOSIÇÃO DA E. N. BELLAS ARTES"



- Mas não ha nada pintado aqui, neste quadro.  
— E' assim mesmo... Talvez seja a "Immaculada Conceção".  
(D. Quixote — Rio).



- Passa para cá um tostão.  
— ?!  
— Então, não sabes que collecciono raridades historicas?  
(D Quixote — Rio).

# LOTERIA DE S. PAULO

17 de Outubro

Sexta-feira

60:000\$000

POR 9\$000

Os Bilhetes já se acham à venda em  
\_\_\_\_\_ toda a parte. \_\_\_\_\_

## Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Imperio do Brasil, ennumerando toda a ascendencia e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

# As melhores grammaticas da lingua portugueza

SÃO AS DE

EDUARDO CARLOS PEREIRA

## GRAMMATICA EXPOSITIVA

CURSO ELEMENTAR. Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 28.<sup>a</sup> edição com um appendice sobre composição . . . . . 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 15.<sup>a</sup> edição com um appendice sobre estylistica. . . . . 8\$000

## GRAMMATICA HISTORICA

Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 4.<sup>a</sup> edição . . . . . 10\$000

PEDIDOS A'

Companhia Graphico-Editora "Monteiro Lobato"

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO

Desconto de 30 o/o aos revendedores  
e aos collegios e professores.

# " P E G A S O "

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY

ORLÉTES  
ACQUARONE



# **Nutrition**

**E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO**

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

# DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularisar as funcções dos orgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção digestiva pelo uso da

## GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

**PAU FERRO - SUCUPIRA**

**JAMELÃO e CAJUEIRO**

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

## PARA BREVE!

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato  
tem no prélo as seguintes obras jurídicas:

*Dr. Martinho Garcez*

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS  
E COMMERCIAES  
CODIGO CIVIL EXPLICADO

*Dr. Eduardo Espindola*

DIREITO DE FAMILIA  
PARECERES

*Dr. Alfredo Bernardes da Silva*

PARECERES

*Dr. Waldemar Ferreira*

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

*Dr. Diogo Carlos de Menezes*

DICCIONARIO JURIDICO

*Dr. Azevedo Marques*

DA HYPOTHECA

*Melchisedeck Jehovah de Brito*

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

*Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)*

PSYCHOLOGIA DOS CRIMES

O TYPO VENCEDOR DA ESPECIE  
HUMANA

O SENTIMENTO AMOROSO

*Instituto dos Advogados Brasileiros*

LIVRO DO CENTENARIO

*Henry George*

PROBLEMAS SOCIAES

PEDIDOS Á

**Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato**

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

## Ultimas Edições da

# Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart. . . . .	4\$000
DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, enc. . . . .	30\$000
O BRASIL E A DOUTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch. . . . .	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch. . . . .	4\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch. . . . .	5\$000
MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc. . . . .	30\$000
VESPEIRA, Moacyr Piza, broch. . . . .	5\$000
HUMOR, Sud Mennucci, broch. . . . .	5\$000
POEMAS E CANÇÕES, Vicente de Carvalho, broch. . . . .	6\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch. . . . .	12\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch. . . . .	5\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch. . . . .	20\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch. . . . .	8\$000
O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato, broch. . . . .	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, Afonso Lopes de Almeida, broch. em papel fôfo 5\$000, em papel jornal. . . . .	3\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, Oswaldo Barroso, broch. em fôfo, 4\$000, em jornal . . . . .	2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, Padre Heliodoro Pires, broch. . . . .	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch. . . . .	8\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.. . . . .	3\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc. . . . .	20\$000
AMOR IMMORTAL, J. A. Nogueira, broch. . . . .	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, Roque Callage broch. . . . .	4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch. . . . .	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO